



Universidade de Cruz Alta

Josiane Carla Moreira Guimarães Amorim

**Campanhas Eleitorais: o discurso do Sartori sob a perspectiva da Análise
do Discurso de Linha Francesa (AD)**

Dissertação de Mestrado

Cruz Alta - RS, 2017.

Josiane Carla Moreira Guimarães Amorim

**Campanhas Eleitorais: o discurso do Sartori sob a perspectiva da Análise
do Discurso de Linha Francesa (AD)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Fontoura Dorneles

Cruz Alta - RS, Junho de 2017.

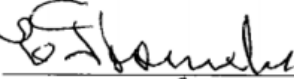
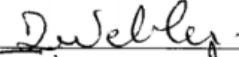
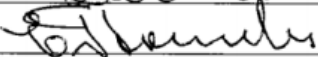
Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão
Programa de Pós-Graduação *Strictu sensu* em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento
Social

**Campanhas Eleitorais: o discurso do Sartori sob a perspectiva da Análise
do Discurso de Linha Francesa (AD)**

Elaborada por
Josiane Carla Moreira Guimarães Amorim

Como requisito parcial para obtenção do Título de
Mestre em Práticas Socioculturais e
Desenvolvimento Social.

Banca Examinadora:

Prof ^ª . Dr ^ª . Elizabeth Fontoura Dorneles		UNICRUZ
Prof ^ª . Dr ^ª . Darlene Arlete Webler		FURG
Prof ^ª . Dr ^ª . Maria Cleci Venturini		UNICENTRO

Cruz Alta – RS, 23 de junho de 2017.

Cruz Alta – RS, 23 de junho de 2017.

Dedico este trabalho

Ao meu Pedro pela compreensão, companheirismo, paciência, amizade, cumplicidade e amor
em todos esses anos e pelos que estão por vir.

Aos meus pais Adão e Vera pelo amor incondicional.

Aos meus sogros Paulo e Lorileida, segundo pai e segunda mãe que a vida me deu.

Para a minha tia de coração Marilei, há algo que nos liga que só a espiritualidade pode
explicar, é um prazer estar contigo.

E para meu filho Pedro que espero ansiosamente e que vem me acompanhando na construção
desta dissertação.

RESUMO

Campanhas Eleitorais: o discurso do Sartori sob a perspectiva da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD)

Autora: Josiane Carla Moreira Guimarães Amorim
Orientadora: Prof^a. Dra. Elizabeth Fontoura Dorneles

O ato de votar é obrigatório em todo território brasileiro, escolher os governantes que irão representar a população é importante visto que eles tomarão as decisões por toda a população de um município, estado ou de todo o país. A escolha de quem será o representante pode num primeiro momento parecer fácil, mas não é, cada candidato traz consigo suas ideologias, suas formas de pensar que poderão deixar claro como esse candidato irá agir se for eleito. Nesta dissertação se utiliza da Análise do Discurso (AD) de Michel Pêcheux como metodologia para analisar o discurso do então candidato José Ivo Sartori (PMDB), atual Governador do Estado do Rio Grande do Sul, mandato 2015-2018, através de recortes retirados da gravação do debate de segundo turno entre José Ivo Sartori e seu oponente Tarso Genro (PT) na TV Pampa e das notícias midiáticas sobre a campanha de Sartori. O problema da pesquisa envolve a tentativa de trazer à tona possíveis estratégias discursivas usadas no discurso de Sartori. O objetivo geral é apresentar os principais fatores que influenciaram a campanha eleitoral (2014) do Governador Sartori através da AD para compreender a constituição do discurso político e do sujeito Governador Sartori durante a campanha eleitoral que este participou. O candidato Sartori utilizou-se de recursos discursivos apropriados para desqualificar seu opositor e qualificar-se. A AD tem mecanismos que permitem desvelar aquilo que terá grande importância na conquista dos eleitores, esses mecanismos contribuem para compreender o funcionamento da argumentação durante as campanhas políticas. A partir deste estudo acredita-se ter colaborado com importantes aspectos do discurso diante de uma situação de prática sociocultural discursiva da qual elege-se pessoas que responderão pelo bom ou mau encaminhamento das políticas públicas que comprometem a todos os cidadãos.

Palavras-Chave: Análise do Discurso. Campanha Eleitoral. Ideologia. Sartori

ABSTRACT

Electoral campaigns: Sartori's speech from the perspective of French Line Speech Analysis (AD)

Author: Josiane Carla Moreira Guimarães Amorim

Advisor: Prof^a. Dra. Elizabeth Fontoura Dorneles

Voting is mandatory in all Brazilian territory, choosing the rulers who will represent the population is important once they will take decisions for the entire population of a city, state or the whole country. The choice of whom will be the representative may, at first, seem easy, but it is not, each candidate brings with them their ideologies, their ways of thinking which can make clear how this candidate will act if elected. In this dissertation we use Michel Pêcheux's Speech Analysis (AD) as a methodology to analyze the speech of the, then, candidate José Ivo Sartori (PMDB), current Governor of Rio Grande do Sul State, 2015-2018 mandate, through The second round debate between José Ivo Sartori and his opponent Tarso Genro (PT) on TV Pampa and the media reports on the Sartori's campaign. The problem of research involves the attempt to bring out possible speech strategies used in Sartori's speech. The general objective is to present the main factors that influenced Governor Sartori's electoral campaign (2014) through the AD to understand the constitution of the political speech and the subject Governor Sartori during the electoral campaign that he participated. The candidate Sartori used the appropriate discursive resources to disqualify his opponent and to qualify himself. The AD has mechanisms which allow to reveal what will have great importance in the conquest of the voters, these mechanisms contribute to understand the functioning of the argumentation during the political campaigns. From this study it is believed to have collaborated with important aspects of the discourse before a situation of discursive sociocultural practice from which people are chosen who will respond for the good or bad direction of the public policies that compromise to all the citizens.

Keywords: Speech Analysis. Election campaign. Ideology. Sartori.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
CP	Condições de Produção
PT	Partido dos Trabalhadores
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
SD	Sequência Discursiva
FD	Formação discursiva

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA.....	15
2.1 Ciência e Quantificação.....	15
2.2 Ciência e Interpretação	16
3 NOÇÕES E ACONTECIMENTOS DESTACADOS NA CAMPANHA.....	23
3.1 Sociedade e Estado	23
3.2 Formação Social.....	24
3.3 História e o direito de votar e ser votado	25
3.4 Breve histórico sobre voto no Brasil	27
3.5 Disputas eleitorais para Governador - RS	30
4 CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO	34
4.1 Fala Pública.....	34
4.2 O Político e a Fala Pública	36
4.3 Povo e a Fala Pública.....	37
4.4 Linguagem e Discurso	42
4.5 Discurso Político	44
4.6 Ideologia	51
5 CONSTITUIÇÃO DE POSIÇÕES NO DISCURSO POLÍTICO	53
5.1 Condições de Produção	53
5.2 Formações Imaginárias.....	55
5.3 Sujeito do Discurso e Posições-Sujeito.....	58
5.3.1 Sartori: o professor	60
5.3.2 Sartori: o filho.....	62
5.3.3 Sartori: o gringo.....	64
5.4 Rememoração/Comemoração e Discurso Político	66
5.4.1 Rememoração e o Gestor Competente	69
5.4.2 Comemoração e o Gestor Incompetente	71
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75

REFERÊNCIAS	77
ANEXOS.....	82

1 INTRODUÇÃO

O objeto discursivo desta dissertação é o discurso político na campanha eleitoral de José Ivo Sartori, que é o Governador do Estado do Rio Grande do Sul, mandato 2015-2018. Tem como *corpus* de análise o debate entre os candidatos Tarso Genro (PT) e José Ivo Sartori (PMDB). A dissertação é realizada sob a perspectiva da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD).

A Análise do Discurso (AD) nasceu na França na década de 60, sendo nomeada primeiramente como Análise Automática do Discurso (AAD) e traz em sua constituição objetivos mais amplos que simplesmente ser uma nova forma de ler. (DORNELES, 1998, p. 25)

Para o analista do discurso o que interessa, conforme Orlandi (2012, p.45), “é a ordem da língua enquanto sistema significante material”. Logo, conforme Dorneles (1998, p. 71) “Não é a organização sintática, por exemplo, que faz significar no discurso, mas é o funcionamento enquanto materialidade discursiva”. Não é possível dar sentido às manifestações de linguagem sem que haja interpretação, e também não é possível evitá-la ou ser indiferente a ela. A linguagem é incompleta, não no sentido próprio da incompletude, mas quanto à possibilidade de o dizer constituir-se por furos e por memórias e discursos que retornam. Trata-se do não fechamento, apesar da constituição de evidências de completude, decorrentes do funcionamento da ideologia, conforme Pêcheux (1995)

No momento em que se compreende a incompletude da linguagem e sua materialidade, a interpretação passa a ser significada como um gesto necessário e que interfere na relação do sujeito com o mundo. Ou seja, sempre existe a interpretação, não há sentido sem o gesto de interpretar.

A Análise do Discurso não possui uma metodologia definida, cabe ao pesquisador, com base em princípios, definir os procedimentos teórico-metodológicos que irá utilizar. Recomenda-se a mobilização da Análise do Discurso quando se quer mostrar a forma como algo foi dito, bem como quem fala, para quem e como fala e os sentidos que isso constitui. Pois através dela é possível chegar aos sentidos das interações entre sujeitos. A Análise do Discurso apresenta-se como uma disciplina da interpretação e a interpretação nada mais é do que dar sentido às manifestações de linguagem.

A materialidade de análise são textos degravados do debate realizado entre José Ivo Sartori e seu oponente Tarso Genro na TV Pampa, no segundo turno da campanha eleitoral e peças publicitárias da campanha e as diretrizes do Plano de Governo do candidato Sartori.

Não há como negar que uma eleição envolve, no mínimo, a população que já atingiu a maioridade civil e alguns que, ao completarem 16 (dezesesseis) anos, já entendem o quanto importante é a sua participação para escolher quem serão os próximos gestores, seja em âmbito municipal, estadual ou federal.

Analisar o discurso do então candidato José Ivo Sartori surgiu como curiosidade em compreender o seu posicionamento frente aos desafios que a campanha lhe impôs. A escolha da AD para proceder toda análise justifica-se pelo fato de que essa é uma disciplina de entremeio, nas palavras de Orlandi (2015, p. 32) “Uma disciplina de entremeio é uma disciplina não positiva, ou seja, ela não acumula conhecimentos meramente, pois discute seus pressupostos continuamente”. A AD apresenta-se então como possibilidade de interpretação de fatos que têm como foco a política, ainda mais que a disciplina, que surge na França, nos anos 60 do século passado, centra suas análises iniciais no discurso político.

O tema de pesquisa tem relevância haja vista que foi através da campanha do candidato, do seu discurso, que os eleitores gaúchos foram seduzidos e o candidato José Ivo Sartori elegeu-se Governador do Estado do Rio Grande do Sul, embora suas decisões venham gerando certo desconforto na sociedade gaúcha.

Comprova-se isso no vasto noticiário das mídias que tratam de greve dos professores e da reclamação de diversos setores em relação à escassez de recursos financeiros para o Estado cumprir, inclusive, com o pagamento pontual dos salários.

Nas notícias de 05 de agosto e 31 de maio, ambas de 2016, é possível verificar a forma como vem ocorrendo o pagamento dos funcionários. Esta primeira notícia informa que os funcionários ameaçam paralisar a Segurança Pública do Estado, diante da situação dos pagamentos de seus salários, no lançamento da 39ª Expointer¹ o Governador Sartori aproveitou para criticar tal posicionamento dos servidores e justificou que esta situação não é por desejo do governo, mas devido à situação das finanças:

O governador José Ivo Sartori criticou, na manhã desta sexta-feira, a ameaça de paralisação de servidores da segurança pública do Estado ocorrida na última quinta-feira, mas que acabou contornada por uma estratégia traçada pela cúpula da área que acabou colocando mais policiamento em alguns pontos da Capital. No evento de lançamento da 39ª Expointer, em Esteio, Sartori ressaltou que o parcelamento de salários que motivou o protesto não é vontade do governo, mas uma imposição diante da situação crítica das finanças gaúchas. [...] (CIGANA, 2016)

¹ Expointer - Exposição Internacional de Animais, anul, ocorreu entre 27 de agosto e 04 de setembro de 2016.

Já a notícia de maio apresenta um exemplo de que os salários estavam sendo depositados conforme uma linha de corte e a partir dela estavam sendo efetuados os pagamentos dos salários:

O governo do Rio Grande do Sul vai parcelar o salário do funcionalismo estadual ligado ao Executivo pelo quarto mês consecutivo. Nesta terça-feira (31), será depositada uma parcela individual de até R\$ 3.500 líquidos referente à folha de maio. Isso é suficiente para o pagamento integral de 73% dos servidores. A previsão é que os vencimentos sejam totalmente complementados até 13 de junho.

A linha de corte de R\$ 3.500 é maior do que a de meses anteriores - em abril, por exemplo, a parcela inicial foi de R\$ 2.000. Um dos motivos que explicam o déficit menor é a liminar do Supremo Tribunal Federal (STF) que impede o Tesouro Nacional de reter repasses federais ou bloquear as contas do Estado pelo atraso no pagamento da dívida com a União.

Em contrapartida, as contas do Rio Grande do Sul foram impactadas negativamente pela entrada em vigor de uma nova parcela do reajuste salarial para os servidores da área da segurança pública. O aumento foi concedido pelo ex-governador Tarso Genro (PT), antecessor de José Ivo Sartori (PMDB).

Desde que assumiu, em janeiro do ano passado, Sartori vem implementando uma série de medidas de ajuste fiscal. Nesta semana, o secretário da Fazenda do Rio Grande do Sul, Giovani Feltes, está em Brasília para participar da rodada de negociações com o governo federal a respeito da dívida dos Estados com a União. A renegociação da dívida é considerada essencial pela equipe de Sartori para que o Estado possa reequilibrar seu quadro fiscal num ambiente de desaquecimento econômico e queda na arrecadação.

O parcelamento de salários no Rio Grande do Sul atinge funcionários ativos, inativos e pensionistas ligados ao Poder Executivo. Servidores estaduais do Legislativo e do Judiciário ficam livres do escalonamento.

De acordo com dados fornecidos pela Secretaria da Fazenda do RS, a folha do Poder Executivo fechou o mês de maio em R\$ 1,408 bilhão. Desse montante, o valor líquido dos salários corresponde a R\$ 1,181 bilhão. O restante se refere a compromissos do Tesouro estadual com as consignações e os tributos incidentes. (CHAVES, 2016)

No dia 21 de novembro de 2016, o conhecido “Pacote do Sartori” teve como um dos principais atos divulgados em toda a imprensa a extinção de 11 órgãos, dentre estes órgãos estão: Fundação de Ciência e Tecnologia (Cientec), Fundação Cultural Piratini (FPC, que mantém a TVE), Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos (FDRH), Fundação de Economia e Estatística (FEE), Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro), Fundação Estadual de Produção e Pesquisa em Saúde (Fepps), Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (FIGTF), Fundação de Zoobotânica (FZB), Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional (Metroplan), Superintendência de Portos e Hidrovias (SPH), Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag). Em torno de um mil e cem a um mil e duzentos funcionários serão demitidos, além dessa medida ainda há outras propostas em trâmite a serem aprovadas na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Segue a notícia sobre a extinção dos 11 órgãos:

Sd01²

Pacote de Sartori extingue 11 órgãos e deixa governo com 17 secretarias. Segundo o governo, serão demitidos entre 1,1 mil e 1,2 mil servidores. Sartori apresentou pacote que será encaminhado à Assembleia Legislativa.

Do G1 RS (2017)

O governador do Rio Grande do Sul, José Ivo Sartori (PMDB), anunciou na tarde desta segunda-feira (21) pacote com o objetivo de conter a crise financeira no estado, que será encaminhado para a Assembleia Legislativa. Entre as medidas, estão a extinção de 11 órgãos ligados ao Executivo – nove fundações, uma companhia e uma autarquia – e a redução no número de secretarias, que passa de 20 para 17, com três fusões.

[...]

Segundo o governo, serão demitidos entre 1,1 mil e 1,2 mil servidores – entre efetivos e cargos de confiança. O governo diz que o estado deve fechar o ano com déficit de R\$ 2,359 bilhões. O déficit acumulado sem as medidas propostas pode chegar a R\$ 5,194 bilhões em 2017 e R\$ 8,822 bilhões em 2018, conforme números apresentados pelo Piratini.

O governo espera que as medidas proporcionem aos cofres do estado uma economia de R\$ 146,9 milhões por ano. Caso o pacote seja aprovado pela Assembleia Legislativa, será instituído um grupo de trabalho para acompanhar a implementação das mudanças.

"Trago a bem verdade medidas duras, mas que desenham um novo estado e novo futuro com mais qualidade de vida apoiado no empreendedorismo na sustentabilidade e na justiça social. Um estado mais moderno que sirva as pessoas e promova o desenvolvimento", disse o governador durante a apresentação do tema.

Com esse recorte sobre as notícias trazidas acerca do pacote proposto pelo executivo e sobre os parcelamentos dos salários, apresenta-se parte das condições de produção em que vêm ressoando os sentidos do discurso do candidato Sartori durante a campanha.

Tomando a sequência discursiva de referência – Sd01 tem-se o discurso de Sartori frente às mesmas condições de produção da notícia veiculada pela mídia.

Ao trazer-se esses enunciados já na introdução do trabalho, objetiva-se apontar para o exercício de contrastação entre o sujeito candidato na campanha eleitoral e o sujeito governador que ocupa tal lugar discursivo. A preocupação em proceder tal exercício justifica-se por uma das motivações que levaram a autora da pesquisa a explorar o tema do discurso político de campanha, ou seja: contribuir para que os eleitores possam compreender os mecanismos de argumentação empregados pelos candidatos a cargos eletivos buscando atingir os eleitores, levando-os a comprometerem-se com a campanha e acompanharem o desempenho dos candidatos eleitos.

A dissertação atende a proposta do Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social do Programa de Pós-Graduação, cujos objetivos visam a contribuir para o desenvolvimento de práticas socioculturais interdisciplinares a partir do fomento da produção de conhecimentos para novas práticas sociais, considerando a diversidade e

² Sequência Discursiva– SD será usada para nomear sequências discursivas que não são do sujeito em análise, mas referências a ele importantes para o processo analítico.

qualificação das discussões com os agentes sociais, além de estimular práticas que ampliem a ética e cidadania, trazendo conhecimentos sociais, ambientais, culturais e do desenvolvimento humano.

Desse modo, a pesquisa ora apresentada, alinhada aos objetivos do PPG, busca a compreensão da dinâmica das práticas discursivas em campanhas eleitorais, as quais são práticas sociais especificadas no âmbito da cultura política. Analisar um discurso eleitoral significa contribuir com a sociedade para que se consiga formar cidadãos (ãs) mais preparados para a participação política.

O trabalho se insere na linha de pesquisa “Linguagem, comunicação e sociedade” pois tem como objetivo discutir aspectos que envolvem linguagem, questões sociais e culturais. Esta linha de pesquisa se preocupa com o domínio da leitura crítica e interdisciplinar de um mundo globalizado a fim de que o sujeito atue como ator principal na constituição e sustentação de ações sociais. Assim, tem-se como objetivo geral apresentar os principais fatores influenciadores na campanha eleitoral (2014) do Governador Sartori através da AD para compreender a constituição do discurso político e do sujeito Governador Sartori, através da AD para compreender a constituição do discurso político e do sujeito Governador Sartori durante a campanha político eleitoral que ele participou.

Desta forma, o presente trabalho se justifica diante de sua relevância não somente para o meio acadêmico, mas para a sociedade em geral visto que se trata de assunto significativamente importante para todos por trazer formas de como e o que os eleitores poderão estar prestando atenção nas próximas eleições e como se instauram os processos discursivos e os efeitos de sentidos decorrentes dos embates eleitorais.

Para chegar a isso usou-se sequências discursivas de referência - SDR recortadas do debate entre os dois candidatos, Tarso Genro e José Ivo Sartori, durante a campanha, em segundo turno, como já se mencionou. A análise será realizada em paralelo com as revisões conceituais.

O texto está organizado em introdução, mais quatro capítulos que contemplam as revisões conceituais e análises, mais as considerações finais. O primeiro capítulo trata da metodologia; o segundo, noções e acontecimentos destacados na campanha; o terceiro, constituição do discurso; o quarto, constituição das posições no discurso político e o último, faz as considerações finais.

2 METODOLOGIA

Com a necessidade de buscar explicações para causas de certos fatos e também para compreender a própria realidade, a ciência e as pesquisas se desenvolveram e usam de informações obtidas, através de observações atentas e de recursos que possam fazer com que os dados tragam uma fundamentação mais ampla. (CHIZZOTTI, 2006)

A pesquisa vem a ser uma união de esforços de observações, reflexões, análises e sínteses com o intuito de descobrir “as forças e as possibilidades da natureza e da vida, e transformá-las em proveito da humanidade”. (CHIZZOTTI, 2006, p.19)

Desde o tempo primitivo sempre existiu a preocupação com o saber, ou melhor, com o conhecer a realidade. As tribos primitivas, por meio de suas lendas passadas e repassadas pelos antecessores e sucessores, explicaram e explicam os fatos que permeiam a vida e a morte, onde é o lugar de cada indivíduo na organização social, suas formas de poder, controle e reprodução (MINAYO, 2012). Confirma os mesmos dizeres Chizzotti (2006, p.20), que traz que “A filosofia suplantava o pensamento mítico, baseado em acontecimentos fundadores e heróis emblemáticos que davam sentido à existência e à realidade humanas”.

As religiões e a filosofia desde os primórdios têm contribuído para com as explicações dos significados da existência individual e coletiva. “A ciência é apenas uma forma de expressão dessa busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva” (MINAYO, 2012, p.9). Porém, na sociedade ocidental, a ciência parece ser a única forma de construção da realidade e é considerada por muitos críticos como um novo mito por querer ser o único promotor de conhecimentos e critério de verdade.

2.1 Ciência e Quantificação

São dois motivos fortes que a ciência tem para considerar-se hegemônica sobre todas as outras formas de conhecimento, Minayo destaca quais são essas razões que fazem com que a ciência se coloque no patamar de superioridade sobre as outras formas de conhecimento existentes.

[...] a primeira, de ordem externa a ela mesma, está na sua possibilidade de responder a questões técnicas e tecnológicas postas pelo desenvolvimento industrial. A segunda razão, de ordem interna, consiste no fato de os cientistas terem conseguido estabelecer uma linguagem fundamentada em conceitos, métodos e técnicas para a compreensão do mundo, das coisas, dos fenômenos, dos processos e das relações. (2012 p.10)

A ciência consegue comprovar materialmente muitas suposições e esta vem a ser o motivo de ordem externa em que ela se baseia. Já o segundo motivo, que é o de ordem interna, acontece porque os cientistas conseguem firmar uma forma lógica de compreender o mundo e muitos outros fatos e processos e, por isso, a ciência acredita estar superior a outras formas que não conseguem comprovar de forma plausível suas afirmações. É claro que isso não pode ser visto como uma forma radical de existir da ciência, pois ela pré-contém diferentes formas concretas e potenciais de realização. Mesmo assim, os questionamentos continuam e ainda se buscam soluções para diversos assuntos, como para a pobreza, a fome e a violência, para os quais a ciência ainda não tem respostas e nem propostas. (MINAYO, 2012)

Ainda de acordo com a mesma autora, há que se trazer questionamentos tais como: como considerar e tratar da cientificidade das ciências sociais, se é difícil conseguir a concretude para numa análise da realidade, na qual o ser humano está inserido, ou seja, vive aquilo, como ser o agente e o cientista? Será que isso não prejudica a objetivação?

Outro ponto bastante importante para ser frisado e questionado é quanto a busca da objetivação própria das ciências naturais, perguntando: será que não se estaria descaracterizando o que existe de essencial nos fenômenos e processos sociais, o real sentido dado pela subjetividade? Assim, há mais questões que instigam os pesquisadores, dentre elas: qual o método geral a ser proposto que possa explorar a realidade tão marcada pela especificidade e diferenciação? Como garantir a viabilidade de um acordo fundado em uma partilha de princípios e não de procedimentos?

2.2 Ciência e Interpretação

Nas ciências sociais há uma identidade entre sujeito e objeto, a pesquisa nessa área trabalha com seres humanos que, conforme suas condições culturais, faixa etária, entre outras, têm um fundamento que é comum ao investigador, o que os torna solidariamente relacionados e comprometidos, embora não seja possível abrir mão da cientificidade do resultado dessa relação (MINAYO, 2012).

A partir de Chizzotti (2006), pode-se dizer que a pesquisa considera todo o saber que a história humana tem, pois o seu interesse está em aprofundar as análises e realizar novas descobertas em favor da vida humana. Para a pesquisa subentende-se que o pesquisador tenha as concepções que irão orientar a sua ação, quais serão as práticas de investigação, quais os procedimentos e técnicas que adotará em seu trabalho e os instrumentos que estão à sua disposição para auxiliar nos seus afazeres. É uma busca ordenada e rigorosa das informações com o objetivo de descobrir lógica e coerência de um conjunto de dados que, aparentemente estão dispersos, para conseguir encontrar uma resposta fundamentada para um problema delimitado e, assim, contribuir para o desenvolvimento do conhecimento em uma área ou em alguma problemática específica.

As pesquisas, independentemente de orientação filosófica aparente, sempre trazem um questionamento inicial que diz respeito ao modo como são as coisas ou os objetos sobre os quais se quer investigar, isso é o que se chama de ontologia. A ontologia traz quais são as realidades que o pesquisador tem, ou seja, qual é a concepção, ideia de mundo do investigador.

Segundo Steenberghen (1965 *apud* Baquero, 2009)

[...] a ontologia tem como objeto precisamente o estudo do valor comum, da investigação do que implica a realidade desta representação sintética, o determinar em que consiste, exatamente, a unidade que revela e expressa o conceito de ser. Em outros termos, o objeto formal da ontologia é o valor do ser, incluindo em todo objeto de experiência: estuda o dado da experiência enquanto ser, enquanto real.

A ontologia, sendo o todo do ser, a construção histórico-social, comporta também a ideologia. Assim, na pesquisa, a ideologia está presente interferindo nas escolhas, nas concepções que o pesquisador faz ou tem, porque elas estão presentes mesmo que implicitamente, ingenuamente, ou de forma justificada.

Após se questionar-se sobre qual é o problema que deve ser estudado, outras perguntas surgem: Qual é a melhor forma de conhecer esse problema? Qual é a melhor forma que explica essa realidade? Neste momento, o pesquisador vai atrás da teoria do conhecimento que melhor explicita a relação entre aquele que conhece e as coisas que são dadas a conhecer. Isso quer dizer que a pesquisa vai seguir uma teoria que contém seus princípios, fundamentos lógicos e epistemológicos que sustentam a análise da realidade e que têm alcance e valor que sejam esclarecedores universais, isso é o que se chama de epistemologia da pesquisa. Nessa escolha, se manifesta um sujeito, logo a ideologia está presente.

Baquero traz a seguinte definição para epistemologia:

Derivada da palavra grega *episteme* (ciência/conhecimento) e *logos* (lógica/razão), a epistemologia enfoca o processo de construção de conhecimento e se preocupa com o desenvolvimento de novos modelos teóricos, quer dizer, de modelos e teorias que são considerados com potencial explicativo mais persuasivo do que outros paradigmas. (2009, p.28)

Assim, em conjunto com a ontologia e a epistemologia da pesquisa surge a questão: Qual caminho será seguido para poder esclarecer o problema? Este caminho, ou procedimento, é conhecido por metodologia, ou seja, qual será a metodologia que melhor se encaixa para que o pesquisador consiga descobrir ou comprovar uma verdade que esteja de acordo com a sua concepção de realidade e a sua teoria do conhecimento?

Trazendo de uma forma mais clara, Baquero encaminha a resposta:

Explicitando claramente as inter-relações entre o que o pesquisador pensa ser possível ser investigado (posição ontológica), o que se pode saber sobre isso (posição epistemológica), e como coletar as informações (posição metodológica), o pesquisador pode começar a compreender o impacto de sua pesquisa naquilo que decide estudar. (2009 p.31)

Existem dois vieses que a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais segue, designadas por pesquisas quantitativas e pesquisas qualitativas. Trata-se de duas orientações primordiais para as pesquisas que funcionam com base em fundamentos e práticas de pesquisas com pressupostos teóricos, formas de abordar a realidade e meios de coletar as informações de diversas formas.

Ainda Minayo (2012) permite dizer, que existe uma espécie de ‘concorrência’ entre essas duas formas metodológicas, porque algumas teorias acreditam que a pesquisa quantitativa estaria num patamar superior, assim como a ciência anteriormente retratada, pois é objetiva e científica; já a pesquisa qualitativa estaria num “andar abaixo” porque estaria ocupando um lugar auxiliar e exploratório, pois é subjetiva e impressionista.

A partir da mesma autora, afirma-se que as pesquisas quantitativas são aquelas que têm a intenção de encontrar uma frequência e constância das ocorrências, ou seja, esse tipo de pesquisa trabalha com aquilo que se pode mensurar, determinar. Essa pesquisa usa de meios quantificáveis para estabelecer o determinismo funcional.

Conforme Richardson (1999 *apud* Marconi e Lakatos, 2011)

Caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as

mais simples como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas como coeficiente de correlação, análise de regressão etc.

Na pesquisa quantitativa, de acordo com Markoni e Lakatos (2011), os pesquisadores se utilizam de amostras e informações numéricas, o que a diferencia do método de pesquisa qualitativo, no qual as amostras são reduzidas e os dados são analisados a partir de seu conteúdo psicossocial e as formas de coleta não são estruturadas.

As pesquisas qualitativas são pesquisas que até podem usar a quantificação, mas o seu objetivo é “interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem” (CHIZZOTTI, 2006 p.28).

Nessa perspectiva, há perfeita sintonia com a AD, pois a análise de um fato de linguagem permite que se olhe para o sujeito, a história e a organização da língua. A interpretação então faz-se no entremeio de ciências sociais, como será mencionado a seguir, citando Minayo.

Corroborando da mesma forma Minayo (2012) afirmando que a pesquisa qualitativa trata de questões muito particulares, nas Ciências Sociais, com uma forma de realidade que não pode ou não deveria ser quantificada. Nas palavras de Minayo:

Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (2012, p.21)

Logo, a pesquisa qualitativa centra-se no homem pensando e interpretando as suas ações a partir de suas vivências e compartilhando com seus semelhantes as suas conclusões sobre as experiências estudadas.

Bogdan e Biklen (1999) apresentam cinco características da investigação qualitativa, as quais serão sintetizadas. A primeira característica diz respeito à fonte direta dos dados ser o ambiente natural, constituindo o investigador como instrumento principal. Isso quer dizer que, nesse tipo de investigação, o sujeito principal, o pesquisador, se preocupa com o contexto de suas informações. Logo muitas ações podem ser melhor captadas quando o investigador as observa no seu ambiente habitual de ocorrência, ou seja, é importante analisar o que se quer exatamente na forma como ocorre.

Já a segunda característica diz respeito ao fato de a investigação qualitativa ser descritiva, os dados que são obtidos são recolhidos em forma de palavras ou imagens e os resultados dessa investigação se dão através de registros.

A terceira característica da investigação qualitativa destaca que os seus investigadores são interessados mais pelo processo do que pelos próprios resultados ou produtos, o que o instiga a querer saber o que ocorreu para se chegar ao resultado que se obteve e não analisar o resultado em si.

A quarta característica sublinha que os investigadores qualitativos, geralmente, analisam seus dados de forma indutiva. O investigador, para poder elaborar uma teoria sobre o seu objeto de estudo, começa por recolher os fatos, a partir disso inicia seleção, examina as partes e assim vai afunilando as informações reunidas para chegar numa análise de dados mais fechada.

E, a última característica diz que o significado é muito importante na abordagem qualitativa, isto é, os investigadores qualitativos se preocupam em compreender as diferentes formas de sentido que as pessoas dão para as suas vidas. Questionam-se os sujeitos da investigação com o objetivo de captar as experiências e formas como as interpretam e o modo como os próprios sujeitos estruturam o mundo social em que estão inseridos.

Essa característica se aproxima da AD ao considerar que o sujeito pesquisador não se ausenta no processo de interpretação dos dados e, por isso, os analistas não trabalham sobre dados brutos, mas sim sobre fatos que contem junto toda história de sua constituição, como diz Orlandi (2012, p. 36-37):

Resta-nos lembrar que a análise de discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam. O que me permite dizer que o sujeito é um *lugar de significação* historicamente constituído.

O entendimento que se tem sobre fato traz aos estudos da linguagem a possibilidade de trabalhar com processos de produção dos discursos, ou seja, não é com relação aos dados empíricos, mas sim quanto aos acontecimentos histórico-sociais que estão em volta e que se origina um discurso. “Todo fato, precisa ter algo de empírico em si [...]” (FERREIRA E GODOY, 2001 p.15).

Ainda de acordo com Ferreira e Godoy (2001), o conceito que se tem de dado é que ele é um objeto empírico da linguagem que oportuniza ao analista colocar a língua como foco principal da análise. Utilizar o dado quer dizer que se está dando atenção ao produto e não a forma como foi produzido o discurso. Na AD, os dados precisam do fato, precisam do acontecimento para então significar.

Orlandi (2012) sinaliza que nos estudos da linguagem, ocorre um deslocamento fundamental do dado para o fato. Na AD esse deslocamento quer dizer a possibilidade de trabalhar o processo de produção da linguagem e não somente os seus produtos.

Os dados são os discursos, precisamente, são os objetos de explicitação de que se utiliza a teoria discursiva para se construir como tal. Porém os discursos não são objetos empíricos, mas são os efeitos de sentidos entre locutores, sinalizando que análise e teoria são inseparáveis. Para a AD, os dados não existem como tal porque já vêm de uma construção.

Por estabelecer relação no âmbito das contradições, a Análise do Discurso não traz das ciências positivas a noção de dado. A noção de dado é um efeito ideológico de evidência que a Análise do Discurso busca desconstruir, mostrando seus modos de produção (ORLANDI, 2012).

A pesquisa qualitativa abriga várias formas de pesquisa como pode ser verificado nos dizeres de Chizzotti:

Diferentes orientações filosóficas e tendências epistemológicas inscrevem-se como direções de pesquisa, sob o abrigo qualitativo, advogando os mais variados métodos de pesquisa, como entrevista, observação participante, história de vida, testemunho, análise do discurso, estudo de caso e qualificam a pesquisa como pesquisa clínica, pesquisa participativa, etnografia, pesquisa participante, pesquisa-ação, teoria fundamentada (*grounded theory*), estudos culturais etc. (2006, p.29)

A afirmação de Chizzotti permite que se encaminhe o trabalho pela AD, pois remetida tal afirmação ao que dizem os autores convocados para discorrer sobre a pesquisa qualitativa e, também mais o que diz Orlandi (2012) acima, tem-se na AD os recursos, procedimentos teórico-metodológicos que levam à interpretação das práticas discursivas, no campo político, mantendo presente sujeito, história, ideologia e linguagem.

A Análise de Discurso como procedimento analítico-metodológico encaminha para a interpretação de discursos, considerando as suas condições de produção³, o que estava acontecendo para que o sujeito emissor dissesse o que disse e como disse. Como será visto neste estudo, José Ivo Sartori encontrava-se na condição de candidato que participava de um debate, no qual seu adversário Tarso Genro já trazia uma bagagem política com experiência em governar o Estado do Rio Grande do Sul.

A AD ajuda, através de seus procedimentos metodológicos, a analisar os efeitos dentro de um discurso, encontrar seu sentido partindo da identificação das inscrições ideológicas e discursivas do sujeito. Sartori ou Tarso, e qualquer outro político, durante seus

³ Esta noção será trabalhada no capítulo 5, p. 54.

discursos não deixaram de fora principalmente a sua ideologia partidária e para isso, de forma inconsciente, se utilizaram de estratégias em suas falas as quais se pretende acessar por meio da Análise do Discurso.

A transcrição está anexada à presente dissertação e foi realizada de toda a gravação, incluindo as falas do apresentador Paulo Sérgio Pinto, de Tarso Genro e de José Ivo Sartori para que o leitor possa consultá-lo a qualquer momento. Em alguns pontos desta dissertação, usar-se-ão as falas de Tarso Genro para melhor situar o leitor.

Dessa forma, passa-se a tratar de noções importantes para a compreensão do processo eleitoral do qual participou José Ivo Sartori e também de acontecimentos que contribuem para a compreensão das condições de produção do discurso.

3 NOÇÕES E ACONTECIMENTOS DESTACADOS NA CAMPANHA

Nesse capítulo analisa-se elementos necessários para situar-se a disputa política pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul – 2015 – 2018. Para a AD, as condições de produção do discurso não são dadas pela simples descrição do contexto em que ocorrem. Entretanto considerou-se necessário, na pesquisa desenvolvida, compreender as noções relativas a acontecimentos factuais que estão implicados nos processos eleitorais. Na sequência, passa-se a tratar, da explicitação de “Sociedade, Estado, formação social” e de breve histórico do processo de escolha dos governantes.

3.1 Sociedade e Estado

Para discutir Sociedade e Estado e tratar de determinados conceitos, será tomado como base o texto de Bonavides no qual estão as concepções de vários autores, os quais serão citados sempre remetendo a Bonavides (2015).

Nas palavras de Parsons (*apud* Bonavides, 2015), Sociedade pode ser definida como “todo o complexo de relações do homem com seus semelhantes”. Toennies (*apud* Bonavides, 2015) a sociedade em referência a um grupo em que há um acordo de vontades entre seus membros, os quais buscam objetivos comuns, tendo em vista a impossibilidade de alcançar individualmente. A luta por objetivos comuns desencadeada por cidadãos constitui a Sociedade.

A Sociedade vem antes do Estado e está entre o indivíduo e o Estado, ela é superior ao Estado, mas inferior em relação ao indivíduo, enquanto forma de valor. Para Marx e Engels, existe uma diferença conceitual entre Estado e Sociedade, porém o Estado não é separado da Sociedade, como se existisse de forma autônoma. O Estado é resultado da Sociedade. (BONAVIDES, 2015)

Para Bobbio (1957 *apud* Bonavides, 2015), Sociedade pode estar tanto em oposição ao Estado como sob sua proteção, logo o conceito para Sociedade passa a ser “Conjunto de relações humanas intersubjetivas, anteriores, exteriores e contrárias ao Estado ou sujeitas a este”.

A sociedade tem uma forma de organização que Althusser (1970) trata através de um exemplo muito básico: imagine um prédio que possui cinco andares. Para a construção deste prédio, foi necessário construir um alicerce que fosse suficientemente forte para resistir à

pressão e ao peso de todos os andares superiores, sem que ocorra futuramente qualquer problema que comprometa os demais andares. Um exemplo de superestrutura e infraestrutura que seria a forma como a sociedade se organiza: a superestrutura são os andares superiores do prédio que só estão lá porque existe a infraestrutura, que a sustenta e faz com que ela permaneça onde está. Caso a infraestrutura não seja resistente, toda a superestrutura poderá sucumbir.

Marx e Engels explicam o Estado como uma forma passageira que surgiu devido à luta de classes na sociedade. É uma instituição que nem sempre existiu e nem sempre existirá, com o destino condenado ao desaparecimento. O poder político, como Marx (1954 *apud* Bonavides, 2015, p. 69) define, o Estado é “o poder organizado de uma classe para opressão de outra”. Engels assinala que a sociedade, enquanto sociedade de classes, não pode abrir mão do Estado que é uma organização da classe exploradora para manter as suas condições externas de produção para oprimir as classes exploradas.

O Estado é quem detém o poder e este poder pode ser entendido, na verdade, como a característica de poder tomar decisões em prol da coletividade. O Estado moderno se resume basicamente em despersonalizar o poder, ou seja, não ligar o poder a uma pessoa, mas sim a uma instituição. O poder que antes existia devido ao uso da força existe agora pela aprovação do grupo, assim o poder passa a ser um poder de direito.

No Brasil, a orientação fundamental de governo é a democracia na qual o “governo deve atender na sociedade aos reclamos de conservação e observância dos princípios de liberdade e de igualdade” (BONAVIDES, p. 208).

3.2 Formação Social

A formação social pode ser definida como o lugar ao qual o sujeito pertence, isso quer dizer que no seu discurso, constarão elementos da formação social na qual o sujeito está inserido, pois esta influencia e é influenciada no e pelo agir do sujeito.

No discurso partidário não só desses candidatos estudados, mas conforme a afinidade de cada pessoa com determinado partido ou posição ideológica vai aparecer diante da sua formação social conforme as suas condições de produção discursiva, o sujeito cresceu e se formou dentro de um tipo de formação ideológica e desta forma ele vai ser a favor ou contrário a posicionamentos diferentes do seu.

Assim Grigoletto (2005, p.5) afirma que

Se pensarmos a formação social relacionada às diferentes formações ideológicas, as quais, por sua vez, estão materializadas nas diferentes relações de poder que perpassam instituições como a mídia e a ciência, temos a disciplinarização dos saberes, sustentada pelos efeitos de verdade, funcionando no conflito de F.I.s e relações de poder. Assim, o sujeito do discurso, ao mesmo tempo em que ele é interpelado/assujeitado ideologicamente pela formação social, ele se inscreve/ocupa um dos lugares sociais que lhe foi determinado.

É como se cada um, no decorrer de suas experiências, fosse conquistando e moldando seu espaço dentro da sociedade a partir de sua formação discursiva que se inscreve na formação ideológica diante das classes sociais com que convive.

Considerando então sua inscrição ideológica/discursiva é que o sujeito terá o seu lugar discursivo, para compreender o que é lugar discursivo busca-se em Grigoletto a seguinte definição

[...] o lugar discursivo é determinado não só pelo lugar social, mas também pela estrutura da língua, materializada no intradiscurso. Assim, tanto o lugar discursivo é efeito do lugar social, quanto o lugar social não é construído senão pela prática discursiva, ou seja, pelo efeito do lugar discursivo. Isso significa dizer que ambos, lugar social e lugar discursivo, se constituem mutuamente, de forma complementar, e estão relacionados à ordem de constituição do discurso. Um não é anterior ao outro, já que um necessita do outro para se instituir. (2005, p. 6)

Lugar discursivo e lugar social existem e são interdependentes, o lugar social é determinado a partir das práticas discursivas que são identificadas no discurso do sujeito e sendo este interpelado pela ideologia e relações de poder ele já faz parte de um certo lugar social.

Para identificar a formação discursiva de um sujeito é preciso analisar quais são as condições discursivas que o compõe. Cabe ressaltar que atualmente (2016) a formação social em que vivemos é predominante capitalista, logo, são as relações de trabalho, de economia e sociais que se sobressaem e devem ser consideradas para compreender a inserção do sujeito em determinada formação social que é o que assegura a continuidade das mesmas práticas.

3.3 História e o direito de votar e ser votado

Alguns dos aspectos importantes a serem abordados nesta dissertação e assim contribuir para o desenvolvimento da mesma dizem respeito ao histórico de um dos direitos mais importantes de qualquer cidadão ou cidadã brasileira: o voto. É, por meio dele, que se decide quem são os representantes do povo que decidirão sobre o futuro de todos.

Antes de iniciar a historicização do voto, cabe fazer considerações acerca do que é História para a AD, já que, nessa dissertação, ela está sendo tomada em duas perspectivas: a dos acontecimentos do mundo factual e a do movimento incessante dos processos sociais.

Para a Análise do Discurso a história está relacionada às práticas sociais e não simplesmente a uma ordem cronológica. Os acontecimentos históricos precisam ser interpretados e é através do discurso que a história significa muito mais que apenas evolução.

A história diferencia-se pontualmente da memória uma vez que esta serve para não deixar que o passado vire história, ou seja, historicize, o funcionamento da memória vem para manter o que aconteceu, passado, sempre ativo. Decca (2007) exemplifica no sentido de que podem ser observados em determinadas regiões que acontecimentos do passado estão sempre vivos para que aquilo não se perca com o decorrer do tempo, já outras situações acabam historicizando por não serem tão importantes, não que a história que está registrada não seja importante, só não é mais acessada com tanta frequência quanto a memória.

Servindo para deixar o passado sempre vivo, a memória não tem compromisso com a verdade, por não ter a veracidade e comprovação da história, sempre fica sujeita a outras interpretações, mas de qualquer modo a memória não tem a ver com invenção, mas com a filiação dos sujeitos a formações discursivas, ao passo que a história possui registros específicos para comprovar o que é dito por ela.

Para o analista do discurso, o que interessa da história não é a questão cronológica, os registros, que estão intrinsecamente ligados a ela, mas sim o fato de que o que estiver sendo analisado aconteceu em determinada condição histórica que influencia os sentidos que foram produzidos. Inclusive quanto ao sujeito, este tem a sua história que também vai interferir nos sentidos.

Devem ser diferenciados os termos história e historicidade porque, para a AD, são diferentes. A história propriamente dita diz respeito, como já mencionado, aos registros, aos conteúdos, sendo que, para o analista do discurso a história faz parte da constituição da produção de sentidos. Logo a historicidade está ligada com o processo de constituição dos sentidos, através da observação linguística procurando caminhos que acabam fugindo da ordem cronológica da história. Na Análise do Discurso, quando se diz que existe uma determinação histórica dos sentidos, não se vê a história enquanto uma ordem cronológica, não se verificam datas, mas sim como os sentidos foram produzidos e circulam a história e a linguagem contribuem na busca dessa compreensão. (ORLANDI, 2012)

Decca (2007, p.51) pontua que a história é importante não apenas por guardar a cronologia dos fatos, mas também “[...] porque só ela pode apreender o sentido que a ação humana, depois de transcorrida, pode alcançar”.

Desta forma, não há como desconsiderar a história por tudo o que ela traz para o trabalho do analista. A história que a AD mobiliza não é aquela que se aprende nos bancos escolares no sentido cronológico, no sentido de tempo, a AD compreende a história como práticas sociais, “todo acontecimento histórico significa, precisa ser interpretado, e é pelo discurso que a história deixa de ser apenas evolução” (FERREIRA e GODOY, 2001, p. 17). Já a historicidade também trabalhada na AD é a relação da linguagem e da história.

3.4 Breve histórico sobre voto no Brasil

No decorrer da história do Brasil, a forma de escolha do governo passou por diversos momentos. Durante o período Colonial, a administração era pelo rei de Portugal através dos donatários⁴ nas capitanias onde esses exerciam a função de estabelecer a Câmara Municipal como uma espécie de prefeitura para a qual eram eleitos representantes, porém estes representantes eram votados e eleitos apenas por “brancos, donos de propriedade, de linhagem familiar reconhecida bem como sua participação na burocracia civil e militar” (ALVES, 2015), ou seja, pelos considerados nobres.

Rancière (2014), em sua obra “Ódio à Democracia”, trata sobre os títulos para governar os homens. Na história está evidente, conforme o autor, dois grandes tipos de títulos para poder governar, o primeiro é aquele que fala sobre a superioridade humana ou divina, a pessoa deve ter nascido superior dentro de uma hierarquia e o outro título se refere a própria produção dentro da sociedade, neste caso conforme as suas riquezas.

No Império, Dom Pedro I promulgou a Constituição de 1824 as eleições funcionariam de forma indireta e na forma de dois graus com o voto censitário⁵ e verificação dos poderes, o voto já era obrigatório, mas censitário e as mulheres, os assalariados, soldados, índios, escravos e menores de idade não podiam votar.

A proclamação da República, como se sabe, ocorreu no dia 15 de novembro de 1889 no Rio de Janeiro, que era a capital do Império. Neste dia, já tinha um governo provisório que estabelecera desde então suas bases e diretrizes. Várias causas ocasionaram a proclamação da República já que o poder imperial, que centralizava tudo, não permitia às províncias terem

⁴ Nobres portugueses para quem o rei doava capitanias com o intuito de acelerar a colonização.

⁵ Voto censitário: só podiam votar aqueles que possuísem uma condição econômica satisfatória.

autonomia, o que desagradava aos fazendeiros, bem como a abolição da escravidão em 1888, que gerou insatisfação entre os fazendeiros por sequer serem indenizados pelo império. (ALVES, 2015)

O Império dificultava as condições de alistamento e tinha um regime censitário rígido, ou seja, o número de votantes era diminuto diante da necessidade de comprovação da renda pessoal. Essa extensão e generalização do alistamento dificultava a articulação dos partidos da Monarquia, partidos Liberal e Conservador. (FRANCO, 2006)

A Constituição de 1891 previu que o Presidente e Vice-Presidente do Brasil começariam a ser eleitos através do voto direto. Este além de ser direto era descoberto e universal e nesta Constituição o voto passou a ser somente para os cidadãos acima de 21 anos, ainda excluindo as mulheres, menores de idade, analfabetos, mendigos, alguns religiosos e militares. Com relação aos candidatos, esses deveriam ser brasileiros natos, com capacidade de direitos civis e políticos, idade superior a 35 anos. No período da República Velha, os votos ainda eram controlados por meio do coronelismo e utilizando-se do voto de cabresto⁶.

O primeiro Código Eleitoral do Brasil de 1932 criou a Justiça Eleitoral que é a responsável por todas as questões eleitorais. A partir dela ocorreu a conquista do voto secreto, voto feminino e o sistema de representação proporcional, em dois turnos simultâneos. Na Constituição de 1934, os direitos conquistados, a partir do Código Eleitoral de 1932, foram reafirmados ao passo que homens e mulheres agora poderiam ser eleitos a partir dos 18 anos, desde que devidamente alistados. Porém, Getúlio Vargas instituiu o Estado Novo, uma ditadura que perdurou até 1945 e durante este período ninguém foi às urnas e o Congresso foi fechado. Os avanços foram congelados porque Getúlio Vargas aboliu a Justiça Eleitoral e os partidos políticos, além de suspender as eleições livres determinou a eleição indireta para Presidente da República, no final de 1945 foram convocadas as eleições presidenciais.

Então, na Constituição de 1946, a Justiça Eleitoral volta à cena, porém a democracia ainda era limitada, os eleitores brasileiros passaram a ser os maiores de dezoito anos, o voto passou a ser obrigatório, direto e universal, ficando impedido/excluídos de votar os analfabetos, soldados, cabos, os que não falassem português ou que tivessem os seus direitos políticos restritos. Em 1955, a Lei nº 2.250 instituiu a folha de votação individual o que começou a impedir o uso de título falso e outras fraudes que ocorriam, esta folha individual passou a garantir a liberdade e o sigilo do voto dos eleitores.

⁶ O Coronel era em algumas regiões do Brasil, ainda é, uma pessoa muito influente que obrigava/obriga os eleitores que estejam sob seu 'domínio' votarem no seu candidato por meio de compra de votos ou violência, como o voto era aberto ficava mais fácil para o Coronel, através de seus capangas fiscalizar os votos.

Como o golpe militar de 1964, evitou o voto direto para presidente entre outros cargos, os únicos que eram escolhidos através das urnas eram os deputados federais, estaduais e vereadores, quanto aos cargos para o poder executivo eram ainda escolhidos através de processo eleitoral indireto pelo Congresso e pelos representantes nos legislativos estaduais.

A redemocratização ocorre de forma lenta. Em 1972, passaram as eleições dos senadores e prefeitos, menos das capitais, para eleições diretas e em 1984 com o movimento conhecido por “Diretas Já” o povo brasileiro exige as eleições diretas para presidente. No ano seguinte, 1985, uma emenda constitucional restabeleceu as eleições diretas para a presidência e para as prefeituras. Nesta emenda, os maiores de 16 anos e analfabetos passam a votar, mas as eleições diretas ocorreram somente em 1989, após a promulgação da Constituição Federal de 1988. (ALVES, 2015)

Uma nova Constituição começou a ser pensada a partir da eleição dos parlamentares que formaram o Congresso Nacional Constituinte. O deputado Ulysses Guimarães coordenou as tarefas para que no dia 05 de outubro de 1988 fosse promulgada a atual Constituição Federal.

E na democracia contempla-se então o sufrágio que é, simplesmente definido por Lenza (2014, p. 1246) como “o direito de votar e ser votado”. É por meio do voto que os cidadãos considerados aptos a exercer o sufrágio elegem os representantes que irão compor os poderes legislativo e executivo por determinado tempo.

Niess (2000 *apud* Moraes, 2015) traz o sufrágio como livre:

[...] do mal da discriminação, pois é conferido pela Constituição brasileira independentemente de solicitação econômica, qualificação pessoal ou qualquer outra exigência, não obstante condicionado ao preenchimento de certos requisitos, como é necessário

Lenza (2014, p.1247) diz que o voto “é direto, secreto, universal, periódico, livre, personalíssimo e com valor igual para todos”. É direto porque o eleitor não precisa de um intermediário e vota diretamente no candidato. É secreto por não existir publicização da escolha do eleitor. É universal porque não existe nenhuma condição que discrimine como ter qualificação econômica ou alguma capacidade especial. É periódico porque na democracia existem mandatos por prazo determinado. É livre uma vez que cada eleitor pode escolher o seu candidato ou anular ou votar em branco. É personalíssimo porque não há possibilidade de exercer este direito através de um procurador tanto que existe agora como forma de reforçar a

personalidade, a implantação do cadastramento biométrico. E, por fim, tem valor igual para todos porque o voto de cada cidadão tem o mesmo peso, a mesma medida e o mesmo valor independentemente de qualquer condição como sexo, idade, cor, situação econômica, etc.

3.5 Disputas eleitorais para Governador-RS

Existe uma grande variedade de partidos políticos disputando os votos dos eleitores gaúchos, porém quando se trata da política no Rio Grande do Sul há um fato que não pode ser esquecido. Desde 1997, quando foi aprovada a Emenda Constitucional nº 16 que alterou o parágrafo 5º⁷ do artigo 14 da Constituição Federal dando a possibilidade da reeleição, ou seja, de o sujeito recandidatar-se para o mesmo cargo, no Rio Grande do Sul, nenhum dos governadores do Estado que tentaram a reeleição obtiveram êxito.

Considerando o ano de 1997, analisa-se brevemente as candidaturas que ocorreram no Estado: o Governador Antônio Britto (1995-1998) tentou reeleger-se em 1998, perdendo para o Governador seguinte Olívio Dutra (1999-2002). Na tentativa de reeleição, Olívio foi vetado por seu partido, que lançou, na época, Tarso Genro que perdeu as eleições para o Governador Germano Rigotto (2003-2006) que em 2006 tentou a reeleição, porém foi derrotado em 1º turno, quem tentou também em 2006 a reeleição é Olívio Dutra, ambos perdem eleições para Yeda Crusius (2007-2010), Yeda tenta a reeleição e perde para o Governador eleito Tarso Genro (2011-2014).

O Governador do Estado do Rio Grande do Sul José Ivo Sartori do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), candidatou-se ao cargo nas eleições do ano de 2014. Também foram derrotados, nessa eleição, os candidatos Tarso Genro, do Partido dos Trabalhadores (PT), Ana Amélia Lemos do Partido Progressista (PP), Vieira da Cunha do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Roberto Robaina do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Edison Estivalete do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), e Humberto Carvalho do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Dos sete candidatos, acima citados, foram para segundo turno José Ivo Sartori e Tarso Genro, restando eleito com 40,40% dos votos José Ivo Sartori, seu oponente Tarso Genro fez 32,57% dos votos; 3,12% foram votos brancos e 4,97% foram votos nulos. (Eleições 2014). Essa eleição apresentou resultados bastante surpreendentes, uma vez que

⁷ § 5º O Presidente da República, os Governadores de Estado e do Distrito Federal, os Prefeitos e quem os houver sucedido, ou substituído no curso dos mandatos poderão ser reeleitos para um único período subsequente. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 16, de 1997)

Sartori aparecia nas intenções de voto em terceiro lugar e Ana Amélia que liderava as pesquisas não chegou a ir para o segundo turno.

Um ponto que pode ter favorecido bastante o Governador Sartori, durante sua campanha, foi o embate mais incisivo entre Tarso Genro e Ana Amélia, conforme González (2014): “Ele não foi atacado pelos outros concorrentes e pôde fazer uma campanha mais confortável, propositiva. Apesar de não ser tão conhecido, tem baixo índice de rejeição”.

Outro detalhe importante do Governador Sartori, enquanto candidato, é que o mesmo buscou não fazer promessas como os demais. Ele não se comprometeu em nenhum momento de sua campanha, apenas apresentou as diretrizes gerais do plano de governo. Em seus debates e entrevistas, sempre frisou que o diálogo e o trabalho em equipe seriam a base de seu trabalho enquanto Governador.

No debate de segundo turno, ele assim se posicionou quanto a não fazer promessas: “[...] sou daqueles também que acha que não adianta prometer uma coisa que não pode ser cumprida, porque senão vira mais uma, além de promessa, vira uma maneira, gera só frustração”.

Já em entrevista ao Programa La Urna, Sartori fala que uma de suas medidas é formar uma equipe “A segunda é formar uma boa equipe: honesta, séria e responsável, para a qual o primeiro princípio seja a realidade do Rio Grande do Sul, a visão de sociedade gaúcha e de como vai se relacionar com a sociedade”.

Ou seja, continua não apresentando uma proposta e mesmo sendo incisivamente questionado pelos radialistas ele se esquivava, conforme se verifica nas sequências discursivas abaixo transcritas da entrevista de 16 de outubro de 2014:

[...]

Arthur Gubert (radialista) o governador Tarso Genro tem dito, tem lhe criticado por não apresentar propostas no seu programa político, então a gente vai te dar o espaço aqui pra fazer o seu contraponto, por favor, apresenta pra gente uma proposta do seu governo com início, meio e fim.

Sartori Primeiro vamo ganha a eleição, depois vamo monta a equipe e vamo governa bem

Arthur Gubert (radialista) Mas isso não é uma proposta candidato

Sartori É uma proposta

Arthur Gubert (radialista) Não, a gente que ouvi uma proposta sua caso for eleito, com início, meio e fim.

Sartori É isso aí

Paulo Germano realmente agora a gente tá falando sério, a gente realmente queria ouvi uma proposta do senhor candidato, por favor

Sartori Sobre?

Paulo Germano Sobre o que o senhor quiser, mas uma proposta concreta

Sartori Pode perguntar

Paulo Germano Sobre educação

Sartori Acho que a educação a primeira questão é fazer uma boa conversa, um grande diálogo com todos os professores, porque a gente sabe que a educação serve pra todos os setores e pra todos os fatores da vida da população.

Paulo Germano Mas por favor candidato uma proposta concreta pra educação ou para o que o senhor quiser. O senhor tem uma proposta concreta

Sartori Olha, faz a manutenção das escolas, faz, por exemplo, instala de que aquele professor que vai concorrer a diretor de escola ele tenha um pré-requisito básico, de faz curso de gestão antes. Se a comunidade onde a escola está envolvida e não teve um professor valorizado, a família não teve junto, alguma coisa vai falta na educação, de administra esse processo

Paulo Germano Como é que se faz a valorização do professor assim

Sartori bom, primeiro ele ganhando bem. Segundo lugar ele poder receber, se capacitar permanentemente

Paulo Germano Só não me ficou claro quanto ele tem que ganhar, quando vai ganhar bem, como vai ganhar bem, se não é possível pagar o piso, o senhor não tem...

Sartori Existem municípios no Brasil que pagam pro professor por 20 horas mais do que o piso nacional de 40 horas

Paulo Germano Com todo o respeito a proposta concreta com início, meio e fim eu não saquei. Honestamente assim qual a proposta para os professores, como ganhar mais ou como qualifica mais os professores

Sartori Sim, mas como é que tu vai fazer se tu não tem dinheiro, tô dizendo, vai ter que ter o espaço de negociação e de entendimento.

[...] (16/10/2014, La Urna, Porto Alegre)

Assim, nas suas Diretrizes do Plano de Governo, são apresentados os desafios e alguns princípios norteadores das ações do governo, as principais propostas apresentadas não comprometem de forma alguma o futuro trabalho a ser realizado agora por Sartori como Governador eleito, se verifica assim na síntese que contém na suas Diretrizes do Plano de Governo:

SÍNTESE DAS PRINCIPAIS PROPOSTAS DE SARTORI E CAIROLI

1. EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO 21

Principais propostas

- Levando indicadores educacionais a sério
- Formação continuada dos professores e gestores
- Ampliação do Ensino Técnico
- Escola multilíngüe

Principais benefícios

- Melhoria da qualidade do ensino fundamental e médio
- Ampliação das oportunidades de trabalho para os jovens gaúchos
- Inserção do RS na nova economia global

2. SAÚDE PARA TODOS

Principais propostas

- Ampliar o acesso à medicina de Média e Alta Complexidade em todas as macro regiões
- Reforçar a Rede de Pronto Atendimento - UPAs
- Ampliar o horário de atendimento dos postos de saúde, em parceria com os municípios
- Fortalecer as ações de prevenção no Saúde da Família
- Retomar o Programa Infância Melhor

Principais benefícios

- Agilidade nas consultas com médicos especialistas e exames
- Maior cobertura e rapidez no atendimento de urgência
- Ampliação dos cuidados básicos de saúde e prevenção de doenças

- Maior atenção às mães grávidas e aos bebês

3. SEGURANÇA E CULTURA DA PAZ

Principais propostas

- Ampliar o Policiamento Ostensivo
- Investir em Inteligência e Polícia Científica
- Mais vagas prisionais
- Combate às drogas
- Educação para Paz

Principais benefícios

- Ambiente social de maior segurança e paz
- Intensificação das ações de prevenção de delitos
- Maior eficiência no combate à criminalidade
- Uma vida mais saudável para jovens e famílias

4. INFRAESTRUTURA E COMPETITIVIDADE: RS NA NOVA ECONOMIA

Principais propostas

- Atração de empresas e geração de renda
- Requalificação das exportações gaúchas
- Apoio aos setores da nova economia: tecnologia e inovação
- Melhorar a infraestrutura rodoviária e logística
- Fortalecimento dos pólos econômicos tradicionais

Principais benefícios

- Produtos gaúchos mais competitivos no exterior
- Geração de mais empregos e de renda
- Inserção mais produtiva do RS na nova economia
- Consolidação e ampliação da economia tradicional

5. RENEGOCIAÇÃO DA DÍVIDA: CUIDAR DO ESTADO E DO FUTURO

Principais propostas

- Renegociação da Dívida Estadual junto à União, nos termos acordados com Marina Silva e Beto Albuquerque.
- Lutar por um novo Pacto Federativo entre a União, Estados e Municípios.

Principais benefícios

- Redução da prestação da dívida para 7% da Receita Corrente Líquida do RS
- Liberação de recursos para investimentos em saúde, educação, segurança e infraestrutura
- Ampliação da oferta e da qualidade dos serviços públicos
- Maior responsabilidade da União com as despesas públicas em serviços públicos essenciais

(2014, p. 34-35)

As propostas nada mais são do que propostas que, podem ou não ser cumpridas os benefícios nada mais são que possíveis melhorias, se houver a possibilidade de se colocar em prática poderão ser atingidos ou não.

4 CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO

Para chegar-se à noção de discurso, como “efeito de sentidos entre interlocutores” (Pêcheux, 1993), torna-se necessário, sem desconsiderar o trajeto feito até aqui, trazer noções fundamentais que, embora comuns aos estudos relacionados à linguagem, no viés discursivo, revestem-se de características próprias quando enfocados sob a perspectiva da AD.

Inicia-se fazendo a abordagem da fala pública como materialidade que veicula interesses, promessas, projetos, colocando-os aos eleitores de forma, na maioria das vezes, convincente.

4.1 Fala Pública

Conhecida como *parrësía* a prática de falar em público não é estudada e discutida recentemente, mas o dom de falar e quem tinha o direito de falar aparecem em registros da literatura grega do século V a.C. *Parrésia*, além de significar a fala ao público significa também falar em público de forma sincera, verdadeira, franca, comprometida. Como traz Foucault, nas palavras de Courtine e Piovezani,

i) consiste na franqueza de dizer livremente e em sua totalidade o que se pensa; ii) postula uma forte adesão do sujeito em relação aquilo que ele enuncia e iii) requer uma coragem em seu proferimento, pois expressa não raras vezes uma verdade que pode incomodar seus ouvintes e lhes despertar reações adversas e hostis. (2015, p. 8)

Ou seja, há uma exigência muito grande para que a fala seja verdadeira para o público e, para que ocorra dessa forma, o locutor precisa falar para o seu interlocutor de forma que ele receba como verdade aquilo que lhe foi dito, logo o interlocutor precisa aceitar aquilo que lhe é dito como verdade e, sendo verdade ou não, o seu pronunciamento vai atravessá-lo e constituí-lo. Dessa forma, os candidatos, os políticos, são os principais locutores/interlocutores para a fala pública.

A fala pública é mais conhecida nos discursos políticos, durante as campanhas, mas, lá nos seus primórdios da fala pública, ela só tinha dois artifícios: a voz e o corpo do orador. Posteriormente, surgiram os megafones e microfones e demais aparatos tecnológicos que hoje se pode presenciar nos discursos e campanhas políticas. Esses recursos servem mais para desviar a atenção dos telespectadores diante do espetáculo político que envolve toda a produção da fala do político. A fala, conforme Piovezani (2015, p. 290), “é um fenômeno

humano por excelência” e a seu favor ela utiliza o corpo e faz dele uma máquina de falar, serve-se da anatomia e fisiologia do orador, que são destinadas naturalmente para outras funções, para poder articular e dar sentidos aos sons.

A evolução da fala pública não ocorreu tão rapidamente assim. Nas ágoras, teatros, nos palanques dos discursos políticos, tribunas, não eram todos que tinham a liberdade e o direito de poder falar porque o orador foi, por muito tempo, conforme Courtine e Piovezani (2015, p.12), “uma figura exclusivamente masculina e, conseqüentemente, a potência vocal e corporal do tribuno permaneceu, senão permanece ainda, como uma das encarnações mais duráveis do poder fálico”. O posicionamento corporal másculo e o timbre da voz trazem um diferencial para os discursos, por isso que as primeiras mulheres a realizarem uma fala pública passaram por bastantes dificuldades para conseguir a atenção e o respeito do público.

Depois das falas públicas em que o orador estava presente, surgiram o rádio e a televisão como formas de expandir a fala, caixas de som eram instaladas em diversos locais e assim a voz do orador poderia ser ouvida por um público bem maior, mas aí aparece o primeiro ponto negativo: o público não vê mais o orador olhos nos olhos, não enxerga a sua desenvoltura corporal e isto foi prejudicial porque o público tem que contar, no caso da rádio, apenas com a voz como referência. A televisão também não trouxe só a parte positiva de que a imagem do político, por exemplo, estava ali, mas era só uma parte que aparecia e ele não estava olhando para os seus eleitores, mas sim para uma câmera ou para o entrevistador. Porém a cada evolução midiática, conforme Courtine e Piovezani (2015), os artifícios da fala pública foram aos poucos se perdendo e neste caminho o dom da fala se perde no momento em que, no rádio, o político pode ler seu discurso e nas campanhas do horário político também já não é mais nada natural, no momento em que se percebem os olhos acompanhando as palavras que passam no telepromper.

Como referência Kehl (1991), aponta que essa é a era da informação e da comunicação e diante disso não está havendo maior avanço no que diz respeito ao aperfeiçoamento do pensamento, da organização social e da racionalidade. A mesma autora exemplifica que as primeiras imagens televisivas dos anos 60 mostraram a Guerra do Vietnã o que causou um grande impacto na população que viu o horror que era a guerra e nos anos 90 a transmissão da guerra no Golfo Pérsico mais parecia com a transmissão de um espetáculo do que uma guerra. Acrescenta-se que nos anos dois mil a televisão tem sido importante para a formação de opinião, em especial no campo da política. O corpo do político está ali, mas há toda uma composição para essa imagem feita a partir de planos, ângulos, enquadramentos e

movimentos de câmeras direcionados para favorecer o político. (COURTINE E PIOVEZANI, 2015)

Antes se tinha, na presença física, tanta veracidade que era como se o político não pudesse mentir para os eleitores, Courtine e Piovezani apresentam uma sequência que exemplifica

As falas... Louvemo-las, se elas forem livres, verídica e salutares. Mas se elas forem mentirosas, venais e perniciosas, devemos condená-las! Porque o maior mal que eu poderia lhes fazer, caros concidadãos, seria o de lhes esconder a verdade, ou de não lhes falar francamente. Onde estaria o fundamento de um governo baseado na fala, se essa fala não fosse sincera? (DEMÓSTENES, 1956 *apud* Courtine e Piovezani, 2015, p.8)

É como no bordão “no fio do bigode”, antigamente o que se tinha e o que ninguém queria deixar de ser era uma pessoa de palavra. É claro que além de transmitir essa veracidade, essa habilidade precisava ser cada vez mais aprimorada, assim diz Foucault (2011, *apud* Courtine e Piovezani, 2015)

Em suma, poderíamos dizer que a ascese é o que permite, de um lado, adquirir os discursos verdadeiros, dos quais se tem necessidade em todas as circunstâncias, acontecimentos e peripécias da vida, a fim de estabelecer uma relação adequada, plena e acabada consigo mesmo; de outro e ao mesmo tempo, a ascese é o que permite fazer de si mesmo o sujeito desses discursos verdadeiros, é o que permite fazer de si mesmo o sujeito que diz a verdade e que, por essa enunciação da verdade, encontra-se transfigurado, e transfigurado precisamente pelo fato de dizer a verdade. [...] Fazer sua a verdade, tornar-se sujeito da enunciação do discurso verdadeiro: é isso, creio, o próprio cerne da ascese filosófica. (2015)

Ou seja, com o aperfeiçoamento da técnica da fala o sujeito acaba tornando aquela verdade como sua e assim consegue transmiti-la para o seu público e isso dota de mais convicção o discurso.

4.2 O Político e a Fala Pública

Outro grande dilema da fala pública é como falar para um público que cada vez reúne um aglomerado de milhares de pessoas que carregam interesses, sonhos, emoções e desejos que nem sempre são comuns entre vários que estão ali presentes. Como falar com esse povo e conseguir dominá-lo e convencê-lo, ou seja, como homogeneizar o heterogêneo do auditório em formação imaginária que incluía todos? A resposta surge na virada do século XIX para o século XX e persiste no século XXI, que diz que “as massas precisam de um guia”. (COURTINE E PIOVEZANI, 2015)

Logo, molda-se um líder para que ele seja aquele que todos querem que os represente e diante disso foram desenhadas novas formas de falar em público que originaram as propagandas políticas mais modernas. Em toda essa trajetória, é importante lembrar-se da retórica, definida como a arte de seduzir e de convencer pela eloquência e que, foi há muito tempo, retirada dos programas curriculares do ensino, assim deixa-se de ensiná-la nos bancos escolares e desaparece a obrigatoriedade. Outro motivo está diretamente ligado com o desaparecimento dos oradores que exerciam a retórica e eram ensinados, copiados, ouvidos e citados como modelos, daí a retórica deu lugar para a eloquência que nada mais é que a capacidade de falar e expressar-se com desenvoltura, ter o poder de persuadir com as palavras. (COURTINE E PIOVEZANI, 2015)

Considerando a situação histórica da política como o Mensalão⁸ entende-se que uma das estratégias da campanha de Sartori foi exatamente apresentar um candidato que fosse totalmente o contrário do imaginário social que desqualifica o político, associando-o aos maus políticos, do mensalão. Apresenta-se então como o gringo que faz, Sartori soube colocar-se no lugar de um líder cativante, que entende das questões políticas, mas que acima de tudo buscava falar com seus eleitores toda a vez que se direcionava dizendo “meu senhor e minha senhora” e o principal de tudo não promete nada.

4.3 Povo e Fala Pública

O povo hoje quer que os seus representantes demonstrem real engajamento com suas causas, que vistam a camisa e não simplesmente que digam da boca para fora que apoiam as lutas da população e de cada grupo social. Aos candidatos a cargos públicos eletivos cabe hoje resgatar um pouco daquilo que existia nas tribunas e ágoras, falar com todos, mas como se estivesse falando em particular com cada um, tocar a cada um de forma exclusiva.

Mas o que vem a ser “povo”? Para Cícero (s/d *apud* Bonavides, 2015 p.79) povo é “a reunião da multidão associada pelo consenso do direito e pela comunhão da utilidade” e não somente o aglomerado de pessoas de qualquer jeito. Bonavides afirma que “Povo é então o quadro humano sufragante, que se politizou (quer dizer, que assumiu capacidade decisória), ou seja, o corpo eleitoral”.

Povo, no sentido jurídico, não necessariamente tem relação com população que remete mais ao sentido demográfico, Bonavides (2015, p.80) assim define povo como “é

⁸ Propina paga a parlamentares para que votassem a favor de projetos do governo.

aquela parte da população capaz de participar, através de eleições, do processo democrático, dentro de um sistema variável de limitações, que depende de cada país e de cada época”. Aurelino Leal (1925 *apud* Bonavides, 2015 p.80) dá a seguinte definição para povo “indica a massa geral dos habitantes de um país e a parte dela a que se atribui capacidade de concorrer para a investidura do poder público”. Porém Afonso Arinos (1963 *apud* Bonavides, 2015 p. 80) discorda da primeira parte da afirmação de Aurelino Leal, pois levanta a questão de que na “massa geral dos habitantes de um país” podem estar incluídos estrangeiros que não fazem parte do povo.

Bonavides (2015, p.81) destaca que a melhor forma de explicar o que é povo vem do jurídico, porque para ele “povo exprime o conjunto de pessoas vinculadas de forma institucional e estável a um determinado ordenamento jurídico” e traz Ranelletti (1966 *apud* Bonavides, 2015 p. 81) que define povo como “o conjunto de indivíduos que pertencem ao Estado, isto é, o conjunto de cidadãos”.

E assim Ospitali e Virga também referenciam o conceito de povo com cidadania que relaciona os indivíduos, os prende, a determinado território. Ospitali (1966 *apud* Bonavides, 2015 p. 81) define povo como “o conjunto de pessoas que pertencem ao Estado pela relação de cidadania” e para Virga (1967 *apud* Bonavides, 2015 p. 81) “o conjunto de indivíduos vinculados pela cidadania a um determinado ordenamento jurídico”. Bonavides salienta a importância de vincular a cidadania ao conceito de povo porque é necessário diferenciar que um grupo social pode reunir elementos humanos, sujeitos de direitos e obrigações e mesmo assim não formar um Povo. A cidadania vincula o indivíduo a um sistema de leis, a um ordenamento estatal. Cidadania é o que torna os cidadãos vinculados à nação, capazes de votar e serem votados, de possuírem direitos e deveres, prestar o serviço militar e observar as leis do Estado. Assim, pode-se adotar como definição para povo de que este é o conjunto de pessoas que pertencem ao Estado e estão vinculadas ao mesmo ordenamento jurídico.

Definido de forma rápida o que é povo, cabe tratar da relação povo e fala pública. O que se busca na fala pública é compreendê-la, pois ela pode mover multidões, pela sua eloquência inédita, que por vezes resgata a retórica. Para qualificá-la é necessário entender o que as multidões querem ouvir e os estudos se dirigem a compreender de que forma atingir e aproveitar as emoções da coletividade. Valer-se, como diz Courtine (2015, p. 265) “da força cega do número”. Um exemplo da força do povo organizado é o movimento dos carapintadas, que foi o nome dado ao movimento estudantil, que em 1992, teve o objetivo do *impeachment* do presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello. O nome do movimento se

deu por causa da principal forma que os estudantes utilizaram para se expressar, sendo como símbolo do movimento: as cores verde e amarelo pintadas em seus rostos.

Le Bon (1980 *apud* COURTINE, 2015, p.266) queria descobrir “as leis de uma unidade mental das multidões” e o que ele consegue caracterizar é que as multidões podem ser equiparadas com as formas mais inferiores da evolução, como um selvagem ou como uma criança porque ele identifica que as massas apresentam fortes estados psicológicos “como a impulsividade, a irritabilidade, a inconstância, os exageros e simplificações dos sentimentos, a credulidade...”. Ele chegou a concluir que as massas de qualquer lugar do mundo são femininas. Embora a conclusão de Le Bon possua bons resultados para o estudo do comportamento das multidões, é preciso discordar do preconceito em relação às mulheres, as quais são consideradas seres de pouca racionalidade e de muita emoção. São ideias das mais obsoletas de dominação sexual, mas ele busca as explicações para a irracionalidade e imprevisibilidade da multidão, e no século XIX, quando Le Bon afirma isso, a concepção de feminino coincidia com a de falta de racionalidade. E é por esse motivo que, para Le Bon, as multidões devem ser controladas porque, segundo ele, em todo tempo e lugar a multidão está sempre perdida e é sempre perigosa e assim ela busca um mestre para dominá-la.

Por sua vez Freud(*apud* COURTINE, 2015) discorda das considerações de Le Bon, uma vez que existem multidões que são violentas e instáveis, porém há também aquelas que são permanentes e estáveis. Freud salienta a questão da multidão com a necessidade de pertencimento que cada indivíduo almeja, fazer parte daquele grupo dos seus semelhantes, em que deixa de lado suas singularidades para lutar pelos demais. Mas o que Le Bon conseguiu por meio da sua busca de mecanismos de controle das multidões foi apontar para uma nova forma de propaganda política, na qual a questão primordial para dominar as massas é compreendê-las para saber como falar com elas e assim guiá-las para o caminho que se quer.

Ainda nessa linha da compreensão das massas, Le Bon levanta a questão do contágio e para isso traz a seguinte passagem

Basta que um homem eleve seus olhos e olhe atentamente um objeto, para que vejamos vários outros pararem imediatamente e levantarem também seus olhares para o mesmo lado, acreditando fixar o mesmo objeto. Pouco a pouco a multidão aumentará; e deixará toda a rua obstruída. (MERCIER, 1788 *apud* COURTINE, 2015, p. 272-273)

Isso demonstra que as aglomerações têm participantes que não sabem o motivo de estarem ali, mas sabem que estão fazendo as mesmas coisas que os demais que estão ali presentes. Elas produzem incômodos para a circulação no meio urbano ao mesmo tempo

temor, pois as massas são consideradas o berço da revolta, do motim e da perturbação da ordem pública. Entretanto essas manifestações são um importante espaço para o povo dizer suas demandas e criar argumentos para conquistá-las.

Por essa razão Courtine e Piovezani (2015) abordam a questão da domesticação das massas no sentido de que elas precisam de um líder, pois impulsivamente elas seguem alguém, e uma pessoa se sobressai perto das outras que acaba assumindo essa posição de guia, de líder e que leva os demais ou aciona-os para as atividades que se deseja que façam. Assim se manifesta Le Bon (1896 *apud* Courtine)

Tão logo um certo número de seres vivos esteja reunido, quer se trate de uma tropa de animais ou de uma multidão de homens, eles colocam-se instintivamente sob a autoridade de um líder. [...] A multidão é um rebanho que não pode prescindir de um mestre. (2015, p.278)

A massa sempre se coloca na situação de submissão diante daquele que se sobressai para liderar o grupo, porém, as elites⁹ sempre buscam preparar alguém para assumir esse lugar e Le Bon (1896 *apud* Courtine) assim diz

[...] as elites procuram novos meios de dominar as multidões da indústria, do recrutamento militar e da rua política, assim como aqueles que procuram construir grandes organizações de protestos e de revoluções desenvolvem a figura do líder: um homem (jamais uma mulher), fornece as qualidades morais para as multidões e torna-se um exemplo a ser seguido – tanto em seus comportamentos quanto em suas ações – pelas massas da produção em massa e pelas massas das guerras em massa. Muito frequentemente operários e soldados eram aqueles que constituíam ambas as massas. (2015, p.278)

As multidões acabam domesticadas a partir do nascimento do líder que é moldado para encaminhá-las para onde as elites as encaminham. Porém, esse líder é a imagem e semelhança da multidão que ele representa, sua forma de falar e seus gestos lembram essa classe que ele representa e isso faz com que a multidão enxergue-se nele e o apoie como sendo ele quem faz com que as suas reivindicações sejam ouvidas, como sendo este líder a sua única esperança, porque esse líder sabe como atingir o imaginário dessa multidão e isto é, para Le Bon, a mesma coisa que dominar a arte de governá-la. Para se atingir esse ideal é preciso controlar o equilíbrio entre emoções e razão, pois é através das primeiras e pela segunda, sem dose certa, que se consegue governar.

Le Bon (1896 *apud* Courtine) afirma:

⁹ Classe alta, mais privilegiada economicamente.

A multidão somente pode ser impressionada pelos sentimentos excessivos; o orador que pretende seduzi-la deve abusar das afirmações violentas. Exagerar, reafirmar, repetir e jamais tentar demonstrar nada mediante um raciocínio são os procedimentos de argumentação familiares aos oradores das massas populares. (2015, p.286)

Por isso, é mais fácil encontrar um discurso político embalado por raiva, alegria, esperança do que pela razão, pelos dados da realidade, conteúdo propriamente dito, já que a intenção não é informar a população, mas somente seduzi-la e conquistá-la a favor do orador.

Com este tópico se está fazendo uma busca para a caracterização dos auditórios compostos por multidões que buscam atingir demandas nem sempre visíveis ou consideradas por responsáveis por atendê-las. Com essa busca se pretende a construção de condições para a compreensão do eleitorado frente à fala de candidatos a cargos eletivos. Assim, retoma-se a questão do discurso político e dos efeitos do mesmo perante seu auditório, lembrando que a materialidade de análise deste trabalho já não está mais na condição de fala direta com o povo, mas se dá com a intermediação dos meios televisivos. Cabe então trazer a questão da fala pública, tratada na sua relação com a sociedade do século XIX, para a realidade dos anos dois mil.

Kehl (1991), ao abordar a influência da televisão na sociedade atual, trata sobre a questão do eleitorado ser antes conquistado devido a fatores sentimentais e não por motivos racionais, são os argumentos fantasiosos dos candidatos que sempre pesam mais do que os argumentos fundamentados na razão. Para poder criar essas condições sentimentais o orador utiliza-se muito de seus meios anatômicos, uma vez que, para Piovezani

Criar emissões sonoras carregadas de significação pressupõe uma predisposição biológica, dada por propriedades inatas do organismo humano, para cuja efetiva realização exige-se necessária e principalmente a interação social entre os falantes de uma comunidade. (2015, p.290)

E a partir dessa interação social que se consegue produzir enunciados adequados para cada situação que a fala exige e esta não deixa de ser uma característica do discurso político, mas vale salientar que, para cada lugar, tem-se uma emoção específica a ser provocada e também a intensidade de voz a ser usada.

O público deseja hoje que o orador se dirija intimamente, como se estivesse falando diante dele, por isso o orador tem que saber falar para todos como se falasse com cada um, mas sabendo para quem esta falando, como fazia antes, para as elites econômicas, políticas e letradas. Conforme o público o orador deve adequar seu discurso e quanto maior for o público

menor deve ser a sofisticação dos assuntos, já quando é um público pequeno o discurso deve ser mais exato e ter mais argumentos.

Na nossa materialidade de análise, encontram-se exemplos de como o candidato Sartori tenta construir condições de aproximação falando aos telespectadores que assistem ao debate entre ele, Sartori, e Tarso Genro:

Quero em primeiro lugar me dirigir a senhora e ao senhor que estão acompanhando aqui pela TV Pampa, agradecendo ao Paulo Sérgio Pinto, nosso mediador, cumprimentando também nosso adversário Tarso Genro e dizer pra senhora e pro senhor que sou muito agradecido por nos terem colocado no segundo turno [...] (16/10/2014)

Ressaltando aqui as formações imaginárias¹⁰ (Pêcheux, 1993) quando ele busca esse diálogo direto com os interlocutores, tratando-os de forma individualizada, com intimidade e identidade, um EU para um TU.

Piovezani (2015, p.316) afirma que “A voz da autoridade foi substituída por uma semelhante àquela do nosso vizinho ou amigo; porém, com a trivial especificidade: essa voz amigável é a que continua a comandar boa parte de nossos destinos”. Então essa visão autoritária que os políticos traziam com eles não serve, é preciso construir-se como amigo que participa da mesma roda de chimarrão. Nessa situação, torna-se importante a modulação da voz.

Nas propagandas políticas, nota-se a mudança da fala. São poucos os discursos políticos em que se verifica a tonalidade mais forte, grande parte procura dirigir-se aos telespectadores como se estivessem em uma programação convencional da televisão e isso faz com que os que estão assistindo prestem mais atenção no que estão vendo por ser uma forma diferente de fazer a propaganda política, ao invés de atentarem para o conteúdo do discurso que é dito pelos políticos.

4.4 Linguagem e discurso

Na perspectiva da AD, na linguagem todos os sentidos são admissíveis, porém a materialidade histórica não deixa que o sentido seja qualquer um (ORLANDI, 2012). A linguagem é tomada como prática: mediação, trabalho simbólico, e não como um instrumento de comunicação. Tem-se a linguagem como algo incompleto através da noção de ideologia,

¹⁰ Esta noção será trabalhada no capítulo 5, na página 56.

pela prática e mediação, pois se a linguagem fosse fechada não haveria sentido. E levando-se em consideração a exterioridade que é possível entender a mudança de noção de linguagem. As formações imaginárias se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso, a imagem que se faz de um operário, de um presidente, etc. Existe em toda língua mecanismos que constituem a FI que se faz de um sujeito e isso ocorre devido à situação e a posição dos sujeitos que são discursivamente significativas. (ORLANDI, 2012)

A língua e a linguagem foram consideradas por muito tempo com relevância para questão gramatical, e ficando o processo de significações em segundo plano. A AD avança para além das questões gramaticais e busca os sentidos possíveis de que as palavras se constituem no encontro dessas com a história, o sujeito e a ideologia.

Pêcheux (1993) ao tratar sobre essa característica da língua mostra que a princípio ela servia para se trabalhar com a compreensão dos textos, buscando responder questões como “do que fala o texto?” “quais são as ideias principais do texto?”, entre outros, era mais uma preocupação com a semântica e a sintaxe. A partir de Saussure a língua passa a ser definida como um sistema, não é vista mais apenas com a função de nomear, comunicar, mas sim um sistema pelo qual a ciência linguística pode mostrar o funcionamento. Se não, veja como Pêcheux trata:

[...]o “texto”, de modo algum, pode ser objeto pertinente para a ciência linguística pois ele não funciona; o que funciona é a *língua*, isto é, um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições reguladas por elementos definidos, cujos mecanismos colocados em causa são de dimensão inferior a texto: a língua, como objeto de ciência, se opõe a fala, como resíduo não-científico da análise. (1993, p.62)

O texto por si só não é suficiente porque quem dá todo o suporte para que as frases e os textos funcionem é a língua que tem organização própria. É por isso que muitas frases ou textos que são ditos/escritos se forem considerados a partir da norma geral da escrita da língua muitas vezes não fazem sentido, é necessário que se compreenda a partir de que mecanismo discursivo se tornou possível dizer/escrever aquilo o que se dá por meio do contexto do qual fez parte tal conteúdo. Isso é o que se pode chamar de feixes de normas, elas vão além das identidades individuais e universais da linguística, pois o sistema de cada região tem um funcionamento específico que influencia no sentido.

Logo, a AD não trata de analisar a língua porque isso é para a linguística. A AD utiliza-se da linguística para procurar formas que lhe permitam analisar os efeitos de sentido e

para isso a língua é o que dá condições de possibilidade para o discurso. A AD vai além da linguística por considerar a relação entre a língua e a sua exterioridade.

A Análise de Discurso se origina a partir das diversas formas de significar proporcionadas pela linguagem. Por isso, a AD se interessa pela língua, pela gramática, mas não são esses o seu foco, o que mais lhe interessa é o discurso, porque este é a palavra em movimento. Estudando-se o discurso estuda-se o homem falando (Orlandi, 2015).

O discurso vem a ser o lugar em que se observa a relação entre a língua e a ideologia pois, o discurso é a materialidade da ideologia e a língua é a materialidade do discurso, segundo Pêcheux (1995). Cazarin (1997, p. 18) traz que o conceito de discurso “é entendido como efeito de sentido entre locutores e como prática discursiva (não individual), nem universal, mas particular, identificada com um domínio de saber, ou seja, com uma Formação Discursiva”.

É importante fazer a distinção entre discurso e texto, pois o texto é um objeto com início, meio e fim e o discurso não pode ser considerado como uma unidade fechada, mesmo que um fragmento para análise possa ser considerado inteiro, porque o discurso possui relação com os demais textos, com a sua condição de produção e com a sua exterioridade constitutiva.

4.5 Discurso político

Estudar o discurso político, como afirma Courtine (2009), é irresistível e surgiu como um trabalho político e científico especializado, buscando tomar posição em um campo ideologicamente estruturado e mostrar, justificar, criticar o porquê deste ou daquele discurso e o motivo da inscrição nesta ou em outra posição.

Cada discurso tem um funcionamento discursivo que lhe é particular, por isso é possível dizer que uma das particularidades do discurso político é a persuasão. Mas na Análise de Discurso não é possível criar tipos de discurso pré-determinados que possam servir para caracterizar os demais discursos, pois determinadas características são mais de uns e não de outros, mesmo que a persuasão seja uma das características que deve estar presente no discurso político, este poderá ter outras características que serão próprias ao sujeito e suas condições de produção. Assim não é possível caracterizar um ou outro discurso como político. Embora haja espaços em que o discurso político existe, como nas palavras dos prefeitos, governadores de estado, na verdade quando se fala em políticos e em seus discursos está se falando nos discursos políticos. Fica bem mais aparente o discurso político durante as campanhas eleitorais, porque os discursos que antes estavam dentro das câmaras de

vereadores, por exemplo, tomam conta das ruas e das mídias. Neste momento, todos os sujeitos se tornam sujeitos de discursos políticos, pois todos são legitimados para falar de política.

Neste sentido Pinto afirma:

Os discursos políticos têm locais de enunciação específicos, ou seja, é absolutamente legítimo quando ele parte de partidos políticos, de assembleias legislativas, do governo. Mas deve-se considerar que nas democracias contemporâneas cada vez mais existem outros espaços de construção do discurso político, que concorrem com os espaços tradicionais. Há o discurso político estrito senso, que é o discurso político que tem locais de enunciação muito claros, que são os locais de política, mas também há o discurso político feito na imprensa e o discurso político feito na sociedade. Quanto mais se democratiza um país, mais haverá cidadãos falando de seus problemas em locais não tradicionais da política. Portanto, no regime democrático tende a haver uma democratização dos espaços, onde o discurso político é enunciado. E quanto mais o discurso político for enunciado por mais pessoas, mais democrático tende a ser o país e menos sentidos fixos os discursos dominantes conseguirão deter. (2006, p. 91-92)

O discurso tem a função de tentar fixar/trazer sentidos e o discurso político quer exatamente isso, o político quando se repete incessantemente ao ponto de decorar seu discurso, busca fixar sentidos dentro da disputa política para mostrar, durante a campanha, que ele é melhor candidato que o seu concorrente.

Orlandi (1987), no início dos seus estudos e produção em AD, trata de uma tipologia de discursos. Embora hoje perceba-se uma certa dificuldade em classificar os discursos situando-os conforme Orlandi (1987), as características que ela descreve como próprias do discurso polêmico são importantes para analisar o discurso de Sartori, o discurso político.

Ela trabalha a tipologia do discurso considerando a relação entre paráfrase e polissemia e situa três tipos de discurso: discurso lúdico, discurso polêmico e discurso autoritário. Orlandi (1987, p. 84)

Nesse sentido, podemos caracterizar os três tipos de discurso da seguinte maneira: o discurso lúdico é aquele em que o seu objeto se mantém presente enquanto tal e os interlocutores se expõem a essa presença, resultando disso o que chamaríamos de *polissemia aberta* (o exagero é o *non-sense*). O discurso polêmico mantém a presença do seu objeto, sendo que os participantes não se expõem, mas ao contrário procuram dominar o seu referente, dando-lhe uma *direção*, indicando perspectivas particularizantes pelas quais se o olha e se o diz, o que resulta na *polissemia controlada* (o exagero é a injúria). No discurso autoritário, o referente está “ausente”, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na *polissemia contida* (o exagero é a ordem no sentido em que se diz “isso é uma ordem”, em que o sujeito passa a instrumento de comando). Esse discurso recusa outra forma de ser que não a linguagem.

Assim, são caracterizados alguns discursos como, por exemplo, o que Orlandi trata de caracterizar que é o discurso pedagógico, sendo o professor a autoridade dentro da sala de aula seus alunos o entendem como dono do saber, mas na verdade o professor repassa os conhecimentos dos estudiosos e cientistas para seus alunos e não dá os devidos créditos aos então donos do saber, logo o discurso pedagógico pode então ser classificado como discurso autoritário porque o professor fala e não dá voz aos alunos.

De acordo com Pinto (2006, p. 84) para analisar o discurso político é preciso considerar três formas de discurso: discurso científico, discurso da mídia e o próprio discurso político. O primeiro discurso tem como peculiaridade a de esconder o sujeito, transformando-o em “não-sujeito” como trata a autora. Este discurso não é para ser entendido por aqueles que não são desta área, quanto mais restrito for o discurso científico maior será o seu poder, contrário ao discurso político que quanto mais amplo e divulgado for melhor é para o candidato.

Quanto ao discurso da mídia, este vem se tornando cada vez mais a principal fonte de informação sobre diversos assuntos, é por causa de suas técnicas que muitos discursos vêm se transformando e pela sua própria ordem e formas de funcionamento. O discurso da mídia prega o zelo da verdade e da objetividade. Na busca da verdade se conecta ao discurso científico.

Pinto (2006, p. 89) trata das características fundamentais que estão no discurso político, dentre elas está a condição de impor a sua verdade a muitas pessoas e isso é o mais ameaçador para este discurso porque o sujeito pode não conseguir impor a verdade que está apresentando. O discurso político está numa constante construção e desconstrução até porque muitos discursos se constroem a partir da desconstrução de outro discurso.

Esse discurso caracteriza-se também por ser dinâmico, frágil e de fácil percepção de provisoriedade, quando os candidatos deixam transparecer que falam aquilo por querer o voto do eleitor naquele momento. O discurso político vem a ser o discurso do sujeito. Durante toda a vida, o sujeito assume várias posições sujeito¹¹, logo múltiplos discursos, por isso não tem como criar uma tabela para classificar a que tipo de discurso o sujeito pertence sem considerar antes o discurso e a sua sujeição, mas por ser um entendimento subjetivo não tem como rotular, pois não tem como saber de que forma o sujeito se constituirá e que sentido ele dá

¹¹ Pêcheux (1995) define posição-sujeito a relação de identificação entre o sujeito enunciator e o sujeito do saber.

para sua vida, qual sua formação discursiva e ideológica, ou seja, a qual discurso ele se assujeitará.

Quanto às tomadas de posição, Pêcheux (1995, p.215-216) traz as modalidades da tomada de posição que são três: superposição (o “bom sujeito”), discurso do mau sujeito e a desidentificação; ao que se passará defini-las de forma sucinta. A superposição é a primeira modalidade que é a superposição do sujeito do discurso e a forma-sujeito da FD. Nessa modalidade o sujeito se identifica de forma plena com o discurso da forma-sujeito, sendo conhecida também como discurso do bom sujeito. Opondo-se à primeira modalidade, a segunda é conhecida por ser o discurso do mau sujeito quando ele se contrapõe à forma-sujeito. Já na terceira modalidade o sujeito se desidentifica da sua FD e forma-sujeito para se identificar em outra FD e forma-sujeito.

O assujeitamento¹² é essencial para o discurso político, porque esse, e qualquer outro discurso, pode e se depara com sujeitos que já possuem opiniões formadas ou não.

Pinto (2006) salienta que o Brasil funciona ainda em forma de clientelismo, ou seja, os cidadãos encontram abrigo nestes discursos políticos que enaltecem ainda mais as condições de desigualdade do Brasil. Por isso, um discurso político enfrenta várias adversidades quando o político fala em sujeitos iguais, sujeitos de direitos, porque uma parcela da população está conectada ainda ao clientelismo.

Como já foi dito, os sujeitos se tornam sujeitos de múltiplos discursos com o passar dos anos, pela experiência. Por isso o discurso político e qualquer outro tem maior facilidade de interpelar jovens, adolescentes, e adultos que já possuem certa carga de experiência.

No discurso político, se enaltece também a luta pelo poder, não que os demais discursos não sejam ou não busquem poder, mas o discurso político deixa isso claro e os demais discursos tendem a deixar esse desejo de forma opaca. O discurso político é um discurso que tem lados, que apresenta visões de mundo, retomando a questão de que esse discurso se faz diante da desconstrução, porque se assim não fizer ele não tem condições de construir a si próprio, por isso a polêmica está intrinsecamente ligada a este discurso.

Pode-se perceber um exemplo da desconstrução do discurso na seguinte sequência discursiva do debate entre Tarso Genro e Sartori quando o tema sorteado foi endividamento:

¹² Orlandi (2015, p.48) define assujeitamento: “A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta a língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento”.

Sdr1

Tarso Genro: Candidato Sartori, o PMDB, o seu partido quando governava o Estado fez há 15 anos um acordo muito ruim para o Rio Grande do Sul que tenciona as finanças públicas do Estado até hoje e causou um prejuízo enorme e esse prejuízo ele tem que ser enfrentado. Nós estamos enfrentando esse prejuízo com a modificação dos índices de correção da dívida no Estado. Qual é a sua opinião sobre o resultado daquele acordo e esta projeção para o futuro. (grifo nosso)

José Ivo Sartori: Olha, na verdade, a correção que foi feita na época na negociação da dívida do Estado do Rio Grande do Sul ela foi feita para todos os estados brasileiros porque também interessava para o Governo Federal e na verdade hoje a dívida seria muito maior se não tivesse sido renegociada. Agora, hoje, o governo federal tem 12 anos de Governo, 12 anos de PT e nunca foi renegociada a dívida, ela chegou, apareceu agora este ano no período extremamente voltado para as eleições. Casualmente tarso aconteceu o seguinte, em 2002 quando o senhor disputou internamente no partido e foi e ganhou internamente a condição de ser candidato a governador naquela época o candidato Lula era candidato a presidente da república e o senhor afirmou em entrevista num jornal da capital de que a negociação seria fácil e o endividamento do Rio Grande do Sul não seria mais o mesmo. Tenho certeza que talvez esta afirmação tenha sido feita gratuitamente e tenha sido esquecida ao longo dos 12 anos tanto pelo senhor quanto pelo PT. Devo dizer que nós como Governador vamos sim buscar uma alternativa que seja diferente daquela que está posta no senado hoje. (grifo nosso, 16/10/2014)

Quando Tarso Genro questiona Sartori sobre o endividamento, Tarso o ataca utilizando o partido que estava no Governo e fez um acordo ruim, o PMDB, por sua vez Sartori defende que a negociação foi feita para todos os estados e não somente para o Rio Grande do Sul, dizendo assim que não foi seu partido que solicitou essa negociação e passa a defender a atitude tomada afirmando que se não tivesse sido realizada, agora seria muito pior. Aproveita para argumentar que, se estava ruim, porque Tarso não aproveitou quando o PT estava no Governo, e Tarso também, para realizar outra negociação por ser mais fácil considerando que em ambos os Governos estava o PT no comando. Então Tarso em sua tentativa de ‘atacar’ Sartori acaba tendo seu discurso desconstruído no sentido de que Sartori concorda com o que foi feito, mas o questiona porque não fez nada já que tinha prometido em 2012 que a renegociação seria realizada e seria de forma mais fácil já que Lula era o Presidente da República.

Os diversos discursos políticos estão em busca do mesmo espaço e o marketing informa ao político que o espaço que existe é limitado porque existe um número determinado de eleitores e é preciso conquistá-los para obter êxito, diferenciando-se do discurso científico quando uma pesquisa não vai impedir que outra aconteça, o espaço não está sendo disputado. Assim, no jingle de sua campanha, Sartori não deixa de se direcionar para o público geral, mas também para um público específico, como se pode verificar nos seguintes recortes

“[...] Chimango ou maragato, imigrantes, índios natos, nas veias dessa gente corre o sangue dos farrapos [...] Ele é gringo da colônia do trabalho e da paz, Ele pensa nas pessoas, Ele é o gringo que faz[...]”.

Na primeira parte destacada, o jingle da campanha quer dizer que independentemente de onde cada pessoa veio ou de onde ou de quem é descendente, todos são farrapos, todos são pelo Rio Grande do Sul, todo gaúcho tem orgulho de ser gaúcho, já no segundo recorte Sartori é ligado ao gringo que é aquele que tem fama no Rio Grande do Sul de ser estrangeiro italiano ou descendente de italiano e geralmente é uma pessoa trabalhadora, por isso que além de afirmar que Sartori é gringo da colônia e da paz, ele pensa nas pessoas, mas também é o gringo que faz, buscando com isso conquistar eleitores que se identificam com essa condição.

É através da formação ideológica de cada candidato que é possível a identificação do seu posicionamento e de como se torna fácil falar sobre o mesmo tema e ter posicionamento contrário, assim Courtine traz:

a) A instância ideológica estabelece, sob a forma de uma contradição desigual no seio de aparelhos, uma combinação complexa de elementos dos quais cada um é uma FI. As FI têm um caráter “regional” ou específico e comportam posições de classe. O que explica que se possa a partir de FI antagônicas, falar dos mesmos “objetos” (a democracia, a liberdade, o pluralismo, etc.) e deles falar “diferentemente” (“as palavras mudam de sentido em função das posições daqueles que as empregam”) (2009, p.72)

Courtine, na citação acima exposta, traz entre parênteses uma colocação de Haroche que se encaixa perfeitamente, quando este refere que as palavras por si só não significam, por isso que para a mesma palavra é possível ter sentidos diferentes conforme o que se quer dizer.

Por isso, no debate, ao falarem sobre o mesmo tema, como, por exemplo, a educação, cada um consegue falar politicamente sobre o assunto, mas também frisar e colocar o que seu oponente fez ou deixou de fazer e o que seu próprio partido fez quando esteve no Governo. Na seguinte sequência discursiva, é possível perceber o conhecimento de cada um deles sobre o tema e como seu partido, e o do seu oponente, trabalharam esse tema. Tarso é quem inicia a pergunta, atacando o partido de seu oponente sobre as condições de infraestrutura e de pessoal da Educação durante o governo do partido de Sartori que, num primeiro momento, somente comenta que o Plano dele para a educação é ter diálogo. Entretanto, Tarso insiste em reafirmar as condições desagradáveis que o PMDB deixou os alunos e professores. Neste ponto Sartori afirma que as condições ainda permaneciam no Governo de Tarso e nem as metas propostas para a educação ele conseguiu atingir porque, como ele diz anteriormente,

enquanto Prefeito conseguiu ir além das expectativas e receber o certificado de cidade livre do analfabetismo. Isso pode ser observado a seguir:

Sdr2

Tarso Genro: o governo representado pelo PMDB aqui no estado tanto no governo Yeda como no governo Brito sucateou a educação aqui no estado, sucateou salários, sucateou escolas, não atendeu a rede física das escolas, fez um plano de demissão voluntária que demitiu seis mil professores, nós tivemos que contratar agora dez mil professores. Eu pergunto Sartori qual é o plano eventualmente se você ganhar essa eleição, que plano você adotaria para a educação pública no Rio Grande do Sul. (grifo nosso)

José Ivo Sartori: olha, a minha atitude foi muito clara inclusive perante o CPERS, sou daqueles que acha que não se faz educação sem diálogo, sem entendimento, sou daqueles também que acha que não adianta prometer uma coisa que não pode ser cumprida, porque senão vira mais uma, além da promessa, vira uma mentira, gera só frustração. Nessa caminhada devo dizer que nós tivemos uma experiência, por exemplo em Caxias do Sul, e me dá nos oito anos que fui prefeito as condições mais objetivas do mundo de ter recebido do MEC o certificado de cidade livre do analfabetismo e todo mundo sabe que lá é uma população que cresceu nos últimos anos 20,8% e nessas condições nós temos que trabalhar a educação como uma forma de melhorar os equipamentos, fazer uma grande manutenção das escolas, criando condições para que isso se transforme objetivamente na valorização do professor, amanhã é o dia do professor, quero cumprimenta-los a todos pela atividade, são e devem ser valorizados pelo salário, mas também valorizados pela atividade que exercem criando condições de que as nossas crianças e os nossos jovens tenham o seu futuro adquirido e possam estar trabalhando amanhã pro crescimento e o desenvolvimento do rio grande do sul, vamos levantar essa autoestima na educação que é o melhor programa de governo.

Tarso Genro: o seu partido o PMDB estava na secretaria da educação no governo anterior e a secretaria foi depois sua secretaria em Caxias do Sul. O PMDB tem uma tradição de maus serviços públicos ao estado, escolas de lata, arrocho salarial brutal ao professores, nós demos aos professores aqui no estado do rio grande do sul o maior aumento salarial real da história do magistério. Nós aqui no rio grande do sul fizemos um processo de formação continuada dos professores que já teve 258 mil presenças. Nós repusemos 10 mil professores, enquanto o PDV no PMDB que acostumado a prestar mal serviços ao estado e que trata o estado a partir de uma visão curta, míope, de redução de despesas, proporcionou um desastre na educação do estado do rio grande do sul. Vamos olhar pra frente sim, mas vamos verificar o que os partidos, as coligações políticas fizeram no passado pra poder se orientar corretamente no futuro. (grifo nosso)

José Ivo Sartori: olha Tarso, eu acho que as vezes mesmo você acredita naquilo que você tá falando, sinceramente. Tem ainda escola de lata no rio grande do sul, produzida pelo seu governo, ainda tem escola em CTG, não é, além de outras questões é preciso medir bem e decidir com base objetivos as metas que devem ser da educação e levar a sério os índices ou indicadores da educação, nós temos que fazer uma superação desse conflito entre professores e o próprio governo para que nós tenhamos uma educação de qualidade porque não adianta dizer que agora cresceu a educação ou que os indicadores melhoraram, na verdade ele já eram lá atrás, hoje são 3,7 e na verdade a meta seria de 4 e não alcançou os 4. (grifo nosso)

É possível verificar também que Sartori sempre busca manter-se conectado com seu público e chama-o a todo momento, e isto é verificado no trecho acima em que ele parabeniza

os professores e diz que seus salários e sua atividade devem ser valorizados, pois são eles que garantem o futuro das crianças e dos jovens para poder estar trabalhando e auxiliando no desenvolvimento do Rio Grande do Sul.

Após este estudo sobre o discurso político, o tema a seguir faz parte fundamental deste estudo: a Ideologia que está presente em qualquer discurso.

4.6 Ideologia

A ideologia é um dos elementos que determinam o sentido que faz parte do interior do discurso e que, ao mesmo tempo, se reflete na exterioridade, ela não é algo exterior no discurso, mas constitui a prática discursiva. A ideologia não é consciente, é vista como efeito da relação entre o sujeito e a linguagem, está presente em toda manifestação do sujeito, permite sua identificação com a formação discursiva que o domina. Tanto a ideia do sujeito de que possui o domínio de seu discurso, quanto à ideia de que o sentido já existe como tal, são efeitos ideológicos.

Althusser (1970, p. 69) traz um dos primeiros conceitos que Marx deu para a ideologia sendo “sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social”. Na busca de definir uma teoria para a ideologia Marx, segundo Althusser (1970, p. 75-76), começa por uma construção imaginária, como se a ideologia fosse um sonho, um vazio. Althusser prefere retomar a expressão de Freud e diz que “a ideologia é eterna como o inconsciente”. E sustenta essa posição dizendo que “a eternidade do inconsciente tem uma certa relação com a eternidade da ideologia em geral”.

As ideias do sujeito, que vem do imaginário, são conforme suas crenças por isso ele crê e adota determinados comportamentos que fazem parte de suas livres escolhas. Logo, se a ideologia vem do imaginário do sujeito conforme suas vivências, o comportamento que ele adota pode ser a ideologia materializada. Essa materialidade ideológica pode ser exemplificada nas manifestações dos candidatos, José Sartori e Tarso Genro. Abordar um mesmo tema e direcioná-lo para dele tirar proveito político partidário que qualifica o próprio candidato ou desqualifica o opositor é um exemplo da ideologia materializada na linguagem. O funcionamento da ideologia é definido da seguinte forma por Althusser (1970, p. 93).

[...] a categoria de sujeito é constitutiva de toda a ideologia, mas ao mesmo tempo e imediatamente acrescentamos que a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia, na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) <constituir> os indivíduos concretos em sujeitos. É neste jogo de dupla constituição

que consiste o funcionamento de toda a ideologia, pois que a ideologia não é mais que o seu próprio funcionamento nas formas materiais da existência deste funcionamento.

Todos são sujeitos, logo, todos são sujeitos ideológicos, porque, como afirma Althusser (1970, p. 94) “o homem é por natureza um animal ideológico”. Quanto ao dizer que a ideologia interpela todos os indivíduos em sujeitos, assim traz também o autor

[...] a ideologia age ou funciona de tal forma que <recruta> sujeitos entre os indivíduos (recruta-os a todos), ou transforma os indivíduos em sujeitos (transforma-os a todos) por esta operação muito precisa a que chamamos a interpelação, que podemos representar-nos com base no tipo da mais banal interpelação policial (ou não) de todos os dias: Eh! você.

Se supusermos que a cena teórica imaginada se passa na rua, o indivíduo interpelado volta-se. Por esta simples conversão física de 180 graus, torna-se sujeito.

Como já se mencionou, a ideologia desde sempre interpelou os indivíduos em sujeitos, portanto “os indivíduos são sempre-já sujeitos”, antes mesmo de nascer a criança é sempre-já sujeito porque na ideologia familiar ela já foi concebida e é portanto esperada.

A interpelação¹³ se dá pela ideologia materializada na linguagem. Em outro item já foi abordada a interpelação e língua/linguagem na perspectiva da fala pública, entretanto cabe dizer agora que a interpelação do sujeito eleitor, na análise que se faz, toma a materialidade ideológica na sua condição de texto televisivo que busca conduzir os telespectadores a assumir uma determinada posição na disputa política pelo governo do estado do Rio Grande do Sul.

A Ideologia se faz presente durante o debate no momento em que cada candidato se liga ao seu partido, que faz a menção que está representando o PT ou PMDB, nas sequências em que ressaltam as suas conquistas e conquistas de outros, quando seu partido esteve no comando. Também quando afirma no seguinte recorte do jingle “Eu sou 15 sou Sartori”, não precisa estar a sigla presente, mas inconscientemente nas suas falas suas ideologias partidárias estão ali.

¹³ Interpelação no sentido de intimar a todos os indivíduos a tornarem-se sujeitos.

5 CONSTITUIÇÃO DE POSIÇÕES NO DISCURSO POLÍTICO

Nesta seção, trata-se sobre como se constituem as posições no discurso político, para tanto é importante abordar e discutir as formações imaginárias, sujeito do discurso e posições do sujeito, em que aborda as posições de Sartori como: professor, filho e gringo. Serão vistas também a rememoração/comemoração.

5.1 Condições de Produção

O discurso pertence à ordem da fala e, desta forma, através dele, o locutor manifesta-se de forma livre e é entendido porque seu discurso é proveniente da língua, esta é a visão saussuriana. Porém este mesmo discurso, na visão de um sociólogo, é visto como uma ferramenta que faz com que o locutor, por meio dele, pertença a um sistema de normas que não necessariamente sejam individuais ou universais, mas que corresponde a um certo lugar dentro de uma formação social específica. (PÊCHEUX, 1993)

Isso quer dizer que o espaço – lugar - influencia diretamente o sujeito que conseqüentemente tem seu discurso atingido. E isto faz parte do que se chama de condições de produção. E para compreender melhor apresenta-se o seguinte exemplo de Pêcheux

[...] o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado” etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da *relação de forças* existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz: um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para “dar o troco”, o que é uma outra forma de ação política. (1993, p. 77)

Neste exemplo, pode-se observar a condição de produção, no caso do deputado da citação acima, pois o seu discurso vai dar visibilidade à ideologia do partido do qual ele faz parte. Essa ideologia vai estar presente na sua forma de falar, mostrando se o seu partido é do governo ou se é da oposição. Restará evidente, também, com o que ele se preocupa, a que tipos de lutas ele apoia. Essas são algumas das condições que influenciam a produção, por isso condições de produção, que situação o então locutor se encontrava, que espaço e condições tinha para falar. É pelo trabalho da ideologia que essas evidências se constituem.

As condições de produção (CP) são as variáveis que influenciam na construção de determinado discurso, isso quer dizer que as relações sociais, situação social e vontade do emissor afetarão a forma como será a fala e os discursos.

Ao se analisar determinado discurso, nessa dissertação, o discurso de Sartori na campanha de segundo turno na TV Pampa, pode ser identificado desde já uma condição de produção para este discurso, estar o candidato em uma emissora de televisão, preparar-se para as perguntas que serão feitas na hora e confrontar seu oponente. Essas são algumas condições que nortearam as respostas de Sartori que serão aqui analisadas.

Courtine (1981 *apud* Cazarin 1997) trabalha na obra *Analyse du discours politique* duas metáforas sobre a língua durante o estudo da condição de produção, a primeira é de que a língua é teatral englobando diversas formas que o locutor pode escolher para ele mesmo e impor ao destinatário, ressalta que dentre esses papéis a pressuposição seria então o papel mais permanente.

Já a segunda metáfora trata que a língua é um combate e é mais relacionada ao discurso político e assim Courtine (1981 *apud* Cazarin 1997) relata que

As CP do discurso não são mais identificadas como um palco teatral, mas como um “ringue”, onde se desenrola uma “luta de box” (op cit., p.87), numa aproximação do “conflito político” como confrontação inter-individual. “Se insistirmos que todo discurso, e a “fortiori”, todo discurso político, reveste-se de uma função essencialmente pragmática, meio de ação; o que vai reter nossa atenção, são os processos de produção na interação, suas finalidades, suas estratégias em função da situação dos interlocutores, das forças políticas presentes e das metas que ele persegue.” (op. cit., p.80) Então para a AD, trata-se de identificar os protagonistas (L. BLUM, M.PIVERT), decompondo os “movimentos”, mostrando os “alvos” e precisando-lhes a estratégias” (op. cit., p. 88) de cada um deles.

Não pode ser negado que é exatamente isso o que acontece durante os debates políticos. Os candidatos encontram-se num ringue, cada qual aguardando o posicionamento do adversário para saber qual ‘golpe’ dará, no caso será estudada a posição que Sartori ocupa quais golpes recebeu de seu oponente Tarso Genro e quais foram os seus revides e golpes, analisados por meio dos pressupostos teóricos da AD.

O que chama a atenção, neste tipo de discurso, conforme Courtine ressalta, é a forma como ocorrerem essas interações entre os políticos, com qual finalidade utilizam determinado discurso e a sua estratégia para atingir o outro.

O autor salienta que é importante destacar, sendo em um palco de teatro ou dentro de um ringue, que “se desenrolam as peripécias discursivas, ao abrigo das determinações da

história” (Courtine, 1981 p. 23). Ou seja, a história sempre está por trás de tudo, pois ela é base para a construção dos discursos.

5.2 Formações imaginárias

As condições de produção não dizem respeito apenas às condições físicas, mas às posições imaginárias dos sujeitos interlocutores estão submetidos. Então transferindo isso para a análise que está sendo feita, tem-se os dois candidatos em condições de produção semelhantes, no que diz respeito ao lugar que ocupam na cena do debate.

Entretanto, remetidas às formações imaginárias se tem condições de produção muito distintas. Um deles se coloca como Governador que busca a reeleição para dar continuidade a um projeto político-administrativo e, o outro, se constitui no lugar de quem governará promovendo mudanças. Assim, no debate estão presentes situações tensas como se verifica nas seguintes sequência discursivas:

Sdr3

Tarso Genro: [...] Eu peço uma oportunidade para que esse trabalho não seja interrompido e que nós continuemos crescendo de bem e pra frente e de frente pro Brasil

José Ivo Sartori: [...] tenho certeza que nós queremos construir um governo que seja um governo simples, que seja um governo operante e de eficiência, mas acima de tudo conquistando a pluralidade e governando democraticamente. Devo dizer também que pra nós é uma satisfação desejarmos a todos que continuem com a mesma luta e continuem ouvindo o coração e nos coloquem para governar o Estado que nós sabemos como fazer.

Retomando o exemplo trazido por Pêcheux (1993), o espaço ocupado faz com que ele, o sujeito, signifique de determinada forma porque o espaço, no caso posição de orador, interfere no sentido que a declaração vai ter, que poderá ser a favor dele, ou ser usada e entendida contra ele. Tudo o que o deputado falar estará encaixado nas condições que estavam postas para ele produzir o discurso, ou seja, pode-se dizer que ele tem a liberdade enquanto locutor de usar a língua para se manifestar, mas essa liberdade está condicionada às condições de produção, ou seja, aos acontecimentos que vão determinar o que ele deve ou pode falar diante do seu público.

Nota-se, também, a importância de resgatar e confirmar que o discurso sempre vem de outro discurso e nada mais fácil que enxergar nos discursos políticos, pois, por exemplo, o deputado vai trazer no seu discurso o discurso dos membros do partido que vem já

disseminando o mesmo discurso, a mesma ideologia que se mantém desde a origem do partido político.

A partir do discurso é possível que o locutor, por meio do seu imaginário, consiga experimentar o lugar em que o ouvinte está e isso pode ser decisivo para seu discurso porque se o locutor conseguir prever o que o ouvinte deseja ouvir o discurso terá mais efeito positivo.

Essa forma de antecipar o que o outro vai pensar, na AD, chama-se de formação imaginária e todo processo discursivo prevê essas formações. Mas como ela realmente funciona? Para entender melhor Pêcheux (1993, p.83-84) exemplifica através dos quadros abaixo:

Quadro 1 – Formações Imaginárias

Expressão que designa as formações imaginárias		Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A	$I_A^{(A)}$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	$I_A^{(B)}$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B	$I_B^{(B)}$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	$I_B^{(A)}$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”

Fonte: Pêcheux (1993, p.83)

Quadro 2 – Referente

	Expressões que designam as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende formação imaginária correspondente
A	$I_A^{(R)}$	“Ponto de vista” de A sobre R	“De que lhe falo assim?”
B	$I_B^{(R)}$	“Ponto de vista” de B sobre R	“De que ele me fala assim?”

Fonte: Pêcheux (1993, p. 84)

Pode-se visualizar então o sujeito A (no quadro 1), num primeiro momento construindo no seu imaginário uma fala com o outro sujeito e pensando quem ele é para lhe falar dessa forma, já no segundo momento o sujeito A constrói em seu imaginário quem é o outro para que ele possa lhe falar dessa forma.

Todo sujeito tem a capacidade de tentar interpretar e pré-estabelecer o que o outro poderá entender dos seus enunciados. O mecanismo da antecipação permite ter condições de regular a retórica e a argumentação que o sujeito precisará utilizar.

Já no quadro 2, é tratado sobre o referente, que é o contexto relacionado a emissor e receptor. Nele é possível perceber que primeiro o que o sujeito A pensa sobre o assunto – referente – e qual é a razão para falar com o sujeito B e, num segundo momento, o que B pensa sobre o referente para que A lhe fale assim.

Essas antecipações das representações, tanto do emissor e do receptor, fazem parte da estratégia de cada discurso. É fácil perceber o motivo pelo qual em um discurso político cada sujeito fala ao outro de determinada forma. Já que são adversários mantêm um discurso contrário ao de seu oponente e para fazê-lo cada sujeito o faz a partir de formações imaginárias.

Na sequência discursiva abaixo, retirada do nosso arquivo, Sartori dirige-se ao seu eleitor e deixa claro que consegue ver a posição dele quando vai encaminhar uma licença ambiental:

Sdr4

[...] olha, o senhor que está em casa, a senhora que acompanha isso, quem é empreendedor sabe que não é bem assim. É uma dificuldade, muitas vezes uma licença ambiental ela gera um desconforto tão grande que parece até um julgamento, é preciso mudar todos os critérios que existem para que a Fepam e a própria secretaria sejam executores de critérios bem definidos, é preciso instalar um balcão com tempo definido, para que as soluções e as necessidades possam ser atendidas por quem requer uma licença ambiental. Eu sou daqueles que pensa um governo quando deseja ele modifica essa realidade, ele altera, ele gera um novo procedimento e essa é a caminhada que nós temos que fazer, sem burla, sem criar ambiente de desconexão, mas dentro da sustentabilidade ambiental e dentro da convivência produzindo aquilo que a natureza precisa, mas não impedindo o crescimento econômico.

Já na SD seguinte o candidato Sartori mostra que sabe que o eleitor não gosta de promessas

Sdr5

[...] sou daqueles também que acha que não adianta prometer uma coisa que não pode ser cumprida, porque se não vira mais uma, além de promessa, vira uma mentira, gera só frustração

E da mesma forma que o sujeito B constrói no imaginário quem é ele (sujeito B) para que o sujeito A lhe fale daquela forma, bem como tenta idealizar quem é o sujeito A para que fale com ele (sujeito B), desta forma. Para que todas essas proposições ocorram ambos os

sujeitos, A e B, tentam colocar-se onde está o outro, em que lugar imaginário se coloca, quem é o outro para se dirigir ou lhe dirigir a fala da maneira como pretende ou como age.

O sujeito sempre emprega o mecanismo de antecipação para pré-estabelecer um discurso, procurando ter domínio dos sentidos que os enunciados deverão surtir para o interlocutor.

Quando se fala em formação imaginária, na análise do discurso, é preciso ter domínio de que o imaginário é oriundo de sentidos, sentidos estes que, no caso desta análise, Sartori deixou em evidência na sua campanha eleitoral, condições para que seus interlocutores o situassem em diferentes posições: professor, deputado, prefeito, filho, gringo e candidato. Nessas posições, o candidato aponta para o que se deve entender quais os sentidos do seu discurso. Em relação a situação como essa, Orlandi afirma:

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos de relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. (2015, p. 37)

Orlandi (2015) relembra que as condições de produção tendem a nortear o discurso em vários fatores, sendo assim, cabe analisar o sujeito do discurso e algumas das posições sujeito que o candidato Sartori assumiu em sua campanha.

5.3 Sujeito do discurso e posições sujeito

O candidato Sartori soube assumir em sua campanha posições, adequando-as e associando-as ao local e a constituição da plateia, sendo as identidades assumidas sempre associadas a algo que servisse de ponto de referência para a figura em que ele se apresenta, por exemplo, quando assumia o papel de filho ao estar em situação de interlocução com sua mãe, ao não deixar de assumir que foi Prefeito Municipal de Caxias do Sul “Ex-prefeito em todo caso, mas sempre foi bom ter sido prefeito da onde sai realmente de cabeça erguida [...]”. Nesse ponto, cabe destacar-se que não se está mais tratando do sujeito indivíduo, do homem como sujeito de direito, mas do sujeito do discurso que vem se constituindo a partir dos enunciados, da fala pública para interlocutores também situados como sujeito do discurso.

Assim para que se constitua de fato o sentido de “bom prefeito” entre seus interlocutores não basta afirmar que foi “bom prefeito”. Os ouvintes assujeitam-se ou não à

formação ideológica a que se está filiado o candidato. Nessa relação, assumem posições que os constituem em sujeitos desde sempre sujeito..

Assim, entre várias questões que foram tratadas até o momento, um dos conceitos mais relevantes para a Análise do Discurso é entender quem é o sujeito, para Cazarin (2004) a AD considera o sujeito como um agente de práticas sociais e não como aquele que gera o sentido ou é o dono da língua. O indivíduo se faz sujeito uma vez que a ideologia o torna sujeito.

Conforme Orlandi (2012) o discurso não acontece se não há o sujeito e não há sujeito que não tenha ideologia. A ideologia vem a ser a interpretação de sentido para certa direção, direção esta que é determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários. Essa relação entre linguagem e história acontece pelo gesto da interpretação que relaciona então o sujeito com a língua, com a história e com os sentidos. Não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia já que a ideologia interpela os indivíduos e os torna sujeitos (PÊCHEUX, 1995).

Se o sujeito não se submete à língua e à história, ele não produz sentidos, não se constitui. Assim, Orlandi (2015, p.48) diz que o sujeito “é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la”, e isso é o que se chama de assujeitamento, pois a submissão se dá sob uma determinada formação ideológica via sua formação discursiva.

Os sujeitos são assujeitados à sua Formação Discursiva, o que ajuda a definir qual a sua FD¹⁴ são os traços sociais, ideológicos e históricos do sujeito representados pela linguagem. O assujeitamento dá aquela ideia de liberdade ao sujeito, mas o prende.

Pêcheux (1995) dá a evidência da existência espontânea do sentido e do sujeito e essa evidência da existência do sujeito desde que não seja um problema, é um efeito ideológico. A constituição do sentido se liga à constituição do sujeito porque eles se interpelam se sustentam um no outro. O sujeito ao responder a pergunta “quem é?” com “Sou eu” demonstra que ali existe um sujeito, há uma evidência de sujeito, logo os indivíduos desde sempre são interpelados em sujeitos.

¹⁴ Orlandi (2015, p.41) define da seguinte forma a FD “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e seve ser dito”. A autora trabalha dois pontos que devem ser entendidos, o primeiro é de que a constituição dos sentidos acontece a partir da formação discursiva de cada sujeito e isto faz com que a palavra tenha determinado sentido e não outro, ou seja, isso quer dizer que se as palavras não tiverem sido usadas dentro de uma determinada formação discursiva elas não tem sentido por elas mesmas. A FD representa no discurso as formações imaginárias, logo os sentidos são dados ideologicamente.

Quando se fala que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, isso quer dizer que o não-sujeito é interpelado e constituído como sujeito pela ideologia, na verdade todo indivíduo é sempre-já-sujeito. O sujeito não se constitui de si próprio, o sujeito do discurso não dá origem ao sujeito do discurso, embora Pêcheux (1995) referencie a questão do apagamento do fato de que o sujeito é resultado de um processo, esse apagamento se faz necessário, porém acaba por trazer a fantasia de que um indivíduo simplesmente ‘evolui’ para sujeito sem que ocorra um processo por trás disso. A seguir analisar-se-á o sujeito assumindo posições conforme se apresenta o processo de interpelação, pois a partir da compreensão desse processo e da constituição do sujeito, passa-se a analisar tais posições sujeito que, pela organização do arquivo de sequências discursivas chegou-se a três: o professor, o filho, o gringo.

5.3.1 Sartori: o professor

O termo “professor” através da AD nos possibilita ir além das definições que são empregadas no dia a dia, se por um lado o professor é de forma geral alguém com formação acadêmica, por outro lado há quem ensine os outros sem ter uma formação acadêmica, por exemplo, nos discursos recortados em projetos sociais, por vezes professores de informática, artes marciais, artesãos, entre outros, ensinam seus conhecimentos sem ter formação pedagógica e isto de forma voluntária. Por isso, a imagem da necessidade de formação acadêmica para ser professor não deve ser única, pois através da AD os sentidos para o professor não estão associados a um simples diploma. A posição de professor se constitui por influência da ideologia e história na sua condição de produção.

Neste sentido, pode-se afirmar que isso ocorreu com o candidato professor Jose Ivo Sartori, pois a relação de hierarquia discursiva que este tinha, enquanto professor frente aos alunos deve ter contribuído para a sua constituição como candidato, prova disso se faz através de recorte da reportagem encontrada em Zero Hora (2014)

Sd03

Os 30 anos de sala de aula ajudam na performance diante do público. Mas nos palcos da política, nada inspira mais do que a experiência que teve aos 13 anos, no colégio de freiras São José, em Antônio Prado. A três dias da apresentação da peça Cavaleiro Negro, um colega adoeceu:

— Uma freira me chamou, na sexta-feira, depois do recreio. Ela disse: 'Tu vais para casa, estuda este roteiro. Hoje à tarde tem ensaio. Amanhã à noite, tem apresentação'. Cheguei com todo o texto decorado.

No dia da encenação, a plateia riu. Sartori se divertiu e passou a integrar a trupe do colégio. Em outra apresentação, precisou entrar em um caixão, cena que fez um de seus irmãos cair em prantos.

Resquícios do artista aparecem não apenas na campanha. (ZH Notícias, Perfil - Um gringo durão, mas piadista: a trajetória de José Ivo Sartori 24/09/2014)

As situações expostas demonstram a questão principalmente da retórica que o candidato pratica. Ele parece se adaptar facilmente às situações, construindo assim a impressão de pertencimento. E quanto à figura de professor, é preciso considerar os trinta anos de docência de Sartori, tendo a seguinte formação como traz a matéria do Jornal Zero Hora – Eleições 2014:

Formado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), foi professor universitário e lecionou também as disciplinas de História, Moral e Cívica e OSPB (Organização Social e Política Brasileira). (ZH Eleições 2014 - Perfis dos candidatos, 04/08/2014)

A atuação de Sartori como professor condiz analiticamente com a condição que se encontra, pois este já ministrava aulas de cunho político, bem como tem sua formação básica na filosofia. Essas situações são interpretadas quando são apresentadas as disciplinas que ele ministrava: História, Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira (OSPB).

Quando o candidato está na condição de professor assume as forças da relação que a condição lhe proporciona junto ao seu interlocutor, para melhor explicação Orlandi diz

Pensando as relações de forças, a de sentidos e a antecipação, sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história. Em nossa formação social, se pensamos por exemplo a Universidade, podemos explorar algumas dessas possibilidades: a imagem que o professor tem do que seja um aluno universitário, a imagem que um aluno tem do que seja um professor universitário, a imagem que se tem de um pesquisador, a imagem que o aluno (o professor, o funcionário) tem de um Reitor, a imagem que o aluno (o professor, o funcionário) tem de um dirigente de um diretório acadêmico, a imagem que o aluno (o professor, o funcionário) tem de um dirigente de uma associação de professor universitários etc. (2015, p. 39)

A constituição do professor Sartori está atrelada à constituição do sujeito social Sartori, pois a sua origem é da serra gaúcha, a sua formação também vem de uma universidade da serra gaúcha, a sua atuação é na serra gaúcha, o que faz com que essa análise sobre o professor Sartori aponte que há sentido de pertencimento de Sartori à sociedade da serra gaúcha. Afirma-se dessa forma que a condição local da serra gaúcha deu base para a constituição ideológica e histórica do candidato Sartori, pois os efeitos das forças hierarquizadas fazem parte da figura professor Sartori.

5.3.2 Sartori: o filho

Em diversos momentos de sua campanha, inclusive nas manifestações televisivas, Sartori trouxe o seu lado filho quando a sua mãe, a senhora Elza Josefina Dengo Sartori, participava com ele. Esta forma de fazer campanha foi uma estratégia ímpar, pois com essa aproximação da sua mãe na campanha, ele pode reforçar ainda mais a sua condição de gringo que será visto posteriormente.

Sartori traz a sua mãe lhe dando conselhos do que deve fazer, como “Faz como eu te ensinei: não brigar, não falar mentira, não criticar os outros. Te mando um beijo e boa sorte”. (Globo, 2014). O lado fraterno que toda a mãe simboliza é apresentado na campanha pela senhora Elza e isso acabou atingindo vários eleitores, pois ela se apresentou como uma mãe que criou muito bem o seu filho e que ele deve fazer como ela ensinou. Inclusive no debate na TV Bandeirantes com seu adversário Tarso Genro o envolvimento da mãe de Sartori na campanha foi trazido e o candidato oponente começa as alfinetadas quando diz que sua mãe lhe disse para debater não somente o futuro, mas também o passado. Essa referência que Tarso Genro faz à mãe foi de forma proposital já que Sartori teve as participações de sua mãe nos seus programas de campanha. Já na sua vez Sartori quis deixar claro que as participações de Dona Elsa nos programas de campanha foram de forma espontânea e que ela não foi induzida a nada, mas que ela o orientou a responder todas as perguntas que lhe fossem feitas.

Sd04

A dez dias das eleições, o debate realizado entre os candidatos ao governo do Rio Grande do Sul inaugurou uma batalha para além das propostas de governo e foi parar dentro de casa: mais especificamente, nos conselhos dados pelas mães dos políticos. Durante encontro realizado pela TV Bandeirantes nesta quinta-feira, o governador Tarso Genro (PT), candidato à reeleição, e seu adversário José Ivo Sartori (PMDB) protagonizaram uma sequência de alfinetadas ao relacionarem algumas decisões políticas às dicas dadas pelos familiares.

Tarso Genro deu início à confusão: ao afirmar que o peemedebista fugia às perguntas, o petista evocou as palavras da mãe: "Ela aconselhou que eu não debatesse só o futuro, mas também o passado. Eu tenho orgulho de ter sido ministro da Justiça e da Educação. Mas o senhor, a cada vez que a gente fala que seu partido é responsável por algo, se sente ofendido", disse o governador gaúcho.

A referência familiar foi propositada. Sartori colocou a mãe para encerrar a primeira propaganda eleitoral do segundo turno, veiculada no último sábado. Na televisão, 'Dona' Elsa apareceu dando conselhos: "Faz como eu te ensinei: não brigar, não falar mentira, não criticar os outros. Te mando um beijo e boa sorte pra ti", afirmou. Sartori rebateu a provocação do petista: "Nós apresentamos um programa de governo e agora me cabe fazer perguntas. Eu nunca dissimulei nada. Se a minha mãe me ensinou alguma coisa, ela não foi induzida a fazer nada. Ela disse para eu responder todas as perguntas, mas eu não acho que tenho que transmitir ao Rio Grande do Sul todas as culpas dos problemas do passado", disse, fazendo referência ao fato de que Tarso reiteradamente vincula o peemedebista aos problemas

enfrentados em governos aos quais foi aliado, como o de Yeda Crusius (PSDB) e o de Pedro Simon (PMDB). (grifo nosso)

Na sequência discursiva que faz referência ao debate televisivo, em análise, pode-se observar o que cada candidato assume quando tratam do tema educação dada pela mãe. A oposição que se estabelece entre Sartori e Tarso mostra o funcionamento não só das formações imaginárias, mas também das formações discursivas como se pode observar em “Faz como eu te ensinei: não brigar, não falar mentira, não criticar os outros”, versus, “Ela aconselhou que eu não debatesse só o futuro, mas o passado também”. Os dois candidatos circulam pela memória discursiva e resgatam concepções acerca da relação familiar com a política. Sartori, ao usar a fala da mãe, constrói a imagem do “homem pacífico e sincero”. Os efeitos de sentido que o enunciado produz terão como funcionamento a adesão ao candidato de eleitores que, por exemplo, não gostam de política porque ela pressupõe o debate, a crítica e até mesmo a criação de fatos que, às vezes, só existem no discurso dos candidatos.

Por outro lado, o candidato Tarso se constitui na posição sujeito situado em formação discursiva distinta de Sartori e aponta-a para provocar o debate. Na interlocução, os dois candidatos, ao assumirem diferentes FDs, reforçam o antagonismo de posições acerca da realidade em que se encontra o Rio Grande do Sul. Se Sartori faz com que sejam produzidos efeitos de sentido que deixam a política, o debate, como algo negativo para os eleitores das famílias que primam pelo consenso, Tarso provoca para o debate, para o mergulho na memória da política gaúcha. Faz com isso produzirem-se efeitos de sentido que funcionam fazendo com que haja adesão de eleitores que praticam o exercício de escolha de candidatos a partir do percurso não só do candidato, mas das próprias siglas partidárias que esse último defende. São contrapostas as duas posições presentes na campanha de segundo turno: a do candidato que busca governar pelo consenso, dissimulando o necessário confronto de ideias presente no processo político partidário e o candidato que trará ao debate o confronto, como intrínseco aos processos políticos

Após a sua posse o Governador Sartori continuou enaltecendo a importância da sua mãe na sua vida, através do Blog do Chico Pereira, quando a Dona Elsa foi visitar o Governador no Palácio, publicou o que Sartori colocou em sua rede social

Sd05

Ele disse no face que o carinho da sua mãe, como de quase todas as mães, é indispensável para fortalecer-se a enfrentar todas as questões de um estado com muitos problemas financeiros apesar de um estado bonito por natureza e que possui uma linda história e tradição. E as mães na sua infinita grandeza deste dom divino,

sempre acham que os filhos sejam eles quem foi são umas crianças que precisam de carinho sempre. -Mesmo sendo o governador!!!

Quando Sartori traz a imagem de sua mãe, que é vista como uma ‘gringa’ de pulso firme, que transmite a ideia de que educou e orientou bem os seus filhos para fazerem o que é certo, faz com que os eleitores tenham uma visão positiva do candidato, até porque, quem melhor que a própria mãe dele, que o colocou no mundo, para falar dele?

5.3.3 Sartori: o gringo

Assumir ou melhor, afirmar a sua imagem de gringo¹⁵ está presente na campanha de Sartori, ao trazer a ideia positiva de ser um gringo e principalmente a de ter um gringo à frente do Palácio Piratini, pois como tem no seu jingle de campanha “Ele é o gringo que faz”.

O termo gringo é empregado para fazer referência aos descendentes de italianos, chamar o candidato de gringo constitui a imagem de que ele vem de uma colônia, que se preocupa com os outros, que não tem medo de trabalhar e faz o que tiver que ser feito.

É claro que o gringo não tem só essa imagem positiva, os gringos também são conhecidos por serem turrões, bravos, pulso firme, exigentes, difíceis de serem conquistados e de agradar, entre outras qualidades e defeitos que podem ser identificados quando se pensa nos gringos.

Para auxiliar na identificação da posição de sujeito gringo do candidato Sartori, apresenta-se outro trecho da entrevista realizada pelo Zero Hora (2014), enaltecendo alguns trechos que fazem firmar a sua condição de gringo ainda no período de campanha, aparecem depoimentos de sua esposa e de seus filhos que ajudam a caracterizar a imagem do candidato como gringo exigente, mas não que isso seja somente um defeito.

Sd06

[...]

Personalidade forte, mas sorriso escondido

Não pense que Sartori, 66 anos, é um cara fácil de se abrir. Com personalidade forte, durão, sorriso na maior parte do tempo escondido por trás do bigode denso, é um legítimo gringo. Algumas vezes, até os filhos reclamam de seu grau de exigência. Nos tempos de colégio, Marcos, o mais velho, chegava feliz da vida para mostrar ao pai a nota da prova: 9,5.

— Em vez de dar parabéns, ele perguntava: “Por que tu não tiraste 10?” — conta a mulher, Maria Helena Sartori.

Hoje parceiros de escova e de partidas de futebol pela TV, o jornalista esportivo Marcos Sartori, 31 anos, muitas vezes discorda do pai quando o assunto é o

¹⁵ Aquele que, no Rio Grande do Sul, é conhecido por ser estrangeiro italiano ou descendente de italiano.

desempenho dos jogadores em campo. Se Sartori acha que o atacante está bem, Marcos critica. E vice-versa.

Sartori é durão com filhos, amigos, funcionários. Não gosta, por exemplo, de ser avisado às pressas sobre um compromisso, uma entrevista. Também não usa computador, internet, e-mail, rede social. Lê jornal de papel. O celular é antigo, e amigos se surpreendem quando ele responde por SMS:

— Os caras acham estranho, porque eu tenho celular e não tenho internet. Eu respeito, trabalhei muito como prefeito, incentivando a mudança, a transformação. Tem de ter ferramenta moderna, tenho de ser estimulador. Amanhã ou depois, quem sabe eu aprenda. Mas minha vida é tão agitada...

Difícilmente Sartori fica 10 minutos parado. Por isso, evita ir ao cinema. Duas horas na frente de um filme é tempo demais.

— Ele é hiperativo — diz a filha Carolina, 27 anos.

Assessores sabem que é preciso paciência e algum repertório para conquistar o chefe. Falar do Juventude, de amigos de longa data, recordar histórias, boa comida e vinhos abrem portas. É bom ter alguma piada na manga. Vale até recorrer ao livrinho, que, quando não está na maleta de Sartori, repousa no porta-luvas do carro. (grifo nosso)

[...]

Nos grifos, apresentam-se características presentes no Sartori gringo, ele é uma pessoa com personalidade forte e durão não só com os filhos quando cobra uma nota, mas também com amigos e funcionários.

De certa forma metódico, precisa ser avisado com antecedência sobre seus compromissos, nada de última hora. Seus assessores sabem que é preciso ter paciência para conquistar o chefe.

Orlandi (2015, p.37) elabora a seguinte passagem que ajuda a confirmar um dos sistemas de formação do discurso que é quando o sujeito se coloca em determinada condição para então pronunciar-se para o seu interlocutor e assim, conforme a sua posição assumida, o sujeito produz determinado tipo de discurso, porém essa posição é assumida pelo sujeito de forma inconsciente:

Finalmente, temos a chamada relação de forças. Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”.

Da mesma forma que a dicotomia líder e chefe, um líder no seu discurso, inconscientemente, não se coloca de forma alguma superior aos demais funcionários, já um chefe apresenta no seu discurso a hierarquização, deixando claro aos demais que é ele quem está no comando.

As formações imaginárias se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso, a imagem que se faz de um operário, de um presidente, etc. Existe em toda língua mecanismos que constituem essa projeção da imagem que se faz de um sujeito e isso ocorre devido à situação e à posição dos sujeitos que é discursivamente significativa. (Orlandi, 2012 p.30). Desse modo, o três posições-sujeito assumidas por Sartori durante a campanha eleitoral possibilitam aos eleitores construírem sentidos positivos em relação as características, do candidato, pois no imaginário social professor, gringo e bom filho constituem um homem com valores desejáveis para representar os demais e para governar.

5.4 Rememoração /Comemoração e Discurso Político

Ao analisar de modo preliminar a materialidade da análise, debate entre Tarso Genro e José Ivo Sartori, encontra-se nas falas dos dois candidatos o constante ressoar da memória, da retomada do passado, tanto do que os dois fizeram de positivo quanto de negativo. Então se está buscando examinar o funcionamento dessa retomada de memória, sob a perspectiva da AD.

Assim é importante mobilizar a rememoração e a comemoração que estão muito presentes no discurso político. Venturini (2009), tratando da questão da presença de Érico Veríssimo e de seus personagens como marcadores de espaços urbanos na cidade de Cruz Alta, fez retomada de noções pertinentes à rememoração e comemoração e as trabalhou mostrando como ocorreram esses processos via imaginário urbano.

Conforme Venturini (2009), a rememoração trabalha como memória do saber, ou seja, é o interdiscurso, já a comemoração é o intradiscurso. Assim afirma:

A comemoração desencadeia a aceitação e a crítica; por isso, deve ser abordada pela dupla dimensão estratégica e simbólica. Dessa abordagem decorrem, ainda segundo Davallon (1993), duas consequências: uma conjuntural e outra estrutural. A primeira dimensão, a estratégica, diz respeito ao planejamento e desenvolvimento dos ritos comemorativos, ao passo que a segunda, a simbólica, refere-se à própria análise destes em suas consequências políticas e concentra-se no caráter ritualístico e institucional da comemoração. A dimensão estratégica desencadeia conflitos e contradições próprias da vida pública que descartam a unanimidade e a impossibilidade do congelamento dos sentidos. Nessa perspectiva, a comemoração representa o que é vivo nas formações sociais, constituindo-se como a refundação do passado. A Revolução Francesa, por exemplo, representa o mito da instauração de uma sociedade nova em virtude do movimento, que propiciou o gesto fundador de uma sociedade de direito pela Declaração dos Direitos Humanos. (VENTURINI, 2009 p.59)

Antes de mais explicitações acerca de rememoração/comemoração, cabe tratar do que se entende por interdiscurso e intradiscurso.

No interdiscurso, encontram-se todos os sentidos e o intradiscurso representa a seleção do sentido pretendido, lineariza, organiza o dizer. Cazarin (1997, p. 28) define o interdiscurso como “[...] o lugar onde se constituem os objetos do saber (os enunciados). Ele está fora da FD, mas é nele que o sujeito busca os enunciados que farão parte de seu discurso”.

Orlandi (2015, p. 29) define o interdiscurso como aquilo que fala antes, “[...] é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Interdiscurso são todas as formulações já realizadas e também já esquecidas que determinam o que o sujeito diz. Para que as palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido.

Já o intradiscurso faz relação com o funcionamento do próprio discurso com ele mesmo, ou seja, o intradiscurso considera o que o sujeito está dizendo considerando o que ele já disse e o que irá dizer depois, é um conjunto de co-referência.

Courtine (1981 *apud* Cazarin 1997) define que “o sujeito-enunciador apropria-se, no interdiscurso, dos objetos (enunciados) que usa como objetos de seu discurso. Através das articulações entre esses objetos, dá coerência a seu propósito na sequência discursiva que enuncia, ou seja, no intradiscurso”.

Retornando aos efeitos de rememoração/comemoração, pode-se dizer que a rememoração tem sua base no interdiscurso pelo efeito de pré-construído, já a comemoração é a tomada no eixo da formulação como a celebração de um nome ou de um evento passado. Considerando o discurso, a rememoração é a memória e a comemoração é a atualidade.

É importante definir o que é história e o que é memória. A memória é a reconstrução de fatos que ocorreram e que não foram registrados, não existem, já a história significa nas formações sociais, o que foi vivido e está registrado mesmo que não tenha a voz de ninguém ela estará lá, a memória, pelo contrário, é coletiva e faz sentido na formação social, a memória cria laços e só existe porque existe voz que a faz estar sempre presente.

A rememoração ocupa o lugar do já-dito, do significado antes e se dá pela repetição, para Orlandi (2015, p.34) “em todo o dizer há algo que se mantém, isto é o dizível, a memória”. É através da rememoração, do discurso *de* que os sujeitos ligam o seu dizer a determinadas formações discursivas e falam as palavras já-ditas. Rememorar faz parte do

inconsciente porque seu funcionamento ocorre através da memória que lembra ou esquece conforme o que o sujeito deseja e precisa e diante de sua formação discursiva.

Já a comemoração tem o discurso *sobre* que se constitui a partir do discurso *de*, o discurso sobre tem como principal efeito de, conforme Mariani (1999 *apud* Venturini, 2009 p.75) “tornar objeto o nome ou evento sobre o qual fala o sujeito no discurso”. Venturini (2009) mostra que isso ocorre devido ao alto grau pedagógico que caracteriza esse discurso, no caso discurso doutrinário. Nesse discurso, ele é o outro, comparado ao discurso pedagógico, na medida que em que fala com certeza, trabalha com informações datadas adquirindo o que Venturini (2009) diz “tom professoral”, o discurso sobre se constitui como um discurso totalmente autoritário.

Assim Venturini (2009, p. 77) quanto ao discurso sobre afirma que “A legitimação decorre do movimento contraditório de valorização e desvalorização, que nega e confere relevância ao sujeito enunciator e à posição discursiva que ele ocupa na formação social”.

Trazendo a noção de comemoração para o campo discursivo político se está tomando-a na perspectiva de que retoma objetos da memória das gestões políticas tanto dos dois candidatos quanto dos demais ocupantes de cargos eletivos do país, filiados aos partidos que ambos representam. Nessa retomada da memória, tais bem feitos ou mal feitos são usados para qualificação e desqualificação do outro. Então corroborando o que diz Venturini

A comemoração, nessa perspectiva, tem como contraface a rememoração e caracteriza-se pela contradição. Organiza-se numa narrativa aparentemente coerente, que apaga os “buracos negros deixados pelos esquecimentos”. (Catroga, 2001a, p.46). pode-se dizer, segundo o autor, que a recordação viabiliza a comemoração e subordina-se ao princípio da realidade, aos conhecimentos distribuídos socialmente pelas instituições, as quais, segundo Berger e Luckmann (2007), estruturam as sociedades humanas pela linguagem. O efeito de realidade decorre da datação e da institucionalização do discurso. A partir da rememoração, o que retorna do passado para o presente é o que é tido como o melhor para ser celebrado. (2009, p. 61)

A rememoração está sendo significada na dimensão do positivo para o interlocutor candidato que traz a lembrança e, a comemoração com desqualificação do candidato opositor.

A partir da análise das sequências recortadas se busca identificar as ocorrências de rememoração e comemoração que poderão estar presentes no discurso de Sartori e assim, obter êxito durante a sua campanha eleitoral.

5.4.1 Rememoração e o Gestor Competente

Agora serão realizadas análises em recortes retirados do material reunido com base no debate televisivo da TV Pampa.

Na sequência discursiva de referência 06 abaixo, pode se identificar que Sartori utiliza-se da rememoração no intuito de relembrar seus feitos e mostrar aos telespectadores as suas experiências positivas enquanto gestor municipal.

Sdr06

Olha, eu acho que o esporte, a recreação e o lazer tem um papel importante na vida das crianças e dos adolescentes a questão das olimpíadas escolares, dos jogos escolares, houve época em que o Estado não conseguia nem fazer isso e **eu pude como prefeito ajudar a organizar, a estruturar e a fazê-lo.** É claro que essa é uma cultura difícil, não se pode pensar apenas no esporte pura e simples, tem que olhar muito mais abrangentemente essa questão olhando para a questão da vida que todas as comunidades podem ter essa presença, mas isso é uma parceria com os prefeitos. **Na área cultural eu devo dá aqui o testemunho pessoal de que nós conseguimos colocar Caxias como capital brasileira da cultura dentro de um trabalho com todos os grupos culturais, sem preconceito, sem tabu, olhando a questão única e exclusivamente da promoção cultural da cidade, do município.**

A Sdr07 identifica Sartori se colocando no lugar do outro para buscar compreender como é passar por uma situação, se colocando no lugar do eleitor, utilizando então do que se chama de formação imaginária, como já se assinalou, nesta dissertação. Sartori demonstra que entende como o outro se sente em relação, no caso, da licença ambiental sendo um processo difícil e assim ele consegue a simpatia de seus eleitores que o enxergam como um candidato que conhece e sabe que esse tipo de serviço deveria ser melhor para a população.

Sdr07

olha, o senhor que está em casa, a senhora que acompanha isso, quem é empreendedor **sabe que não é bem assim. É uma dificuldade, muitas vezes uma licença ambiental ela gera um desconforto tão grande que parece até um julgamento, é preciso mudar todos os critérios que existem para que a Fepam e a própria secretaria sejam executores de critérios bem definidos, é preciso instalar um balcão com tempo definido, para que as soluções e as necessidades possam ser atendidas por quem requer uma licença ambiental.** Eu sou daqueles que pensa um governo quando deseja ele modifica essa realidade, ele altera, ele gera um novo procedimento e essa é a caminhada que nós temos que fazer, sem burla, sem criar ambiente de desconexão, mas dentro da sustentabilidade ambiental e dentro da convivência produzindo aquilo que a natureza precisa, mas não impedindo o crescimento econômico.

Embora não faça crítica explícita aos governadores anteriores, por exemplo, a Tarso, Sartori resgata no interdiscurso o que se registrou como memória acerca dos procedimentos

necessários e das dificuldades para se conseguir uma licença ambiental dizendo o que o interlocutor “gostaria de ouvir”.

Ao enunciar que “é preciso instalar um balcão com tempo definido, para que as soluções e as necessidades possam ser atendidas por quem requer uma licença ambiental” o candidato assume a posição sujeito professor e assim traz a solução para satisfazer aqueles que recorrem ao Estado em busca da licença ambiental. O professor já constituído torna-se autoridade com condições de “comemorar” a incompetência do seu opositor que não foi capaz de acelerar o processo de concessão das licenças ambientais durante sua gestão como governador do Rio Grande do Sul.

Ainda quanto à rememoração, na seguinte sequência discursiva, é possível identificar ambas. Quando Sartori afirma que não adianta fazer promessas ele se coloca novamente no lugar do eleitor, ele mostra que sabe que o eleitor não gosta de ouvir promessas durante a campanha que depois serão esquecidas.

Na segunda parte sublinhada da Sdr 08, Sartori rememora suas conquistas enquanto Prefeito Municipal de Caxias do Sul.

Sdr07

olha, a minha atitude foi muito clara inclusive perante o CPERS, sou daqueles que acha que não se faz educação sem diálogo, sem entendimento, sou daqueles também que acha que não adianta prometer uma coisa que não pode ser cumprida, porque senão vira mais uma, além da promessa, vira uma maneira, gera só frustração. Nessa caminhada devo dizer que nós tivemos uma experiência, por exemplo em Caxias do Sul, e me dá nos oito anos que fui prefeito as condições mais objetivas do mundo de ter recebido do MEC o certificado de cidade livre do analfabetismo e todo mundo sabe que lá é uma população que cresceu nos últimos anos 20,8% e nessas condições nós temos que trabalhar a educação como uma forma de melhorar os equipamentos, fazer uma grande manutenção das escolas, criando condições para que isso se transforme objetivamente na valorização do professor, amanhã é o dia do professor, quero cumprimenta-los a todos pela atividade, são e devem ser valorizados pelo salário, mas também valorizados pela atividade que exercem criando condições de que as nossas crianças e os nossos jovens tenham o seu futuro adquirido e possam estar trabalhando amanhã pro crescimento e o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, vamos levantar essa autoestima na educação que é o melhor programa de governo.

O candidato, na Sdr 08, rememora fatos da sua gestão frente ao município de Caxias do Sul, situado na região de colonização italiana, berço do “gringo”. Ao fazer isso, lineariza no intradiscurso aquilo que a memória tem como fato qualificador do prefeito “ter recebido do MEC o certificado de cidade livre do analfabetismo”. No mesmo movimento, faz a repetição do discurso que circula acerca da importância da educação e da necessidade de valorizar os professores. Com isso tenta colocar-se na posição de gestor qualificado para tratar com os professores dialogando e valorizando-os. Com esse dizer ele também, na sequência,

responsabiliza os professores pelo futuro dos jovens e, conseqüentemente pelo “crescimento e desenvolvimento do Rio Grande do Sul”.

5.4.2 Comemoração e Gestor Incompetente

As intervenções dos dois candidatos durante o debate na TV Pampa, como já se apresentou, encaminhou as questões que naquela época eram os maiores problemas para o governo do Estado, pela crítica ao gestor que estava à frente do governo, Tarso Genro, e pela rememoração da gestão de Sartori frente à Prefeitura de Caxias do Sul.

Analisa-se agora a construção dessa crítica feita pelo sujeito candidato Sartori a partir da comemoração. Como pode-se observar na Sdr 09 Sartori utiliza a comemoração para atingir a imagem de seu oponente, utilizando data e relembrando dados para sustentar seu discurso e sua estratégia. Retomando o que diz Venturini (2009), sabe-se que a comemoração situa-se no eixo do intradiscurso, é a história acerca da disputa eleitoral que é convocada nesses fatos datados.

Sdr09

Olha, na verdade, a correção que foi feita na época na negociação da dívida do Estado do Rio Grande do Sul ela foi feita para todos os estados brasileiros porque também interessava para o governo federal e na verdade hoje a dívida seria muito maior se não tivesse sido renegociada. Agora, hoje, o governo federal tem 12 anos de governo, 12 anos de PT e nunca foi renegociada a dívida ela chegou, apareceu agora este ano no período extremamente voltado para as eleições. Casualmente Tarso aconteceu o seguinte em 2002 quando o senhor disputou internamente no partido e foi e ganhou internamente a condição de ser candidato a governador naquela época o candidato Lula era candidato a presidente da república e o senhor afirmou em entrevista num jornal da capital de que a negociação seria fácil e o endividamento do Rio Grande do Sul não seria mais o mesmo. Tenho certeza que talvez esta afirmação tenha sido feita gratuitamente e tenha sido esquecida ao longo dos 12 anos tanto pelo senhor quanto pelo PT. Devo dizer que nós como governador vamos sim buscar uma alternativa que seja diferente daquela que está posta no senado hoje.

Pode-se ver que quando Sartori trata da “correção que foi feita na época na negociação da dívida do Estado do Rio Grande do Sul”, emprega mecanismos da rememoração para promover fatos das gestões em que estão implicados partidos da coligação que buscam elegê-lo governador. Ao referir-se ao seu opositor, Sartori traz fatos datados, situando os telespectadores não só no tempo, mas também no contexto político em que o país estava sendo governado pelo PT. O movimento que faz o enunciador trazer para o discurso, lineariza fatos que em 2014 estavam em evidencia, a construção do ódio ao PT.

Nessa sdr 09 vê-se a alternância entre rememorar e comemorar e os efeitos de sentido que esse jogo produz.

Na sdr 10 o tema que circula são as praças de pedágio. A enunciação do candidato inicia pelo eixo das possibilidades e não da afirmação categórica. Ao afirmar “até pode ter existido dificuldades...”, Sartori distancia as gestões de seus companheiros em relação aos problemas dos pedágios, como pode se ver na primeira parte grifada da sd abaixo

Sdr10

Olha, até pode ter existido dificuldades na questão dos pedágios, mas quem instalou nos pedágios o ida e volta para obter 33% de aumento naquela ocasião foi no governo do senhor, no governo do Olívio Dutra que realmente possibilitou isso. Nós vamos sim ter coragem de fazer sem preconceito ideológico, sem, vamos dizer, essa coisa difícil de aceitar, nós vamos fazer sim parcerias público privadas, vamos fazer concessões com controle público, bem feito, pra atender, se for possível fazer consórcios regionais junto com os municípios, junto com a iniciativa privada, nós também a faremos e nessa forma e nessa caminhada é bom que se diga que realmente não acabou o pedágio, o que acabaram foram os contratos dos pedágios, é preciso alinhar de outra maneira, de outra forma e fazer a manutenção das rodovias.

Prosseguindo-se a análise observa-se que o enunciado tem a sequência com citação de percentuais, “33% de aumento” e do nome do governador “Olívio Dutra que realmente possibilitou isso”. O que antes se apresentou no eixo da incerteza agora é trazido para “comemorar” a má gestão dos companheiros de Tarso, pela afirmação do que ocorreu de fato em período marcado, pela citação do nome de Olívio que, situando-se as condições de produção do discurso, também precisava ser desqualificado pela “comemoração” dos seus feitos em gestões anteriores, tendo em vista sua candidatura ao Senado da República derrotado pelo candidato Lasier Martins, de um dos partidos da base de Sartori.

A Sdr11 traz a contradição de Sartori em relação ao emprego dos fatos do passado em debate. Como analisou-se nas cinco Sdrs anteriores, a recorrência ao passado foi sendo feita em dois movimentos: rememorar e comemorar. Entretanto, nessa última sequência, ele tenta jogar para o adversário as mexidas no passado. Pode se ver na Sdr abaixo que Sartori usa da ironia em “Eu não entendo essa coerência tão fabulosa assim...” para atribuir ao adversário o título de incoerente.

Sdr11

Olha, quando interessa vale o passado, quando não interessa não vale o passado. Eu não entendo essa coerência tão fabulosa assim desse momento. Olha tem horas que eu não gostaria de tratar essas questões dessa maneira, mas se o Olívio não queria, se o Lula era contra o salário mínimo regional, eu acho que era porque tinha nascido de outro governo que era do governo Fernando Henrique Cardoso, talvez tenha sido por isso. Olha nós não temos problema nenhum de negociar com os trabalhadores, de negociar com os sindicatos patronais e dentro do governo eu tenho certeza que

ele receberá é a minha condução junto com o vice-governador, junto com a nossa equipe de governo, junto com todo mundo e nós vamos fazer sim um governo plural, um governo democrático, voltado para todos, para todos os setores, para todas as regiões, sem preconceito nenhum e superar esse aspecto meramente partidário e local.

A desqualificação continua sendo feita pela menção ao modo como gestores do PT trataram da questão do salário mínimo regional. Utiliza-se das afirmações condicionais “se o Olívio não queria, se o Lula era contra...” para colocar em evidência a “maldade” dos governantes do PT para com os trabalhadores ao não serem favoráveis a uma regra salarial benéfica aos trabalhadores apenas porque ela foi criada por governante de sigla contrária ao PT. Antes de enunciar isso, se justifica colocando a responsabilidade pela retomada do passado em Tarso, entretanto usou durante o debate a mesma estratégia discursiva que está condenando no adversário. Como observou-se na análise, trouxe fatos, datas e nomes como forma de construir, de fazer com que os telespectadores visitassem a história das gestões de Lula, Olívio e Tarso e situassem nelas acontecimentos provocados por esses gestores, fatos que os desqualificam como governo.

Considerando-se as noções de rememorar/comemorar, torna-se importante dizer que o passado evidenciado pelo candidato Sartori coloca-se com dois funcionamentos discursivos distintos. Ao trazer à memória da sua gestão frente ao município de Caxias do Sul ele se legitima como candidato qualificado para governar o Rio Grande do Sul. Nas suas incursões pelo passado, deixa de lado nome dos seus companheiros de chapa, de seus apoiadores presentes na coligação e com isso individualiza-se, assume o lugar de quem será o mandatário máximo, como se seu passado político não estivesse relacionado a um partido. Assim a memória da sua gestão municipal serve apenas para rememorar, celebrar o bom gestor que é.

Por outro lado, ao trazer a história datada e localizada das gestões de Tarso e de seus companheiros de partido, lineariza insucessos desses gestores para um território mais amplo do que o de apenas um município. A situação de interlocução em que se encontram os candidatos Tarso e Sartori possibilita, via canal televisivo, que todos os gaúchos tomem conhecimento do que foi a gestão de Sartori, rememorada por ele mesmo, porém os benefícios ou malefícios por ele provocados dizem respeito apenas aos caxienses. Já quando fala acerca das gestões de Lula, Tarso e Olívio ele está presentificando benefícios e malefícios causados por essas gestões para todo o Rio Grande do Sul. Não coloca para o telespectador apenas vestígios de uma memória, mas a história vivida por cada um que viveu durante os períodos em que esses governantes governaram.

Nesses jogos sutis entre a busca na memória e o relato de acontecimentos datados e situados, percebem-se que o discurso político se utiliza do passado conforme convém: ora fazendo incursões breves e superficiais no mesmo; ora reconstruindo com detalhes fatos, acontecimentos desse passado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise de Discurso demonstra ser mais que uma simples disciplina de análise, ela faz com que apareçam os recursos e os mecanismos de funcionamento da língua no cotidiano, que são empregadas diariamente sem que os sujeitos se deem conta disso.

Assim como mencionado na introdução, esta autora, ao ser apresentada à AD, sentiu uma curiosidade e buscou discorrer sobre um tema ao qual muitos eleitores não dão a devida atenção. Analisar o discurso político não é analisar o sujeito que o coloca em prática, mas sim analisar o sujeito político que está ali, por trás daquele discurso, buscar compreender a sua bagagem enquanto sujeito e político e também a levar os demais sujeitos a fazer, aceitando o que ele diz.

José Ivo Sartori foi o sujeito eleito, não só para ser o tema desta dissertação, mas como Governador do Estado do Rio Grande do Sul e para ser eleito ele precisou dos votos dos gaúchos de todas as regiões do Estado. Do momento da candidatura até o momento da eleição muitos discursos foram proferidos por Sartori e estes discursos foram os responsáveis por colocá-lo onde ele permanecerá durante seu mandato 2015-2018.

Os principais fatores que fizeram a diferença na campanha de Sartori e que influenciaram seu público foram que, além da sigla partidária, ultimamente os eleitores tem buscado votar na pessoa que o candidato aparenta ser durante a campanha, Sartori demonstrou, pelo que foi analisado no decorrer deste estudo, que soube constituir as suas posições sujeito no seu discurso enquanto político adequando-as e colocando-se em posições que agradaram muito os eleitores gaúchos e, por sua vez foi eleito.

Mas ele também demonstrou que sabe manipular os artifícios de um discurso que pode produzir efeitos positivos sobre seus eleitores. Sartori apresentou três posições sujeito que foram chave durante a sua campanha: filho, professor e gringo e cada uma dessas posições agradou públicos diferentes.

Ainda assim, se portando desta maneira, Sartori ainda usou a sigla na qual está inscrito e soube enaltecer os seus feitos, enquanto foi Prefeito de Caxias do Sul. Deixou de lado situações ou nomes de companheiros do mesmo partido que tiveram alguns insucessos, pois não seria adequado atrelar a sua imagem a esses.

Da mesma forma que deixou de fora alguns detalhes, Sartori soube ser bem detalhista, trazendo datas e lembrando situações para expor o partido do seu oponente Tarso, aproveitando-se do momento em que o PT estava passando por uma situação na qual ‘todos’ estavam odiando o partido, o que se constitui num mecanismo discursivo produtivo.

Durante o debate, Sartori trouxe todas as suas conquistas, enquanto Prefeito, já suas perdas e problemas ficaram omitidos na sua fala. Neste discurso político, fica fácil identificar que os momentos do passado são lembrados conforme o benefício que isso irá trazer, caso contrário que fiquem onde estão.

Além das análises que foram sendo realizadas no decorrer desta dissertação os conceitos da Teoria da Análise do Discurso foram trazidos para embasar e dar condições para que este trabalho pudesse ser feito, dentro dessa base teórica e analítica. Ainda complementando a parte teórica fez-se um apanhado importante relativo à fala pública. Já para entrar no eixo político procurou-se trazer um breve histórico do voto e do povo.

Pode-se concluir que, a partir da revelação destes mecanismos, contribuiu-se com os eleitores para que possam ter maior compreensão dos recursos de argumentação mobilizados nas campanhas políticas. Com isso acredita-se ter apontado importantes aspectos do discurso numa situação de prática sociocultural discursiva a partir da qual se elege pessoas que responderão pelo bom ou mau encaminhamento das políticas públicas que afetam a todos os cidadãos.

Este estudo encerra-se aqui, de certa forma, pois há possibilidade de ampliá-lo considerando que a gestão do candidato ainda está em curso e os arquivos que se formaram guardam uma amplitude de textos a serem analisados em outras condições de produção.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. – Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1970.

ALVES, Fernanda Vertuan. **Elementos históricos da conquista do sufrágio universal**. Disponível em <<http://fernandavertuan.jusbrasil.com.br/artigos/172396235/elementos-historicos-da-conquista-do-sufragio-universal>> Acesso em 15 de junho de 2016.

BAQUERO, Marcello. **A pesquisa quantitativa nas ciências sociais**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

Blog do Chico Pereira, Disponível em: <<http://blogdochicopereira.com/web/sartori-recebe-sua-mae-no-palacio-piratini/>> Acessado em 09 de novembro de 2016.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Kanopp. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1999.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência Política**. 22. ed. São Paulo: Malheiros, 2015.

CAZARIN, Ercília Ana. **Heterogeneidade Discursiva: relações e efeitos de sentido instaurados pela inserção do discurso-outro no discurso político de L. I. Lula da Silva**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

CIGANA, Caio. **Para Sartori, manifestações de quinta-feira provocaram temor na sociedade**. Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/08/para-sartori-manifestacoes-de-quinta-feira-provocaram-temor-na-sociedade-7180583.html>> Acesso em 10 de agosto de 2016.

CHAVES, Luiz. **Pelo 4º mês seguido, governo do RS parcela salários de servidores públicos**. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/05/31/pelo-quarto-mes-seguido-governo-do-rs-parcela-salarios-do-funcionalismo.htm>> Acesso em 10 de agosto de 2016.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos (organizadores). **História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do Discurso Político: O Discurso Comunista Endereçado aos Cristãos*. Trad. Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

_____. **A voz do povo: a fala pública, a multidão e as emoções na aurora da era das massas**. [p. 261-289] IN: COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos (organizadores). **História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

DECCA, Edgar DE. **História, Memória e Interpretação**. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina. et al. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Paulo: Claraluz, 2007.

DORNELES, Elizabeth Fontoura. **DA GERMINAÇÃO DA SEMENTE À COLHEITA DO GRÃO: análise do funcionamento das relações de identificação na formação discursiva dominante do assentado**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

Eleições 2014. Resultados para Governador do Rio Grande do Sul (2º turno). Disponível em < <https://www.eleicoes2014.com.br/candidatos-governador-rio-grande-sul/> > Acessado em 10 de outubro de 2016.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro; GODOY, Ana Boff. et al. **Glossário de termos do discurso: projeto de pesquisa: A Aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2001.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Maragatos: o partido federalista Rio-grandense (1892-1928)**. Rio Grande do Sul: Memorial do Rio Grande do Sul, 2006.

G1 RS. **Pacote de Sartori extingue 11 órgãos e deixa governo com 17 secretarias** Disponível em <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/11/governo-extingue-nove-fundacoes-e-reduz-numero-de-secretarias-no-rs.html>> Acesso em 06 de fevereiro de 2017.

Globo Comunicação e Participações S.A., Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/eleicoes/2014/noticia/2014/10/que-ele-trabalhe-certo-e-honesto-diz-mae-de-sartori-apos-eleicao-no-rs.html>

GONZÁLEZ, Rodrigo. No RS, **Sartori surpreende ao chegar ao segundo turno, analisam especialistas**. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2014-10/no-rs->

sartori-surpreende-ao-chegar-ao-segundo-turno-analisam-especialistas . Acessado em 19 de janeiro de 2016.

GRIGOLETTO, Evandra. **Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito**. Seminário de Estudos em Análise do Discurso (2. : 2005 : Porto Alegre, RS) Anais do II SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] – Porto Alegre : UFRGS , 2005. Disponível em:<http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html> ISSN 2237-8146. Acessado em 12 de novembro de 2016.

Jingle Campanha Sartori. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VHGVl5rwkFg>> Acessado em 07 de dezembro de 2015.

KEHL, Maria Rita. et al. **Rede Imaginária: televisão e democracia** – organização Aduino Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011

La Urna. **Entrevista com candidato a Governador José Ivo Sartori**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=EQGyaNlLhTA>> Acessado em 10 de dezembro de 2015.

LENZA, Pedro. **Direito constitucional esquematizado**. 18. ed. rev. atual. e ampli. São Paulo: Saraiva, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

MORAES, Alexandre de. **Direito constitucional**. 31. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico** – 6ª Edição, Campinas – SP: Pontes Editores, 2012.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos** – 12ª Edição, Campinas – SP: Pontes Editores, 2015.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. rev. e aum. – Campinas, SP: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel (1969). **Análise Automática do Discurso (AAD-69)**. In: GADET & HAK (org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Elementos para uma análise de discurso político**. Revista Barbarói do Departamento de Ciências Humanas e do Departamento de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, n. 24, p. 78-109, 1. sem. 2006. ISSN 1982-2022 on-line.

PIOVEZANI, Carlos. **Falar em público na política contemporânea: a eloquência pop e popular brasileira na idade da mídia**. [p. 290-335] IN: COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos (organizadores). **História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PLANALTO. **Lei 2.550, de 25 de julho de 1955**. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L2550.htm> Acessado em 09 de agosto de 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia** – tradução Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

REDE TV. **Primeiro bloco do debate Rede TV!/TV Pampa com candidatos de 2º turno ao governo do Rio Grande do Sul**. Disponível em
<<https://www.youtube.com/watch?v=aBqx0f93pXI>> Acessado em 01 de dezembro de 2015.

_____. **Segundo bloco do debate Rede TV!/TV Pampa com candidatos de 2º turno ao governo do Rio Grande do Sul**. Disponível em
<<https://www.youtube.com/watch?v=lQP0EWCN5oQ>> Acessado em 01 de dezembro de 2015.

_____. **Terceiro bloco do debate Rede TV!/TV Pampa com candidatos de 2º turno ao governo do Rio Grande do Sul**. Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=AoD2F1LiYqI>> Acessado em 01 de dezembro de 2015.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário Urbano: espaço de rememoração/comemoração**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

Zero Hora, Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/09/um-gringo-durao-mas-piadista-a-trajetoria-de-jose-ivo-sartori-4605568.html> Acessado em 07 de dezembro de 2015.

ANEXOS

ANEXO A

JINGLE CAMPANHA SARTORI

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VHGVI5rwkFg>

Acima de qualquer sigla acima de qualquer briga por nossa terra tão querida nossa gente mais unida

Acima da esquerda, acima da direita, acima de qualquer lado, estará o nosso Estado
Ôôô Sartori

Que o rio grande seja grande, que a vida só melhore

Ôôô Sartori

Minha alma pensa grande meu partido é o Rio Grande

Chimango ou maragato, imigrantes índios natos, nas veias dessa gente corre o sangue dos farrapos

Ele é gringo da colônia do trabalho e da paz

Ele pensa nas pessoas

Ele é o gringo que faz

Ôôô Sartori

Que o rio grande seja grande, que a vida só melhore

Ôôô Sartori

Minha alma pensa grande meu partido é o Rio Grande (2x)

Ôôô Sartori

Que a vida só melhore, Eu sou 15 sou Sartori

ANEXO B

La Urna entrevista candidato a Governador José Ivo Sartori na chinha:

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EQGyaNILhTA>

Paulo Germano (entrevistador) Começa mais um na Chinha edição especial com José Ivo Sartori candidato a Governador pelo PMDB aqui no Rio Grande do Sul

Potter (entrevistador) Candidato a gente tem acompanhado o seu programa, a gente viu o senhor tomando mate, a gente viu o senhor brincando na praça com as crianças, mas a pergunta é o seguinte: O senhor é candidato a governador do Estado ou candidato ao melhor sogro do Estado?

Sartori A Carolina é uma menina muito espetacular, mas eu quero te avisar que ela já tem namorado e tá bem encaminhada viu

Potter para Arthur viu eu te falei

Arthur Gubert (entrevistador) o governador Tarso Genro tem dito, tem lhe criticado por não apresentar propostas no seu programa político, então a gente vai te dar o espaço aqui pra fazer o seu contraponto, por favor, apresenta pra gente uma proposta do seu governo com início, meio e fim.

Sartori Primeiro vamo ganha a eleição, depois vamo monta a equipe e vamo governa bem

Arthur Gubert (entrevistador) Mas isso não é uma proposta candidato

Sartori É uma proposta

Arthur Gubert (entrevistador) Não, a gente que ouvi uma proposta sua caso for eleito, com início, meio e fim.

Sartori É isso aí

Paulo Germano realmente agora a gente tá falando sério, a gente realmente queria ouvi uma proposta do senhor candidato, por favor

Sartori Sobre?

Paulo Germano Sobre o que o senhor quiser, mas uma proposta concreta

Sartori Pode perguntar

Paulo Germano Sobre educação

Sartori Acho que a educação a primeira questão é fazer uma boa conversa, um grande diálogo com todos os professores, porque a gente sabe que a educação serve pra todos os setores e pra todos os fatores da vida da população.

Paulo Germano Mas por favor candidato uma proposta concreta pra educação ou para o que o senhor quiser. O senhor tem uma proposta concreta

Sartori Olha, faze a manutenção das escolas, faze, por exemplo, instala de que aquele professor que vai concorrer a diretor de escola ele tenha um pré-requisito

básico, de fazer curso de gestão antes. Se a comunidade onde a escola está envolvida e não teve um professor valorizado, a família não teve junto, alguma coisa vai faltar na educação, de administrar esse processo

Paulo Germano Como é que se faz a valorização do professor assim

Sartori bom, primeiro ele ganhando bem. Segundo lugar ele poder receber, se capacitar permanentemente

Paulo Germano Só não me ficou claro quanto ele tem que ganhar, quando vai ganhar bem, como vai ganhar bem, se não é possível pagar o piso, o senhor não tem...

Sartori Existem municípios no Brasil que pagam pro professor por 20 horas mais do que o piso nacional de 40 horas

Paulo Germano Com todo o respeito a proposta concreta com início, meio e fim eu não saquei. Honestamente assim qual a proposta para os professores, como ganhar mais ou como qualificar mais os professores

Sartori Sim, mas como é que tu vai fazer se tu não tem dinheiro, tô dizendo, vai ter que ter o espaço de negociação e de entendimento.

Paulo Germano Certo

Sartori Isso se faz através do diálogo, não existe outra maneira

Paulo Germano O senhor de alguma forma não tá despolitizando a campanha? Porque ser um homem simples e ser gente boa como o Potter falou antes, o senhor acha que essas são credenciais, assim, para ser governador do Rio Grande do Sul? Por exemplo, o senhor também fala que o governador Tarso Genro fica olhando no retrovisor quando critica governos do PMDB, mas na hora de retratar o jovem da colônia, que nasceu na capela de São Valentim, que cresceu no seminário, nessas horas pode olhar pro retrovisor?

Sartori Pode

Paulo Germano O Senhor não tá despolitizando a campanha?

Sartori Não, em absoluto. Nossa campanha é politizada, esclarecida e tanto é verdade que a gurizada das redes sociais, me trouxeram e me tornaram conhecido no Rio Grande do Sul todo, que talvez eu fosse o candidato mais desconhecido de todos. Segundo lugar...

Paulo Germano Mas esse seu sucesso nas redes sociais não é justamente um reflexo de uma despolitização?

Sartori Não, não

Paulo Germano O senhor parece gente boa, joga capoeira,

Sartori Quando se coloca o retrovisor não é olhar pra trás só no mal feito, tem que olhar no que foi bem feito também

Arthur Gubert digamos que o senhor se eleja, o senhor vai entrar no palácio, qual é que vai ser a sua primeira medida? Vai ser um galetão com massa, ou o senhor vai fazer alguma coisa de fato assim...

Sartori Olha, primeiro que eu vou convidar vai ser você e nós vamo inaugura lá o Galpão Crioulo

Arthur Gubert Primeira atividade como governador a gente inaugura e depois? O que que a gente faz?

Sartori A segunda é forma uma boa equipe, honesta, séria e responsável, que o primeiro princípio seja a realidade do Rio Grande do Sul, a visão de sociedade gaúcha e de como vai se relacionar com a sociedade

Paulo Germano Legal, tá formada a equipe e a medida mesmo é?

Sartori Conter os gastos

Paulo Germano Como?

Sartori Como? Cuida das despesas

Paulo Germano Deixando de gastar aonde?

Sartori Eu acho nas coisas que são inúteis

Paulo Germano Por exemplo?

Sartori Ah... Viagenzinha em demasia, et cetera daqui, et cetera de lá...Tem que poupar, não pode é se mexer naquilo que é importante pra vida das pessoas

Gustavo Foster Mas no que que pode mexer candidato?

Sartori Eu falei aqui

Gustavo Foster Viagem soluciona os gastos do Estado

Sartori tem que controla, tem que diminui, tem que faze, tem que ter maneira de faze

Potter As pesquisas no primeiro turno mostraram que o senhor seria o terceiro colocado, talvez segundo, na reta final o senhor foi o primeiro colocado né. Hoje sai uma pesquisa, o senhor vai acreditar nela?

Sartori Eu não tenho porque não acredita

ANEXO C

Primeiro bloco do debate Rede TV!/TV Pampa com candidatos de 2º turno ao governo do Rio Grande do Sul.

Bloco 1 <https://www.youtube.com/watch?v=aBqx0f93pXI>

Paulo Sérgio Pinto: Boa noite amigos neste momento a TV Pampa e a Rede Pampa em FM 96.7 em AM 970, passa, a transmitir ao vivo para todo o Rio Grande do Sul o programa Rede Pampa debate eleições 2014.

Debate com os candidatos que concorrem ao governo do estado do Rio Grande do Sul e eleitos para disputa do 2º turno das eleições. Em virtude dessa transmissão não apresentaremos pela TV pampa as edições de hoje do pampa debates, o jornal da pampa e pela rádio pampa os programas pampa na tarde e pampa na noite.

Agradecemos assim aos tradicionais anunciantes de nossa programação neste horário: GBOEX, APLUB, Daisul, CREA, Unimed, Jimo, Biscoito Zezé, Zaffari, Mudanças Julian, Instituto Oncológico Caplan.

Destacamos ainda que o programa pampa debates eleições 2014 tem o oferecimento para a TV pampa de produtos Jimo qualidade comprovada e para a rádio pampa oferecimento de Mitsubishi, Mitsubishi é na Fox rua Edu chaves 159.

Informamos que o debate terá a tradução simultânea da língua de libras, bem como informamos que todas as participações foram definidas por sorteio, inclusive o posicionamento dos candidatos no cenário do debate.

Eleições 2014 rede Pampa de debates 2º turno. O sorteio, regulamentos, foram realizados e aprovados no último dia 10, com a presença dos coordenadores das coligações. Esperando dar uma contribuição ao eleitor gaúcho e a democracia em nosso país iniciamos o debate anunciando a posição de cada candidato no cenário, número dos candidatos são: Tarso Genro, candidato número 1, José Ivo Sartori, candidato número 2. E com estes números fica definido todo o ritual do sorteio.

Tarso Genro da coligação Unidade popular pelo Rio Grande, formada pelos partidos: PT, PTB, PC do B, PPL, PTC, PR e PROS.

Candidato José Ivo Sartori da coligação Um novo caminho para o Rio Grande, formada pelos partidos: PMDB, PSD, PPS, PSB, PHS, PT do B, PSL e PSDC.

Vamos conferir agora na tela as regras que irão reger o rede pampa debate eleições 2014.

---- O debate terá 3 fases, a ordem de participação foi definida por sorteio, os candidatos terão 1 minuto para apresentação, após haverá seis rodadas de perguntas com temas previamente definidos pela produção. Em seguida, outras seis rodadas com tema livre, os candidatos terão 30 segundos para realizar a pergunta e 1 minuto e meio para resposta, réplicas e tréplicas serão de 1 minuto cada. Na conclusão os candidatos terão 02 minutos para considerações finais, o direito de resposta estará a critério da direção da rede pampa.

Paulo Sérgio Pinto: Para a fala inicial nós começaremos com o candidato Tarso Genro, 1 minuto.

Tarso Genro: Boa noite telespectadores, é uma honra estar participando desse debate com o meu adversário o ex-prefeito Sartori, minha saudação a rede pampa. Eu gostaria em primeiro lugar de agradecer a toda a comunidade, aos cidadãos e cidadãs que me escolheram no primeiro turno, para estar neste debate, estar concorrendo novamente ao governo do Estado. Eu represento aqui no Rio Grande do Sul o presidente Lula, a presidenta Dilma e tudo aquilo que se fez no Brasil nos últimos 12 anos, as grandes mudanças feitas no Brasil que nós estamos realizando aqui no Rio Grande, o Rio Grande não é mais o mesmo, o Rio Grande cresce, o Rio Grande distribui renda, o Rio Grande faz inclusão social, o Rio Grande saiu do 11º lugar na qualidade da educação básica e veio para o 2º lugar no nosso governo. Eu peço uma oportunidade para que esse trabalho não seja interrompido e que nós continuemos crescendo de bem e pra frente e de frente pro Brasil.

Paulo Sérgio Pinto: Vamos agora ao candidato José Ivo Sartori que também tem um minuto

José Ivo Sartori: Quero em primeiro lugar me dirigir a senhora e ao senhor que estão acompanhando aqui pela TV Pampa, agradecendo ao Paulo Sérgio Pinto, nosso mediador, cumprimentando também nosso adversário Tarso Genro e dizer pra senhora e pro senhor que sou muito agradecido por nos terem colocado no segundo turno e tenho a certeza que nós estamos aqui para não olhar para trás, mas olhar para frente porque para frente é que se anda e tenho certeza que nós queremos construir um governo que seja um governo simples, que seja um governo operante e de eficiência, mas acima de tudo conquistando a pluralidade e governando democraticamente. Devo dizer também que pra nós é uma satisfação desejarmos à todos que continuem com a mesma luta e continuem ouvindo o coração e nos coloquem para governar o Estado que nós sabemos como fazer.

Paulo Sérgio Pinto: Bom, nós ingressamos agora na 2ª fase do debate que é das perguntas, respostas, réplicas e tréplicas, serão seis rodadas de perguntas, respostas, réplicas e tréplicas e nós vamos começar sorteando o primeiro tema que está aqui na urna, já retiro neste momento o tema é endividamento. Quem vai perguntar é o candidato Tarso Genro, quem responde é o candidato Sartori, trinta segundos para a pergunta, um minuto e trinta segundos para resposta.

Tarso Genro: Candidato Sartori, o PMDB, o seu partido quando governava o estado fez há 15 anos atrás um acordo muito ruim para o Rio Grande do Sul que tenciona as finanças públicas do Estado até hoje e causou um prejuízo enorme e esse prejuízo ele tem que ser enfrentado. Nós estamos enfrentando esse prejuízo com a modificação dos índices de correção da dívida no Estado. Qual é a sua opinião sobre o resultado daquele acordo e esta projeção para o futuro.

José Ivo Sartori: Olha, na verdade, a correção que foi feita na época na negociação da dívida do estado do rio grande do sul ela foi feita para todos os estados brasileiros porque também interessava para o governo federal e na verdade hoje a dívida seria muito maior se não tivesse sido renegociada. Agora, hoje, o governo

federal tem 12 anos de governo, 12 anos de PT e nunca foi renegociada a dívida ela chegou, apareceu agora este ano no período extremamente voltado para as eleições. Casualmente Tarso aconteceu o seguinte em 2002 quando o senhor disputou internamente no partido e foi e ganhou internamente a condição de ser candidato a governador naquela época o candidato Lula era candidato a presidente da república e o senhor afirmou em entrevista num jornal da capital de que a negociação seria fácil e o endividamento do rio grande do sul não seria mais o mesmo. Tenho certeza que talvez esta afirmação tenha sido feita gratuitamente e tenha sido esquecida ao longo dos 12 anos tanto pelo senhor quanto pelo PT. Devo dizer que nós como governador vamos sim buscar uma alternativa que seja diferente daquela que está posta no senado hoje.

Paulo Sérgio Pinto: réplica de Tarso Genro.

Tarso Genro: o meu partido na assembleia legislativa e uma parte da bancada de oposição votou contra aquele acordo feito há 15 anos atrás, porque aquele acordo foi humilhante para o rio grande do sul e os presidentes da república que deram amparo a esta visão são presidentes da república que resultaram nesta relação do seu governo, do governo do PMDB, naquela oportunidade né, dirigido pelo governador Antônio Brito. No nosso governo, no governo da Presidenta Dilma é que ocorreu essa negociação porque eu liderei um conjunto de relações político nacionais, com governadores, com prefeitos, com parlamentares e conseguimos a primeira grande vitória, a redução de 15 bilhões de reais para abrir um novo espaço fiscal para o rio grande do sul financiar o seu desenvolvimento, portanto os seus presidentes do seu partido fizeram a dívida, nós no nosso governo estamos começando a corrigi-la e partiremos para uma segunda etapa depois reduzindo as prestações mensais da dívida.

Paulo Sérgio Pinto: tréplica José Ivo Sartori

José Ivo Sartori: olha, se é para olhar para trás eu vou afirmar aquilo que o senhor disse em 2002 mês de outubro de 2002 de que o senhor ia conseguir com o Lula a renegociação da dívida do estado. Não adianta transferir a culpa pros outros se é para olhar para trás eu vou olhar também, embora minha preocupação é olhar pra frente, olhar pro futuro, tem que renegociar a dívida diferentemente do que aí está simplesmente reduzindo as prestações para dar possibilidade de investir na infraestrutura, na segurança, na educação e na saúde, tenho certeza que a atitude que a gente tem que ter é sair do casulo e buscar conversar com os outros governadores para que mude essa centralização de recursos, nesse federalismo distorcido que nós temos no país para que encontremos uma caminhada positiva para poder o estado voltar a se reerguer e atender as necessidades e cuidar das pessoas do rio grande.

Paulo Sérgio Pinto: vamos agora ao segundo tema sorteado, aqui está o segundo tema relacionado ao meio ambiente Licenças Ambientais. Quem pergunta agora é o candidato José Ivo Sartori e quem responde é o candidato Tarso Genro.

José Ivo Sartori: nós acreditamos que o desenvolvimento do rio grande do sul ele passa pela sustentação inclusive pelo meio ambiente, sendo considerado como fator

primordial, mas ele tem que conviver equilibradamente com o processo de desenvolvimento. Acredito que eu que é preciso mais agilidade e uma profunda desburocratização para que isto não prejudique o desenvolvimento econômico do rio grande do sul. Como o senhor vê essa questão da morosidade ambiental.

Tarso Genro: hoje é um dia muito importante pro rio grande do sul porque houve a liberação do licenciamento para a construção da ponte do Guaíba feito pela Fepam em tempo recorde, um trabalho extraordinário dos técnicos do governo. Isso só foi possível porque nós reestruturamos a Fepam, nós colocamos agora o licenciamento on-line para licenciamentos mais simples, nós estamos transferindo para as prefeituras a possibilidade dos licenciamentos menos complexos também a partir de uma decisão do Concema e nós melhoramos inclusive a estrutura de funcional da Fepam, melhorando salários, reestruturando o quadro fazendo a contratação de novos técnicos para que a Fepam possa cumprir com a sua função. Quando nós chegamos no governo o serviço público em geral, no rio grande do sul, ele estava completamente deteriorado, pelo governo anterior no qual o PMDB era o principal protagonista e a Fepam não foge a regra, tava completamente desmotivada, sem condições de trabalhar, sem condições de operar e nós fizemos uma grande transformação, existe como todo mundo sabe uma sobreposição de legislação ambiental municipal, estadual e federal que tem que ser processualmente compatibilidade. Eu concordo com o Sartori de que a questão ambiental é uma questão que precisa uma melhor regulamentação ainda, mas esta mudança aqui no rio grande do sul ela já começou e começou em profundidade.

Paulo Sérgio Pinto: réplica de José Ivo Sartori, 1 minuto.

José Ivo Sartori: olha, o senhor que está em casa, a senhora que acompanha isso, quem é empreendedor sabe que não é bem assim. É uma dificuldade, muitas vezes uma licença ambiental ela gera um desconforto tão grande que parece até um julgamento, é preciso mudar todos os critérios que existem para que a Fepam e a própria secretaria sejam executores de critérios bem definidos, é preciso instalar um balcão com tempo definido, para que as soluções e as necessidades possam ser atendidas por quem requer uma licença ambiental. Eu sou daqueles que pensa um governo quando deseja ele modifica essa realidade, ele altera, ele gera um novo procedimento e essa é a caminhada que nós temos que fazer, sem burla, sem criar ambiente de desconexão, mas dentro da sustentabilidade ambiental e dentro da convivência produzindo aquilo que a natureza precisa, mas não impedindo o crescimento econômico.

Tarso Genro: essas são duas questões que foram abordadas agora, questão da dívida, questão da Fepam que são muito características dos problemas que o rio grande do sul enfrenta e que o nosso governo está enfrentando. Temos ainda um longo trabalho pela frente, por isso nós estamos pedindo a oportunidade pro povo gaúcho de continuar este trabalho a Fepam estava desconstituída porque a governadora anteriormente, que era uma governadora orientada pelo PMDB que estava no governo, ela deteriorou completamente o serviço público com aquela visão de déficit zero e a questão da dívida é outro exemplo concreto, teve que passar vários governos para nós negociássemos com a Presidenta Dilma uma

grande transformação que é a modificação dos índices de correção da dívida que abre um espaço fiscal novo para o estado se refinanciar e continuar crescendo. Não se sai de uma crise esmagando o estado e reduzindo as funções públicas do estado e sim crescendo e desenvolvendo um serviço público competente.

Paulo Sérgio Pinto: vamos agora ao terceiro tema desta primeira fase de 15 temas que estão na urna dos quais sortearmos seis, este é o terceiro tema a ser sorteado e colocado em debate entre os candidatos. Vamos ao tema educação, quem começa perguntando é Tarso genro.

Tarso Genro: o governo representado pelo PMDB aqui no estado tanto no governo Yeda como no governo Brito sucateou a educação aqui no estado, sucateou salários, sucateou escolas, não atendeu a rede física das escolas, fez um plano de demissão voluntária que demitiu seis mil professores, nós tivemos que contratar agora dez mil professores. Eu pergunto Sartori qual é o plano eventualmente se você ganhar essa eleição, que plano você adotaria para a educação pública no Rio Grande do Sul.

José Ivo Sartori: olha, a minha atitude foi muito clara inclusive perante o CPERS, sou daqueles que acha que não se faz educação sem diálogo, sem entendimento, sou daqueles também que acha que não adianta prometer uma coisa que não pode ser cumprida, porque se não vira mais uma, além da promessa, vira uma maneira, gera só frustração. Nessa caminhada devo dizer que nós tivemos uma experiência, por exemplo em Caxias do Sul, e me dá nos oito anos que fui prefeito as condições mais objetivas do mundo de ter recebido do MEC o certificado de cidade livre do analfabetismo e todo mundo sabe que lá é uma população que cresceu nos últimos anos 20,8% e nessas condições nós temos que trabalhar a educação como uma forma de melhorar os equipamentos, fazer uma grande manutenção das escolas, criando condições para que isso se transforme objetivamente na valorização do professor, amanhã é o dia do professor, quero cumprimenta-los a todos pela atividade, são e devem ser valorizados pelo salário, mas também valorizados pela atividade que exercem criando condições de que as nossas crianças e os nossos jovens tenham o seu futuro adquirido e possam estar trabalhando amanhã pro crescimento e o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, vamos levantar essa autoestima na educação que é o melhor programa de governo.

Tarso Genro: o seu partido o PMDB estava na secretaria da educação no governo anterior e a secretaria foi depois sua secretaria em Caxias do Sul. O PMDB tem uma tradição de mal serviços públicos ao estado, escolas de lata, arrocho salarial brutal aos professores, nós demos aos professores aqui no estado do Rio Grande do Sul o maior aumento salarial real da história do magistério. Nós aqui no Rio Grande do Sul fizemos um processo de formação continuada dos professores que já teve 258 mil presenças. Nós repusemos 10 mil professores, enquanto o PDV no PMDB que acostumado a prestar mal serviços ao estado e que trata o estado a partir de uma visão curta, míope, de redução de despesas, proporcionou um desastre na educação do estado do Rio Grande do Sul. Vamos olhar pra frente sim, mas vamos verificar o que os partidos, as coligações políticas fizeram no passado pra poder se orientar corretamente no futuro.

José Ivo Sartori: olha Tarso, eu acho que as vezes mesmo você acredita naquilo que você tá falando, sinceramente. Tem ainda escola de lata no rio grande do sul, produzida pelo seu governo, ainda tem escola em CTG, não é, além de outras questões é preciso medir bem e decidir com base objetivos as metas que devem ser da educação e levar a sério os índices ou indicadores da educação, nós temos que fazer uma superação desse conflito entre professores e o próprio governo para que nós tenhamos uma educação de qualidade porque não adianta dizer que agora cresceu a educação ou que os indicadores melhoraram, na verdade ele já eram lá atrás, hoje são 3,7 e na verdade a meta seria de 4 e não alcançou os 4.

Paulo Sérgio Pinto: encerrada esta primeira fase, nós tivemos a apresentação dos candidatos, depois as três rodadas com temas sorteados que foi endividamento, licença ambiental e educação. Nós vamos ao intervalo comercial, lembrando que estamos agradecendo ao GBOEX, Aplub, Daesul, Conselho Regional de engenharia, Unimed, Jimo, Biscoito Zezé, Zaffari, mudanças Julian e instituto oncológico caplan pela cessão dos espaços comerciais pertinentes ao Pampa Debates e ao jornal da pampa e aqui estamos com produtos Jimo qualidade comprovada pela TV Pampa canal 4 e pela rádio Pampa oferecimento de Mitsubishi Mitsubishi é na Fox, na rua Edu chaves, 159. Pampa debates eleições 2014.

Segundo bloco do debate Rede TV!/TV Pampa com candidatos de 2º turno ao governo do Rio Grande do Sul.

Bloco 2 <https://www.youtube.com/watch?v=IQP0EWCN5oQ>

Paulo Sérgio Pinto: pampa debates eleições 2014, num oferecimento de produtos Jimo qualidade comprovada que patrocina o debate aqui na TV Pampa e Mitsubishi Mitsubishi é na Fox, na rua Edu chaves, 159. Nós vamos agora para a quarta rodada de perguntas, respostas, réplicas e tréplicas com temas sorteados. Vamos ao quarto tema sorteado, aqui está o quarto tema esporte e cultura, quem pergunta é José Ivo Sartori para Tarso Genro responder.

José Ivo Sartori: eu acredito que o esporte tem um papel importante especialmente na vida escolar das nossas escolas do rio grande do sul. A cultura é um ato de transformação das mentes da qualidade que deve existir na vida da nossa sociedade, o processo cultural é aquele que dimensiona a mentalidade e a vontade de transformação e de mudança. Pergunto ao Tarso qual é a sua visão sobre a questão do esporte e da cultura.

Tarso Genro: nós no nosso governo nós separamos né, a secretaria da cultura do esporte. Nós temos hoje aqui no rio grande do sul uma secretaria específica ara o esporte, foi fundada pelo nosso governo aprovada pela Assembleia Legislativa. A secretaria da cultura continua cumprindo as suas funções com novos recursos integrada não só no projeto do governo federal os pontos de cultura, já são 140 pontos de cultura, mas também recuperando aquelas programações voltadas pro

cinema, voltados pro teatro, voltadas pra literatura que estavam esquecidas, é bom lembrar e é bom olhar pro passado sempre que nós partimos praticamente do zero aqui, no que se refere a um projeto cultural para o rio grande do sul, porque o governo anterior tinha esvaziado completamente a secretaria da cultura e tinha colocado pra secretaria uma pessoa digna, mas que não é do ramo, não e da área, não entendia disso e não aproveitou nenhum recurso federal e também não desenvolveu aqui no rio grande do sul normas novas para incentivo a cultura, para os fundos que financiam as atividades culturais e que promovem o desenvolvimento cultural da sociedade a partir de uma visão de integração da cultura popular com a cultura erudita e promovendo os atores culturais originários da base da sociedade.

Paulo Sérgio Pinto: José Ivo Sartori.

José Ivo Sartori: Olha, eu acho que o esporte, a recreação e o lazer tem um papel importante na vida das crianças e dos adolescentes a questão das olimpíadas escolares, dos jogos escolares, houve época em que o Estado não conseguia nem fazer isso e eu pude como prefeito ajudar a organizar, a estruturar e a fazê-lo. É claro que essa é uma cultura difícil, não se pode pensar apenas no esporte pura e simples, tem que olhar muito mais abrangentemente essa questão olhando para a questão da vida que todas as comunidades podem ter essa presença, mas isso é uma parceria com os prefeitos. Na área cultural eu devo dá aqui o testemunho pessoal de que nós conseguimos colocar Caxias como capital brasileira da cultura dentro de um trabalho com todos os grupos culturais, sem preconceito, sem tabu, olhando a questão única e exclusivamente da promoção cultural da cidade, do município.

Tarso Genro: Nosso trabalho na área da cultura ele pode ser aferido em números muito concretos em comparação a forma, ao estágio que nós recebemos os investimentos culturais aqui no Rio Grande do Sul. Nós aumentamos em 516% os recursos pra cultura, instituímos os fundos de apoio ao desenvolvimento cultural originário né para estimular a criatividade popular, a implementação dos pontos de cultura que é um programa articulado com o governo federal. Hoje já são 140 pontos de cultura aqui no estado do Rio Grande do Sul e nós tivemos a honra de não só reiniciar né iniciar uma grande reforma no centro de cultura Mário Quintana que está em andamento, financiado pelo Banrisul, mas também instituímos aqui obras fundamentais como a tem a Ospa além de reestrutura a ospa que estava uma crise brutal, então nós rejuvenescemos, nós revivemos aqui no Rio Grande do Sul um período cultural extraordinariamente positivo para o nosso povo

Paulo Sérgio Pinto: Vamos agora ao quinto tema sorteado, vou tirando da urna aqui este quinto tema quem aí começar perguntando é o candidato Tarso Genro para o José Ivo Sartori CCS e FGS. Quem começa é Tarso Genro.

Tarso Genro: O nosso entendimento é que o reforçamento da máquina pública passa por uma recuperação salarial dos servidores, uma recuperação efetiva, nós pegamos os salários todos muito arrochados aqui no Rio Grande do Sul e também a reestruturação da máquina para o cumprimento de um programa e para isso instituindo novas secretarias que vão ter funções adequadas, integradas no projeto

de governo, foi isso que nós fizemos aqui no Rio Grande do Sul e está dando certo. Eu pergunto ao Prefeito Sartori qual é a sua opinião sobre essa questão.

José Ivo Sartori: Ex-prefeito em todo caso, mas sempre foi bom ter sido prefeito da onde sai realmente de cabeça erguida e posso dizer que eu tenho o maior apreço pelos servidores públicos porque eles é que fundamentam toda a máquina, constroem e tem que ser valorizados para produzirem um serviço público de qualidade sabendo que este é o papel principal de qualquer servidor, atender bem a comunidade, oferecer serviços públicos bons, aliás é isso que a sociedade se manifestou durante o ano que passou nas ruas querendo governos que funcionassem, que tivesse serviços públicos de qualidade, que atendessem e valorizassem as pessoas e dessem a elas essa condição primeira de cumprir um bom papel no exercício do atendimento ao bem comum. É nessa caminhada que nós vamos, nós queremos valorizar os servidores, dar a eles capacitação, dar a eles oportunidade de treinamento para cada vez trabalharem melhor para o papel que devem desempenhar dentro do estado. O estado sem servidor é um estado que não tem condições de realizar os serviços que devem ser prestados pra todas as comunidades, pra todas as regiões, para todos os setores e especialmente para as pessoas que mais precisam.

Tarso Genro: eu também acredito né que o Senhor acredita naquilo que está falando, mas eu vou lhe colocar duas questões relacionadas com o seu partido no governo, o senhor diz que tem apreço pelos servidores públicos, mas o seu partido fez um plano de demissões voluntárias aqui no estado e esse plano de demissões voluntárias teve um custo brutal pra educação do estado do Rio Grande do Sul porque foram seis mil professores que se demitiram naquela oportunidade, de outra parte os governos do PMDB eles ficaram notórios por aplicar brutais arrochos salariais nos servidores públicos, inclusive não pagamento aumento originários de leis estaduais que é mais um motivo de tensão financeira aqui no estado, portanto se soma a negociação da dívida trágica que o PMDB fez aqui para o estado e também o não pagamento de aumentos salariais originários de lei estadual que estão até hoje tencionando o estado através de precatórios.

José Ivo Sartori: Olha Tarso, devo dizer que pelo antes você reconheceu um pouco do passado porque na área da cultura os governos do PMDB fizeram um grande trabalho inclusive na casa Mário Quintana, devo dizer então que continua olhando pra trás, é sempre no retrovisor. Eu quero olhar pra frente, eu vou falar pra amanhã, quando eu foi governador, espero sê-lo com o apoio do senhor e da senhora, eu vou lhe respeitar do mesmo jeito e vou dizer pra todo mundo que aquilo que tá bem feito vai ter continuidade, vai ser realizado e vai ter continuidade com alegria e com satisfação, mas eu não vou desprezar e não vou olhar pra trás e dizer que o senhor fez isso ou fez aquilo ou deixou de fazer isso ou fazer aquilo, porque o Rio Grande precisa se unir e precisamos trabalhar todos juntos pra colocar o Rio Grande no papel que ele nunca devia ter saído do Conselho das Nações dos Estados Brasileiros.

Paulo Sérgio Pinto: Vamos agora ao último sorteio de temas depois teremos a rodada de temas livres e serão seis perguntas de temas livres, nós vamos tratar

agora, aqui está sorteado agronegócio, quem pergunta é José Ivo Sartori ao Governador Tarso Genro.

José Ivo Sartori: evidente que a agricultura e o agronegócio com todos os setores, a pequena produção agrícola, agricultura familiar, todos os setores tem um papel preponderante fundamental na vida econômica do Rio Grande do Sul, inclusive o produto interno bruto do Rio Grande do Sul ele é fundamentado ou se calça exatamente pelo desenvolvimento do agronegócio, da pequena agricultura e especialmente da agricultura familiar. Qual é a sua proposta para a agricultura do Rio Grande?

Tarso Genro: Nós desenvolvemos aqui no estado do Rio Grande do Sul três planos safras, é o único estado do País que tem plano safras, são 7 bilhões e 300 milhões de reais do Badesul, do Banrisul, do BNDES, da Caixa do Tesouro do Estado para promover o desenvolvimento da agricultura aqui no estado. E o moderno conceito de agronegócio que nós devemos trabalhar na minha opinião, ele está relacionado não só com o agronegócio vindo da agricultura familiar, portanto agroindústria, mas também o grande agronegócio dos grandes cultivos aqui do estado, como a soja, como o trigo né, como a orizicultura aqui no estado que teve um impulso extraordinariamente grande. Nós tivemos nesse período no nosso governo três safras extraordinariamente positivas que ajudaram, que empurraram, o desenvolvimento econômico social do estado e nós tivemos políticas específicas aqui no estado com a orizicultura, o trigo, o soja, desenvolvemos inclusive pesquisas que estão permitindo hoje o plantio da soja na várzea, por exemplo, fazendo combinação né naquele período em que o rizicultor não precisa, não pode utilizar aquele terreno para o plantio do arroz. Então há um grande desenvolvimento aqui no estado que nós faz olhar para os assentamentos, pra expodireto, para as nossas grandes empresas rurais que desenvolvem o estado e que tão colocando o estado num patamar de desenvolvimento superior na área da agricultura e do negócio.

José Ivo Sartori: eu acredito que todas as atividades agrícolas, todos os tipos de produção, embora nós tenhamos tido uma queda agora no semestre que passou, ao final do semestre agora, na parte da pecuária e na parte também referente a outra atividade agrícola. No entanto acho que é obrigação de todo mundo é olhar, porque é o que mais responde imediatamente ao desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul é justamente o agronegócio seja ele do pequeno seja ele do grande agora, nós temos que qualificar mais a oportunidade de dar condições inclusive para a mão de obra mais qualificada na área, preparando inclusive a sucessão familiar e todos os aspectos que envolvem todo o tipo de produção agrícola. Na verdade é preciso ter uma capacidade muito maior para oferecer regionalmente condições das vocações regionais serem mais desenvolvidas.

Tarso Genro: eu vou dar dois exemplos concretos da preocupação do nosso governo com esta área além dos planos safra que eu já mencionei. O programa mais água mais renda, este programa financiado pelo estado e pelo Banrisul, ele proporcionou aqui no estado a irrigação de 180 mil hectares que é mais do que tinha sido feito historicamente nesta área, excluindo evidentemente a irrigação por gravidade em lavoura de arroz. É um projeto extraordinário que tem um acolhimento

espetacular e quero também mencionar o programa recopi que reorganizou o sistema cooperativo aqui do estado, que refinanciou e mais do que isso permitiu que as cooperativas entrassem no fundopem porque a legislação anterior que nos foi legada é uma legislação que não permitia que as cooperativas participassem do fundopem. Então a visão de agricultura e de agronegócio que nós temos é o seguinte: vai do pequeno assentamento, do pequeno agricultor até o grande investidor na área rural que tem que ter uma importância estratégica num programa sério de governo.

Paulo Sérgio Pinto: 18 horas 59 minutos nós temos compromisso com a rádio bras e entrar no ar na rádio pampa, a voz do brasil o programa continua sendo gravado para ser reproduzido na rádio pampa AM/FM a partir das 20 horas. Agora depois de encerrada essas etapas, foram seis de perguntas, respostas, réplicas e tréplicas com temas sorteados, nós vamos agora as seis rodadas de temas livres, candidato perguntando o assunto que quiser ao seu concorrente as eleições 2014 governo do estado do Rio Grande do Sul em seu segundo turno, nós vamos começar pelo candidato José Ivo Sartori perguntando ao candidato Tarso Genro.

José Ivo Sartori: eu vou voltar novamente a dívida porquanto parece que essa deveria ser uma responsabilidade coletiva, vou voltar de novo e pedir pro Tarso se ele se esqueceu que em 2002 ele ia junto com o Lula que se elegeu naquela eleição renegociar a dívida do Rio Grande do Sul que não foi renegociada nesses doze anos.

Tarso Genro: O Sartori disse que não gosta de olhar pro passado, mas ele gosta de olhar pro passado também e isso me dá uma enorme satisfação. Aquela proposta que eu fiz naquela oportunidade foi a proposta que eu implementei quando eu ganhei o governo do estado e a partir disso eu fiz uma articulação política nacional que permitiu que a presidenta Dilma enviasse ao congresso nacional a primeira defesa do estado do Rio Grande do Sul contra um contrato feito há 15 anos atrás pelo governo do PMDB que enterrou as finanças estaduais, obviamente um movimento como esse exige liderança política né, os governos que me sucederam naquela oportunidade não tiveram essa iniciativa, então como não tiveram essa iniciativa não houve nenhuma resposta do governo federal, então o que deve ficar fixado aqui em relação a essa questão da dívida que os seus governos e os seus presidentes não tomaram nenhuma atitude em relação a isso, os governos que tomaram atitude foram os meus governos quando eu estava no governo com a presidenta Dilma na Presidência da República, repito é um feito extraordinário do estado abater 15 bilhões da dívida pública, abrir um novo espaço fiscal, e nos permitir iniciar uma nova etapa no ano que vem em janeiro eu pretendo lidera-la se o Rio Grande do Sul entender que eu serei né novamente governador, lidera-la pra reduzir os pagamentos mensais com os valores que são amortizados mensalmente pelo estado.

José Ivo Sartori: olha, vocês vejam bem, 12 anos e o governo do PT não conseguiu resolver o problema da dívida do Rio Grande do Sul e tão pedindo mais quatro pra fazer isso, acho que essa é uma realidade sobre a qual nós temos que ter um pouco de seriedade, um pouco de responsabilidade, eu não quero olhar pra trás e também

não vou mais aceitar provocação dessa natureza porquanto aprendi muito cedo que a gente tem que olhar pra frente, olhar pro futuro e ver que a gente precisa construir novas realidades, provocado a olhar para trás vê como as pessoas não admitem que isso se faça sempre a culpa é dos outros e sempre acham que tão certos, isso é impossível de continuar dessa maneira, dessa maneira não é possível, sempre tão certo os outros tão sempre errado, olha vamos nos respeitar e vamos ter uma atitude que realmente condiga com os interesses e com a política do Rio Grande.

Tarso Genro: não se trata de estar certo ou errado, nós estamos falando de atitudes quando nós estamos perante a função pública, depois de 2002 os dois governos que nós tivemos aqui no Rio Grande do Sul foram do PMDB ou dirigidos pelo PMDB e eles não fizeram nenhum movimento em relação a presidência da república, eles não articularam nenhuma política, eles tinham sequer força política para articular o governadores para enfrentar essa questão. Foi preciso que nós ganhássemos a eleição e a partir da vitória na eleição nós fizéssemos uma proposta pro governo federal, uma proposta representando todo o Rio Grande porque os dois governadores que me precederam não tematizaram essa questão e não tematizando essa questão não obtiveram nenhuma resposta. Então é por isso que o Sartori não quer olhar pra trás porque ele não quer examinar as suas responsabilidades quando o seu partido, quando a sua visão de mundo, quando a sua visão de política está no governo, eu quero olhar pra trás pra poder olhar muito bem pra frente é esta nossa diferença.

Paulo Sérgio Pinto: Agora vamos a segunda rodada de temas livres, desta vez o candidato Tarso Genro pergunta, obviamente, José Ivo Sartori responde.

Tarso Genro: Sartori tem uma proposta no teu programa de governo que diz o seguinte que tu queres estabelecer uma regra, eu entendo regra certamente uma lei um projeto de lei, para estabelecer um vínculo né, do crescimento da receita com o crescimento da despesa pública. Eu confesso que não entendi o que que significa isso, você poderia explicitar o que que significa estabelecer esse vínculo do crescimento da receita com o crescimento da despesa pública através de uma lei estadual?

José Ivo Sartori: olha na verdade se você não tem condições de ter recursos e de ter uma atividade que te gere oportunidade através do que você tem de receita é preciso melhorar a economia, acreditar no crescimento econômico para obter uma maior receita pra fazer o equilíbrio das finanças do Rio Grande do Sul não existe outra maneira. Até porque eu já tenho dito e vou continuar reafirmando se for o estado financeiro que existe hoje quando se sabe que inclusive a receita produzida, inclusive no governo Rigotto foi menor que a sua, do que governo da Leda foi menor que a sua e o endividamento foi muito maior no seu governo. Nenhum governo do Rio Grande do Sul endividou tanto o Rio Grande do Sul como é agora, nós vamos chegar neste ano a 11 bilhões de reais de endividamento então é preciso movimentar a economia, dá a oportunidade pra ela como sempre tenho dito. Se o governo não tem condições de auxiliar, incentivar, animar e produzir no mínimo ele não tem que atrapalhar quem produz, quem realiza, quem faz e quem executa e quem produz a nossa economia do Rio Grande do Sul, é bom que se diga que isso

se faz sim através do desenvolvimento econômico e inclusive regional de forma equilibrada pra todas as regiões e para todos os setores.

Tarso Genro: Veja, no nosso governo a receita do Rio Grande do Sul cresceu bastante em função do trabalho que nós fizemos na Fazenda sem aumentar impostos como né, não ocorreu nos governos anteriores no PMDB que tentaram ou aumentaram impostos em primeiro lugar. Em segundo lugar, foi publicado recentemente um estudo, foi publicado na Folha de São Paulo não foi publicado aqui na imprensa gaúcha, que a situação relativa da dívida do Rio Grande do Sul melhorou no nosso governo, melhorou porque, porque a relação entre a receita do estado e a dívida ela diminuiu em função de um aumento significativo da receita e esse aumento significativo da receita ele decorreu em cima de que, de um crescimento superior que nós tivemos em relação aos crescimentos do Brasil, ao crescimento econômico do País, isso se deve ao esforço do empresariado, a capacitação da classe trabalhadora, mas aos programas de trabalho que nós desenvolvemos aqui no estado induzindo a economia a crescer e a se desenvolver inclusive investimentos federais e estaduais diretamente feitos pelos governos.

José Ivo Sartori: Na verdade, nós sabemos que o endividamento hoje do Rio Grande do Sul chega a 11 bilhões de reais e a arrecadação sim aumentou, é verdade, mais que os outros governos que o senhor olha no retrovisor, cresceu muito mais e endividou muito mais, essa é a realidade das finanças do Rio Grande do Sul. Por isso é preciso trabalhar para o equilíbrio financeiro do Rio Grande, nós vamos ter que ter uma atitude proativa com todo sem penalizar nem a área social sem nada, criando condições para que o desenvolvimento se estabeleça, atrair investimentos, buscar formas negociadas inclusive no desenvolvimento regional para que as vocações regionais e as economias locais elas possam suportar e fazer com a economia tradicional que ela tenha a oportunidade de se desenvolver cada vez mais e outras matrizes econômicas porque é a única maneira de sair desse processo que nós temos de letargia financeira.

Paulo Sérgio Pinto: Vamos agora a terceira rodada de perguntas e respostas, réplicas e tréplicas, com temas livres, de livre escolha de cada candidato. Agora é a vez do Sartori perguntar e Tarso responder.

José Ivo Sartori: eu tenho certeza que o Tarso também sentiu as dificuldades financeiras do estado do Rio Grande do Sul e ele tem olhado muito pra questão contrariamente as privatizações, contrariamente as concessões e outras situações. Eu devo dizer que não existe saída para o Rio Grande do Sul investir em infraestrutura se não for através de PPPs ou através de concessões. Como o senhor vê essa questão?

Tarso Genro: Se as concessões forem feitas preservando o interesse público eu não sou contra, eu sou contra concessões que não preservem o interesse público, como as concessões que foram feitas nas rodovias aqui no Rio Grande do Sul pelo seu governo há 15 anos atrás, que trouxe um dano brutal ao estado do Rio Grande do Sul e qual é esse dano? As tarifas excessivamente caras desses pedágios fizeram deixar de circular bilhões e bilhões de reais aqui na economia gaúcha, sem a contrapartida do investimento em construção de estradas, em duplicação de

rodovias e inclusive numa preservação da estrutura rodoviária do estado que era muito mal preservada por essas concessionárias. Então, esse tipo de concessão eu não sou favorável né, porque isso leva a um dano no interesse público, leva um prejuízo pra sociedade e inclusive prejudica o desenvolvimento econômico do estado, nós somos favoráveis a parceira público privada, estamos fazendo uma aqui em Porto Alegre no Hospital da Restinga com a Prefeitura, com a iniciativa privada, aqui no porto estamos fazendo também uma PPP lato sensu, fazendo uma concessão da área portuária pra investimentos importantes. Então quando se faz uma concessão a gente tem que procurar preservar o dinheiro público e não favorecer as empresas concessionárias se não dá no que deu em relação ao preço dos pedágios aqui no estado e o cerco né, que se fez em determinadas cidades e inclusive obstaculizando o direito de ir e vir das pessoas pelo preço excessivo desses pedágios.

José Ivo Sartori: Olha, até pode ter existido dificuldades na questão dos pedágios, mas quem instalou nos pedágios o ida e volta para obter 33% de aumento naquela ocasião foi no governo do senhor, no governo do Olívio Dutra que realmente possibilitou isso. Nós vamos sim ter coragem de fazer sem preconceito ideológico, sem, vamos dizer, essa coisa difícil de aceitar, nós vamos fazer sim parcerias público privadas, vamos fazer concessões com controle público, bem feito, pra atender, se for possível fazer consórcios regionais junto com os municípios, junto com a iniciativa privada, nós também a faremos e nessa forma e nessa caminhada é bom que se diga que realmente não acabou o pedágio, o que acabaram foram os contratos dos pedágios, é preciso alinhar de outra maneira, de outra forma e fazer a manutenção das rodovias.

Tarso Genro: Nós extinguimos polos de pedágios aqui no Rio Grande do Sul, inclusive o seu lá de Farroupilha né, que era uma vergonha pro Rio Grande do Sul, o Olívio estava amarrado precisamente nesse tipo de concessão que vocês fizeram e esta amarração contratual é que foi né, foi o que formou todos os acontecimentos do pedágio aqui no Rio Grande do Sul até o momento em que os pedágios, que os contratos terminaram e nós acabamos então com as concessões, preservando portanto a legalidade do processo. Aqui no Rio Grande do Sul hoje nós baixamos em 30% preço dos pedágios, tem poupança ficando na mão da população em função né, comparando com o dano pesado que aqueles contratos de pedágio, que aquelas concessões determinaram por usurpar os usuários das estradas no Rio Grande do Sul, nós não somos contra concessões e não contra parceria público privada, nós somos contra é que se faça esse tipo de contrato pra favorecer exclusivamente as empresas particulares e levar um dano terrível ao uso da população dessas estradas que em última análise não foram nem bem preservadas aqui no Estado do Rio Grande do Sul.

Paulo Sergio Pinto: Já vencemos nove etapas de perguntas, respostas, réplicas e tréplicas, sendo que seis com temas sorteados e outras três com temas livres, vamos depois do intervalo comercial rumar para outros três temas livres lembrando que nós temos que agradecer aos patrocinadores do programa Pampa Debates Jornal da Pampa, instituto oncológico caplan, mudanças Julian, GBOEX, Aplub, Daesul, Crea, unimed, Jimo, Biscoitos Zezé, e Zaffari pela cessão do espaço dos

dois programas, da mesma forma nós temos que neste pampa debates eleições 2014 agradecer ao oferecimento muito particular de produtos Jimo qualidade comprovada para a tv pampa e para rádio pampa oferecimento de Mitsubishi, Mitsubishi e na Fox, rua Edu chaves, 159. Informamos que o debate continua com tradução simultânea na linguagem de libras, bem como temos todas as informações aqui no programa que são definidas por sorteio convém ressaltar isso, todo o programa eleições 2014 do pampa debates foi definido por sorteio. Nós vamos agora dar acesso aos assessores dos candidatos, neste intervalo comercial aqui a sua tv pampa, até já.

Terceiro bloco do debate Rede TV!/TV Pampa com candidatos de 2º turno ao governo do Rio Grande do Sul.

Bloco 3 <https://www.youtube.com/watch?v=AoD2F1LiYqI>

Paulo Sergio Pinto: retornamos com o Pampa Debate eleições 2014, um oferecimento para a TV Pampa de Jimo qualidade comprovada e para a Rádio Pampa de Mitsubishi, Mitsubishi é na Fox na Edu Chaves, 159. Vamos agora para a última etapa das perguntas, respostas, réplicas e tréplicas, serão três e quem vai começar perguntando agora é o candidato Tarso Genro escolhendo o tema e obviamente José Ivo Sartori responde.

Tarso Genro: Salário mínimo regional, nosso entendimento é que o salário mínimo regional e a sua elevação é um elemento em política econômica de política de desenvolvimento aqui no estado do Rio Grande do Sul e isso aí deu certo. O Rio Grande do Sul em 2013 a partir de outras medidas do Governo Estadual cresceu a renda das famílias do Brasil o dobro da renda, a renda das famílias gaúchas cresceu o dobro da renda das famílias brasileiras. Seu vice é contra o salário mínimo regional, qual é a sua opinião sobre isso

José Ivo Sartori: Olha, ele não é diferente do que o Lula fez e do que o Olívio fez. O Lula chegou a pensar em atuar contra a lei que foi criada durante o governo Fernando Henrique Cardoso e o Olívio foi só aplicar um ano depois porque tinha pensado até em entrar na justiça. Isso nós não temos problema, o Estado é mediador desse processo, ele tem que ter a qualificação, eu já disse pro Tarso, tô dizendo pro Senhor, tô dizendo pra Senhora que isso que está entre as negociações e o Estado mediador, aquilo que for bom nós vamos continuar e vamo aquilo que precisa ser revisado vai ser revisado. Então não precisa se preocupar com o que os outros fazem, o que deixaram de fazer, mas como você aponta muitas vezes para trás eu fui obrigado a ir pesquisar e fazer algumas coisas porque fazem tempo que tão pesquisando sobre a minha vida também e querem olhar pra trás, não, eu assumo meu lado assumo meus papeis, sempre usei isso com dignidade e vou continuar fazendo da mesma forma, acho que está negociação é uma negociação positiva, ela é importante e ela vai ser feita sem ranços, sem preocupação com quem iniciou esse processo, que nem quem foi contra nem quem praticou esse processo que tá aí.

Tarso Genro: O senhor olha pro passado as vezes, mas olha com os olhos meio fechados. O Olívio ele valorizou o salário mínimo regional e o Lula tentou, aprovou um processo de valorização do salário mínimo contra o seu partido que era contra a valorização do salário mínimo nacional e nós aqui valorizamos o salário mínimo regional e demos aumentos reais e vamos continuar dando. O senhor não respondeu se o senhor é favorável ou não a valorização do salário mínimo regional porque o seu vice lidera um grupo empresarial, nem todos os empresários são contra, que não querem a valorização do salário mínimo regional, ou seja, não querem distribuir renda através de normas de lei estadual para os mais pobres. O que eu lhe perguntei não está respondido, o senhor vai continuar valorizando o salário mínimo regional como nós estamos fazendo ou não. Isso não é uma pergunta sobre a honra e nem sobre o passado, é uma pergunta da função pública que o senhor tem que ter opinião e deve responder na minha opinião.

José Ivo Sartori: Olha, quando interessa vale o passado, quando não interessa não vale o passado. Eu não entendo essa coerência tão fabulosa assim desse momento. Olha tem horas que eu não gostaria de tratar essas questões dessa maneira, mas se o Olívio não queria, se o Lula era contra o salário mínimo regional, eu acho que era porque tinha nascido de outro governo que era do governo Fernando Henrique Cardoso, talvez tenha sido por isso. Olha nós não temos problema nenhum de negociar com os trabalhadores, de negociar com os sindicatos patronais e dentro do governo eu tenho certeza que ele receberá é a minha condução junto com o vice-governador, junto com a nossa equipe de governo, junto com todo mundo e nós vamos fazer sim um governo plural, um governo democrático, voltado para todos, para todos os setores, para todas as regiões, sem preconceito nenhum e superar esse aspecto meramente partidário e local.

Paulo Sergio Pinto: agora vamos para mais uma etapa, Sartori continua com a palavra perguntando. Trinta segundos

José Ivo Sartori: Olha, uma das grandes preocupações da sociedade gaúcha, das famílias, das pessoas, das entidades, das organizações, das comunidades com certeza o senhor e a senhora que estão nos vendo aí, nos acompanhando, com certeza é a questão da segurança. A segurança tem gerado evidentemente preocupações muito profundas em toda a sociedade gaúcha, em todas as regiões, em todos os lares. Como o senhor pretende conduzir esse processo diante da situação existente.

Tarso Genro: Primeiro eu quero reafirmar, nós vamos continuar valorizando o salário mínimo regional porque isso é um elemento importante de distribuição de renda né, para as famílias mais pobres, esta é a nossa posição que eu quero deixar bem clara. Em relação a segurança pública nós estamos, nós reestruturamos os quadros da polícia, nós estamos fazendo concurso pra admitir mais brigadianos, nós estamos aplicando né aquele nosso programa de policiamento comunitário, inclusive fizemos isso com o senhor lá em Caxias do Sul foi uma boa relação de trabalho que estabelecemos, nós estamos esvaziando o presídio central que é uma fonte de reincidência que se reclama há quarenta anos o fechamento do presídio central, nós conseguimos dar andamento e fazer novas penitenciárias aqui no Estado e até o fim

do mês de quase quatro mil e quinhentos presos que tinham no presídio central ficarão apenas quinhentos e provavelmente até a metade do ano que vem essa chaga não terá mais aqui no Rio Grande do Sul e nós estamos com as patrulhas Maria da Penha também reduzindo os homicídios das mulheres além de combater duramente as quadrilhas no enfrentamento direto que estão sendo feitos conhecidos por toda a sociedade, nós reduzimos aqui no Rio Grande do Sul em 32,5% os feminicídios, os homicídios de mulher, temos muitos a fazer ainda na segurança pública, porque era um aparato totalmente sucateado com salários arrochados e com inclusive resistência para a aplicação de programas como esse programa que nós estamos aplicando agora com a colaboração da Polícia Civil e da Brigada Militar.

José Ivo Sartori: Olha, a insegurança é de certa forma uma marca tão profunda na vida da nossa sociedade gaúcha nos dias atuais e devo dizer inclusive o próprio governo federal investe muito pouco na segurança ou quase nada, não cuida nem das fronteiras e essa é a realidade que tá aí é preciso modificar isso e sou favorável inclusive a uma questão da criação de um fundo nacional de segurança pra que junto com os estados, junto com os municípios se trabalhe diferentemente. Eu tive a oportunidade sim e assumi e banqueei lá a polícia comunitária em Caxias do Sul, fomos o primeiro município, e tenho certeza que ajudamos a debelar muitas questões, mas criamos também um trabalho na escola, junto com as entidades e todas as organizações para justamente criarmos uma cultura da paz e a cultura da não violência, essa violência que tá aí não pode ser uma coisa natural como nos dias atuais.

Tarso Genro: A situação da segurança pública no estado do Rio Grande do Sul ela não é boa, ela está melhorando, mas ela estava muito pior a segurança pública do Estado em função de falta de políticas de segurança pública que agora estão sendo implementadas a partir da recuperação inclusive da polícia civil e da brigada militar a quem nós temos que agradecer pelo trabalho duro que está sendo feito, aliás eu quero lembrar que aqui em Santa Catarina, no Rio de Janeiro, em São Paulo né se incendiavam cem ônibus por dia, por por mês né, são ônibus e ônibus que são incendiados, ataques de quadrilha, combates nas ruas, ocupação de território pelos criminosos e nada disso acontece aqui no Rio Grande do Sul, o que não quer dizer que a situação da segurança do Estado seja boa, não é boa, nós estamos trabalhando duramente para melhorá-la com programas de profundidade, com policiamento comunitário, com o esvaziamento do presídio central, há uma melhora da ação da polícia né, que resolvia só vinte por cento dos homicídios e agora resolve setenta e dois por cento e nós vamos continuar nesse caminho, esse é o melhor caminho para o Rio Grande.

Paulo Sérgio Pinto: Nós vamos agora para a última rodada das perguntas, respostas, réplicas e tréplicas ainda com tema livre. Quem pergunta é o candidato Tarso Genro, quem responde lógico é o candidato José Ivo Sartori.

Tarso Genro: Eu não compreendi a sua resposta pra este ponto do seu programa que estabeleceu um vínculo entre o crescimento da receita e os gastos públicos, o que vai dizer essa lei e quais os gastos públicos que serão cortados se não tiver

um crescimento da receita previsível, será na área da saúde, na educação, será não pagamento de salários como ocorreu durante o governo do PMDB que o pessoal tinha que ir no Banco do Brasil, no Banco do Rio Grande fazer empréstimo. O que que significa isso eu preciso entender pra poder me posicionar a respeito desse assunto.

José Ivo Sartori: O senhor pode se posicionar a hora que o senhor quiser porque se o dia que o senhor depender da minha opinião pra se posicionar daí nós estamos muito mal. Eu sempre considere que o senhor tem uma atitude, tem uma presença, o senhor é uma pessoa capaz, é inteligente e com certeza não precisa dessas situações querendo colocar num outro nível esse processo. Devo dizer que eu coloquei claramente aqui que diante da situação financeira do estado do Rio Grande do Sul não existe outra maneira e outra forma que não seja aquele de provocar o crescimento e o desenvolvimento econômico, procurar atrair investimentos, melhorar a formação, inclusive da nossa juventude, criar condições de emprego e renda para mudar essa realidade e evidentemente que na área pública também não precisa gastar onde não precisa. Agora, não venham atirar pra mim que eu vou mudar uma coisa aqui ou lá porque campanha eleitoral, às vezes, serve pra tudo, da minha parte o senhor não vai ter essa desfeita, agora dizer que não.. iniciativa privada, as PPP's para a questão vamos dizer das estradas, das rodovias e tantas outras atividades, as concessões nesta área, os consórcios regionais pra outras atividades econômicas todas elas nós temos que fazer isso e é necessário que se faça, não existe outra maneira.

Tarso Genro: Não, o senhor tá enganado, eu preciso da sua opinião, eu também lhe considero uma pessoa inteligente, uma pessoa que tem responsabilidade pública, nós temos é divergências programáticas, de visão de como tratar o setor público, por isso que eu disse que não compreendi o senhor diz no seu programa de governo, está escrito né de maneira formal, regra pra estabelecer um vínculo entre o crescimento da receita e as despesas públicas, esta regra ela atinge a execução orçamentária e essa execução orçamentária ela tem pontos chaves que são obrigatórios, salários, por exemplo, que são determinados por lei, doze por cento pra saúde né, o seu governo pagava 6,7%, o nosso doze por cento, recursos pra educação né, que são também recursos extremamente importantes, então essa regra vai dizer o que em relação aos gastos públicos, eu quero saber porque até quem sabe se for uma boa ideia eu posso colocar no meu programa de governo, eu não acredito que seja uma boa ideia porque aí tá pra mim uma visão de arrocho salarial e de redução dos investimentos públicos.

José Ivo Sartori: Olha o preconceito é uma coisa odiosa e quem se antecipa pra dizer pros outros como eles vão fazer com certeza tem muito do preconceito ideológico, o político e as vezes monopolista do processo. Nós já dissemos, nós vamos governar de forma plural, de forma democrática, vamos trabalhar pra crescer na infraestrutura, melhorar a educação, melhorar a saúde, melhorar, enfim, todas as questões sociais com política e fazer grandes parcerias com os municípios até pra repartir as dificuldades e os problemas existentes, mas acima de tudo devo lhe dizer fique tranquilo que nós não vamos mexer nem nos direitos das pessoas e dos servidores porque eles são a base mais importante da construção de um processo

de reabilitação do Estado de colocá-lo no papel de erguimento do qual ele nunca deveria ter saído.

Paulo Sergio Pinto: Nós vencemos assim a última etapa das perguntas, respostas, réplicas e tréplicas, já passamos pelos seis temas sorteados endividamento, licenças ambientais, educação, esporte e cultura, CC's e FG's, concluindo com o agronegócio. Depois seis temas de livre escolha dos candidatos e agora nós vamos rumar para as conclusões dos candidatos, teremos dois minutos para que os candidatos possam se dirigir ao nosso telespectador, ao ouvinte da rádio pampa espalhado por todo esse Rio Grande do Sul com as nossas quatro geradoras de televisão, nas nossas cento e seis retransmissoras e a rádio Pampa que hoje está em FM e AM transmitindo esse debate também para o Rio Grande. O candidato José Ivo Sartori tem dois minutos para suas conclusões.

José Ivo Sartori: Primeiro lugar eu gostaria de agradecer a senhora e o senhor que com sua luta seu trabalho junto com a nossa coligação “Um novo caminho para o Rio Grande”, junto com o Cairoli, junto com o senador Simon, com todos os partidos que nos acompanharam, com aqueles que estão se somando agora conosco, você que pensou bem com o seu coração porque ali não tinha erro na pesquisa e com certeza nós vamos continuar trabalhando agora somados ao PP, ao PRB, ao DEM, ao Solidariedade, ao PSDB e outros partidos que com certeza nos acompanharão nessa caminhada de transformação e de mudança do Rio Grande. Eu tô lhe pedindo, solicitando, venha junto conosco, continuemos tentando fazer uma campanha limpa, propositiva, sem olhar pra trás, olhar pra frente, o Rio Grande tá precisando de todos nós vamos trabalhar conjuntamente para reabilitar o nosso Estado criando condições de fazer as mudanças e as transformações que foram solicitadas pela população, fazer um governo simples, honesto, eficiente, cuidando bem das pessoas, dando a elas oportunidade de transformação e de mudança verdadeira cumprindo o papel que deve ser do nosso Estado junto com os servidores, amanhã é o dia do professor, meu caro professor meu abraço tenho certeza que através do diálogo, do entendimento, da negociação nós vamos superar essas dificuldades e construir uma educação de qualidade porque a educação é com certeza o elemento fundamental de todo o desenvolvimento do nosso Rio Grande e nessa caminhada nós contamos com todos, com servidores, com professores valorizados construindo um Rio Grande diferente sem ódio e sem rancor e olhando pra frente e olhando pro futuro do Rio Grande, eu sou Sartori e o meu partido é o Rio Grande.

Paulo Sergio Pinto: Agora o candidato Tarso Genro também tem seus dois minutos pra conclusão.

Tarso Genro: Se não vai mexer em direitos não precisa regra porque tudo está previsto no orçamento e os direitos também estão previstos na lei. Eu quero agradecer a vocês o acompanhamento desse debate, eu sou o Governador do Estado eu estou me propondo a continuar governando o Estado por mais quatro anos, manter o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social pra dialogar com toda a sociedade, promover um crescimento no Estado superior ao Brasil, aumentar a renda das famílias e encaminhar as grandes questões estratégicas do Estado. O

Rio Grande do Sul não é mais o mesmo o Rio Grande do Sul começou a mudar, os investimento que a Presidenta Dilma tem trazido aqui para o Estado, agora a duplicação da 290, ponte do Guaíba, a continuidade da 448, mais duas faixas pra 116, a duplicação entre Porto Alegre e Pelotas, Rio Grande – Pelotas e assim por diante, o Rio Grande do Sul está tendo um surto de crescimento qual é o pedido humilde que eu faço a vocês, não vamos interromper esse processo, aqui no Rio Grande do Sul agora a grande novidade é a continuidade de um programa que está dando certo que tirou o Rio Grande do Sul do fundo do poço, do arrocho salarial, da falta de crescimento econômico, da falta de emprego, que atraiu empresas aqui para o Estado como nunca aconteceu, através da sala do investidor, da reorganização da Secretaria do Desenvolvimento, da Agência Gaúcha de Desenvolvimento, retiramos o mais brutal arrocho salarial que se colocava sob a cabeça dos servidores aqui no Estado, demos um aumento aos professores e amanhã é o Dia do Professor, maior aumento da história do magistério do Rio Grande do Sul, isto é uma conquista de todo o povo. Quando a gente dialoga aqui com um debate e a gente olha pro passado a gente não olha pra ofender as pessoas, aqui não saiu nenhuma ofensa de um contra o outro, nós estamos olhando para ver como as pessoas se comportam quando estão no governo porque programa de governo é apresentado, agora a sua execução é concreta através dos agentes políticos como nós somos aqui, eu peço o seu voto e peço uma..uma..um acordo pra gente continuar governando bem junto com o povo gaúcho.

Paulo Sergio Pinto: Queremos agradecer neste encerramento do Programa Pampa Debate Eleições 2014 aos candidatos Tarso Genro - José Ivo Sartori pela maneira, é, obviamente cordata com quem como participaram do programa não poderia ser diferente com pessoas de tão alto nível como são os dois candidatos. Então nós da rede Pampa esperamos ter contribuído dessa forma com o eleitor gaúcho, com a democracia do nosso país para que continuemos esse processo de bem informar, de trazer opiniões e de trazer projetos para que possamos fazer com que este Rio Grande do Sul seja cada vez melhor. Muito obrigado ao Governador Tarso Genro, obrigado a José Ivo Sartori pelo carinho que atenderam ao chamamento da rádio e da tv pampa da rede pampa enfim, para estar conosco e de resto estar com o povo do Rio Grande do Sul que nos assiste e nos ouve. Agradecemos aos nossos tradicionais anunciantes dos programas da tv pampa, do pampa debates e jornal da pampa, o GBOEX, Aplub, Daesul, Crea, Unimed, Jimo, Biscoitos Zezé, Zaffari, mudanças Julian, Instituto Oncológico Capla e agradecemos também a parceria de produtos Jimo qualidade comprovada, e Mitsubishi, Mitsubishi é na Fox na rua Edu Chaves, 159. Muito obrigado pela sua atenção, muito obrigado pela parceria, por todos esses momentos que tivemos o prazer de ouvir esses dois candidatos de alto nível e que trouxeram soluções para o Rio Grande dentro do programa que seus partidos pretendem para o Rio Grande, estamos muito satisfeitos e podemos proclamar o dever foi cumprido no primeiro e no segundo turno. Muito obrigado, boa noite!